



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Luiz Otávio Maia Monteiro

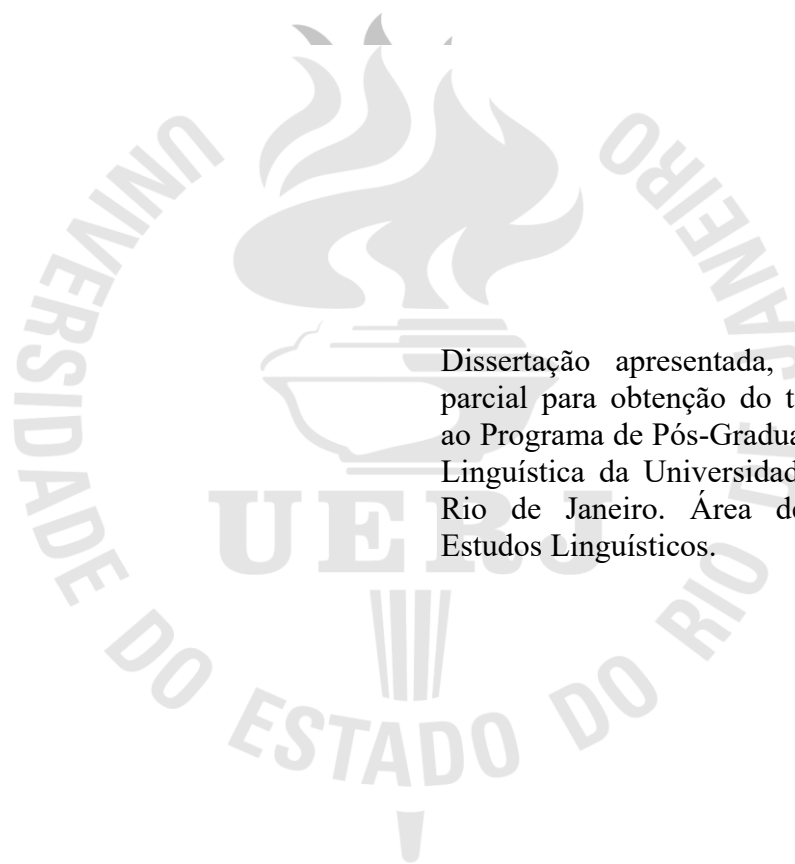
Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual

São Gonçalo

2024

Luiz Otávio Maia Monteiro

Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M775 Monteiro, Luiz Otávio Maia.
TESE Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual / Luiz Otávio Maia Monteiro. – 2024.
102f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Gramática comparada e geral - Preposições - Teses. 2. Anáfora (Linguística) – Teses. I. Wiedemer, Marcos Luiz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 5190 CDU 801.52

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luiz Otávio Maia Monteiro

Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 4 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dr.^a Quezia dos S. Lopes Oliveira
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Cassiano Luiz do Carmo Santos
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

São Gonçalo

2024

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Silvana e Romilton, e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Desejo prestar meus mais sinceros e profundos agradecimentos a todos aqueles sem os quais eu não teria sido capaz de obter êxito na produção desta dissertação. Saibam de antemão que todos vocês desempenharam um papel crucial nessa jornada.

Seria impossível iniciar estes agradecimentos sem direcioná-los ao meu orientador, o Professor Doutor Marcos Wiedemer, pois seus conhecimentos, sua experiência e sua sapiência foram indispensáveis para o desenvolvimento desta pesquisa. Outro fator diferencial nessa relação, e que me é muito caro, foi o acolhimento. Mesmo nos momentos de mais dúvidas, houve uma preocupação em conduzir tudo da melhor e mais confortável maneira possível, sem, contudo, sacrificar a qualidade de nosso trabalho. Professor, muito obrigado por dividir tantos ensinamentos e por possibilitar que eu me aprofundasse mais nesse mundo tão desafiador e encantador que é a Linguística.

Estendo esses agradecimentos também aos componentes da banca examinadora, os Professores Doutores Quezia Oliveira e Cassiano Santos. Todas as contribuições que me forneceram enriqueceram significativamente esta pesquisa; as observações que fizeram foram de grande diferença no decorrer destas investigações. Agradeço ainda à UERJ-FFP, instituição que, por tantos anos, foi como a minha segunda casa. Ali eu pude contar com ensinamentos de excelência que se estendem desde a academia até a vida cotidiana.

Minha gratidão se estende ainda à rede de apoio com a qual pude contar durante essa jornada tão prazerosa quanto árdua. À minha mãe, Silvana da Silva Maia, que desde o início de meus estudos sempre acreditou em mim, me dando todo amor e carinho e fazendo com que eu acredite em mim, em meus sonhos e em meu potencial; ao meu pai, Romilton Monteiro, um modelo de integridade, amor e dedicação à família; à minha irmã, Camila Maia, que sempre me apoiou; e aos amigos, que certamente são os melhores que eu poderia ter.

Destaco especialmente Thainá Rezende, que, com seu jeito doce e atencioso, vibra e torce por todos os passos que eu dou; Juliana Felicidade, que se tornou peça indispensável em minha vida, um presente imensurável que a UERJ me deu; Amanda Canellas, outro presente da UERJ, primeiro rosto que ali encontrei e desde então me apoia e acompanha; Catarina Borges, que, mesmo distante, está sempre tão perto, me mostrando o quão especial eu posso ser. Aos que não foram nominalmente mencionados, saibam que todos vocês, cada um à sua maneira, fazem parte dessa tão sonhada conquista. Obrigado, queridos!

No construyas muros en tu corazón
Lo que hagas siempre hazlo por amor
Con las alas, contra el viento
No hay nada que perder
No te quedes con tu nombre escrito en la pared

RBD

RESUMO

MONTEIRO, Luiz Otávio Maia. *Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual*. 2024. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta dissertação tem como objetivo investigar os contextos de usos das microconstruções **antes de**, **diante de**, **em frente a (de)** e **em face de**, formadas pelo esquema [X_{Adv} . Y_{Prep}] $_{Adv. Prep.}$], a partir da análise de amostras de usos da língua, evidenciando a fluidez categorial a depender do contexto comunicativo em que estão inseridas. Desse modo, nossa hipótese é de que essas microconstruções desempenham o papel não apenas de expressões locativas/temporais, mas também podem atuar como mecanismos de coesão como anáforas encapsuladoras. Para tanto, assumimos a Abordagem Construcionista da Gramática (Croft, 2001; Goldberg, 1995; Traugott, Trousdale, 2013), que considera a língua como uma representação cognitiva da experiência humana, sendo influenciada pelo contexto social e pragmático. Para a análise, utilizamos 43 amostras extraídas do **Corpus do Português** (Davies, 2019) e a metodologia utilizada é de natureza qualiquantitativa. Os resultados gerais apontam que **diante de** apresentou maior produtividade que as demais. Outrossim, demonstrou-se que **antes de**, **diante de** e **em face de** atuam como indicadores de espaço anterior, apresentando relação causal com a oração anterior quando aliadas a um demonstrativo neutro. Isso sugere que tais noções de localização espacial são metafóricas: quando essas microconstruções estão associadas a referentes mais concretos, tendem a apresentar sentido mais espacial; já quando vinculadas a itens mais abstratos, adquirem valor mais adverbial, propiciando o encapsulamento. **Em frente a (de)** e **em face de** apresentaram particularidades em relação às demais. **Em face de**, como encapsulador daquilo que foi dito previamente, é usada para indicar conclusão e/ou considerações baseadas em argumentos anteriores, enquanto **em frente a (de)** não mostrou evidências de atuação como encapsulador; apresentou-se mais ligada ao sentido locativo.

Palavras-chave: preposições complexas; encapsulamento por apontamento; gramática de construções baseada no uso.

ABSTRACT

MONTEIRO, Luiz Otávio Maia. *Encapsulation and retroactive-propulsive sequencing: the use of constructions with complex prepositions in textual articulation*. 2024. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation aims to investigate the usage contexts of “antes de”, “diante de”, “em face de” e “em frente a (de)”, formed by the scheme [X_{Adv.} Y_{Prep.}]_{Adv. Prep.}, from the sample analysis of language uses, showing the categoric fluidity depending on the communicative contexts in where are there. The hypothetic investigation is that those constructions do not only work as locative/temporal expressions; they might also work as cohesively mechanisms, such as “anáforas encapsuladoras”. To this end, Constructionist Approach to Grammar (Croft, 2001; Goldberg, 1995; Traugott, Trousdale, 2013) had been used. It considers language as a cognitive representation of human experience, being influenced by the social and pragmatic contexts. For the analysis, 43 samples extracted from the “Corpus do Português” (Davies, 2019) were used and the methodology used is qualitative-quantitative. The general results indicate that “diante de” presented higher productivity than the others. In addition, it was demonstrated that “antes de”, “Diante de”, and “em face de” act as indicators of anterior space, presenting a causal relationship with the previous clause when combined with a neutral demonstrative. It suggests that such notions of spatial location are metaphorical, but when these microconstructions are associated with more concrete referents they tend to have a more spatial meaning, while when linked to more abstract items they acquire a more adverbial value, providing encapsulation. “Em frente a (de)” and “em face de” presented particularities in relation to the others. “Em face de”, by encapsulating what was previously said, is used to introduce conclusions and/or evaluations based on the previous arguments, while “em frente a (de)” did not show evidence of acting as an encapsulator; it had been showed linked to locative noun phrases.

Keywords: complex prepositions; “encapsulamento por apontamento”; usage-based construction grammar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Exemplo 01 em análise: diante de	14
Quadro 2 –	Exemplo 02 em análise: em face de	14
Quadro 3 –	Exemplo 03 em análise: em frente de	16
Quadro 4 –	Exemplo 04 em análise: diante de	29
Quadro 5 –	Exemplo 05 em análise: diante de	29
Quadro 6 –	Exemplo de anáfora	40
Quadro 7 –	Exemplo de anáfora	41
Quadro 8 –	Exemplo 06 em análise: diante de	43
Quadro 9 –	Retomando o exemplo 02 em análise: em face de	46
Quadro 10 –	Exemplo 07 em análise: diante de	47
Quadro 11 –	Comparação entre os exemplos 06 e 02: diante de e em face de	49
Quadro 12 –	Exemplo 08 em análise: em frente a	57
Quadro 13 –	Exemplo 09 em análise: em frente a	57
Quadro 14 –	Retomando o exemplo 03 em análise: em frente de	57
Quadro 15 –	Exemplo 10 em análise: antes de	59
Quadro 16 –	Exemplo 11 em análise: diante de	59
Quadro 17 –	Exemplo 12 em análise: antes de e diante de	61
Quadro 18 –	Exemplo 13 em análise: antes de	62
Quadro 19 –	Exemplo 14 em análise: diante de	62
Quadro 20 –	Exemplo 15 em análise: em face de	62
Quadro 21 –	Papéis semânticos e o tratamento da categoria cognitiva ESPAÇO	65
Quadro 22 –	Exemplo 16 em análise: antes de	67
Quadro 23 –	Exemplo 17 em análise: antes de	67
Quadro 24 –	Exemplo 18 em análise: antes de	67
Quadro 25 –	Retomando o exemplo 08 em análise: em frente a	71
Quadro 26 –	Em frente a	72
Quadro 27 –	Retomando o exemplo 12 em análise: antes de e diante de	72
Quadro 28 –	Exemplo 19 em análise: diante de	73
Quadro 29 –	Exemplo 20 em análise: antes de	73
Quadro 30 –	Exemplo 21 em análise: antes de	75

Quadro 31 – Exemplo 22 em análise: diante de	75
Quadro 32 – Exemplo 23 em análise: antes de	78
Quadro 33 – Exemplo 24 em análise: antes de	79
Quadro 34 – Exemplo 25 em análise: antes de	80
Quadro 35 – Exemplo 26 em análise: antes de	82
Quadro 36 – Comparação entre as microconstruções de encapsulamento por encapsulamento	84
Quadro 37 – Resultados parciais	85
Quadro 38 – Exemplo 27 em análise: em face de	85
Quadro 39 – Retomando o exemplo 15 em análise: em face de	87
Quadro 40 – Exemplo 28 em análise: em face de	88
Quadro 41 – Diante de e em face a(de): padrões de uso	89

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção	25
Esquema 2 – Níveis de esquematicidade construcional	28
Esquema 3 – Esquematicidade da construção de encapsulamento por apontamento	30
Esquema 4 – Componentes conceituais	58
Esquema 5 – Componentes conceituais em frente a	58
Esquema 6 – Esquema de projeção de um espaço mental a outro	66
Esquema 7 – Micropassos da mudança linguística	74
Esquema 8 – Analisabilidade e composicionalidade	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Frequência de usos da construção de encapsulamento por apontamento.....	56
------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
LC	Linguística Cognitiva
LT	Linguística Textual
PB	Português Brasileiro
SN	Sintagma nominal

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA	21
1.1	A construção como unidade de análise	21
1.2	Gramática de construções: desdobramentos	23
1.3	Gramática de Construções: conceitos gerais	24
2	REVISITANDO CONCEITOS	33
2.1	As preposições complexas	33
2.2	Linguística textual: conceitos e contribuições	35
2.3	Coesão e referenciação	38
2.4	Anáforas: tipos e definições	39
2.4.1	<u>A anáfora encapsuladora</u>	42
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	52
3.1	A composição do <i>corpus</i>	52
3.2	Os critérios de análise	54
4	ANÁLISE DE DADOS	55
4.1	Produtividade e esquematicidade: o papel da gradiência	56
4.2	As preposições complexas na organização cognitiva de espaço e tempo	64
4.3	A mudança linguística: o papel do ponto de referência/objeto	69
4.4	Construção de apontamento por encapsulamento	75
4.4.1	<u>As particularidades de em face de</u>	84
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se insere no bojo de investigações sobre as preposições complexas no Português Brasileiro (doravante PB). Mais especificamente, a análise tem como foco os contextos de usos dos advérbios preposicionais (Costa, 2018) **antes de, diante de, em frente a (de) e em face de**. A respeito da conceituação desse tipo adverbial, vale ressaltar as palavras desse mesmo autor, que diz:

os advérbios preposicionais são expressões formadas por um advérbio ou locução adverbial seguido de uma preposição, que possuem um significado híbrido (preposição/advérbio), ou seja, além de expressar a localização de uma região espacial entre o objeto localizado e o seu referente, apresenta nuances adverbiais advindas de extensões de significado (Costa, 2018, p. 12).

E segue o autor, apontando que esse tipo adverbial, representado:

pelo esquema abstrato {[XAdv YPrep] Adv. Prep.}, que licencia usos com sentidos adverbiais e preposicionais e que, a depender do cenário discursivo (frames), apresenta diferentes configurações de significados e de representações. Aqui é importante esclarecer que a construção advérbio preposicional, por se tratar de uma categoria híbrida, desempenha o significado de duas classes gramaticais a saber: a preposição e o advérbio. Dessa forma, temos que: XAdv representa o significado abstrato adverbial; e YPrep representa o significado abstrato preposicional, e com isso, a representação abstrata Adv. Prep. (Costa, 2018, p. 13).

Para dissipar algumas possíveis confusões causadas pela alternância entre as nomenclaturas **advérbios preposicionais** e **preposições complexas**, que aqui foram empregadas como termos sinônimos, fez-se válido apontarmos os conceitos de Costa (2018) acima citados. Ademais, vale a diferenciação também entre esses conceitos e o de locuções prepositivas – que, por vezes, em algumas abordagens teóricas, também é compreendido como sinônimo de preposições complexas.

De acordo com abordagens mais tradicionais da gramática, locuções prepositivas são compostas por duas ou mais palavras em que pelo menos uma delas é um advérbio e, juntas, desempenham a função de preposição. Porém, a confusão pode ocorrer porque, em estudos da Língua Portuguesa, estruturas compostas por mais de uma palavra também são denominadas **complexas**. Contudo, ressaltamos que por **preposições complexas** e/ou **advérbios preposicionais** aqui neste trabalho devem-se tomar como sinônimas as conceituações supracitadas de Costa (2018).

Desse modo, feitos tais esclarecimentos, partimos da hipótese de que essas

microconstruções – **antes de**, **diante de**, **em frente a (de)** e **em face de** –, em algumas instâncias, desempenham o papel não apenas de expressões locativas/temporais, conforme já demonstrado pelas pesquisas de Costa (2018) e Costa e Wiedemer (2019), mas também podem atuar como mecanismos de coesão referencial (seja situacional ou textual). Nesse contexto, elas promovem o sentido de “apontamento”, ou seja, em determinadas ocorrências, atuam conjuntamente com anáforas encapsuladoras, conforme os exemplos **01** (Quadro 1) e **02** (Quadro 2) a seguir.

Quadro 1 – Exemplo 01 em análise: diante de

“Ademais, devido à simplificação dos sistemas e preocupação com a ‘alfabetização digital’, os Estados, influenciados pela onda tecnológica do século, incentivaram a inserção e multiplicação desse meio de comunicação, de modo a criar uma massa digital, altamente produtiva e criativa.

Diante dessas novas formas de interação, o cenário contratual se renovou e ‘o Direito como um todo, independentemente da área de especialização, vê-se em face de fatos novos que o instam a manifestar-se, abrigando os que lhe são conformes, regulando os que não são’”.

Fonte: Ramos (2013)¹.

Quadro 2 – Exemplo 02 em análise: em face de

“Tem-se que o movimento da modernidade também teve seus reflexos no constitucionalismo. Aquela nova experiência de vida, fundada no racionalismo que se opunha ao Antigo Regime, provocou uma elevação da Constituição a verdadeiro objeto de libertação geral da humanidade, cujo conteúdo era a declaração de direitos e garantias e a limitação do poder político. **Em face destas peculiaridades** do texto constitucional, não demorou a aflorar o princípio da supremacia da Constituição e os mecanismos de controle de constitucionalidade, e a surgirem discussões sobre as diferenças entre os métodos de interpretação da Constituição e da legislação infraconstitucional”.

Fonte: Alves (2014)².

Em **01**, nota-se que a autora discorre sobre as mudanças empreendidas pelo avanço da tecnologia, palavra de ordem do século, o que se mostra cada vez mais forte e presente em nossa sociedade, tanto que as mais diversas áreas, atualmente, dependem da tecnologia, realidade esta que seria praticamente impensável algumas décadas atrás, e assim finaliza esse parágrafo. Ao iniciar o parágrafo seguinte, ela faz uso de uma das construções em análise, constituída pelo advérbio preposicional **diante de**, aliado ao sintagma nominal **essas novas**

¹ Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-111/os-reflexos-dos-contratos-eletronicos-nos-contratos-de-seguro-e-suas-implicacoes-no-codigo-de-defesa-do-consumidor/>.

² Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-nova-hermeneutica-constitucional-e-as-possibilidades-do-acontecimento-aplicacao-da-constituicao/>.

formas de interação.

Percebemos, ali, que o sintagma nominal (SN) em questão sumariza a porção textual anterior, configurando-se como encapsulador, mesmo que não seja possível identificar a que período específico ele se refere, visto que, nesse caso, tal resumidor faz menção à ideia geral defendida no parágrafo (e não somente a uma parte específica do texto). Em outras palavras, a ideia da preocupação da sociedade em “alfabetizar-se digitalmente”, devido ao *boom* tecnológico pós-anos 2000, é encapsulada no sintagma nominal **essas novas formas de interação**, algo facilmente comprovado observando-se como se dão as relações – desde afetivas até mesmo profissionais – atualmente.

Essa sumarização anafórica ocorre, contudo, por meio do apontamento realizado pela construção **diante dessas**, em que o pronome **essas**, de caráter dêitico, representa, ao mesmo tempo, certa aproximação entre a ideia presente na porção de texto anterior e o pensamento da autora e uma relação de anáfora, uma vez que é de praxe a utilização de pronomes para proceder à retomada de termos ou ideias anteriormente mencionados. Já em **02**, o autor tece considerações a respeito da relação entre a modernidade e o constitucionalismo, citando as inovações trazidas por esse novo sistema político em um paralelo entre ele e o absolutismo, alçando o texto constitucional a responsável pela “libertação da humanidade”, uma vez que instaurou os direitos dos homens e, principalmente, limites aos governantes (algo que, na prática, não existia no Antigo Regime).

Apresentados esses argumentos, o autor retoma a ideia das mudanças que a modernidade trouxe ao constitucionalismo sem, no entanto, repetições. Isso ocorre devido à sumarização realizada pelo SN **estas peculiaridades**. Ao mesmo tempo, ele é apontado pela construção, de caráter dêitico, assim como no exemplo **01**, que retoma a ideia geral apresentada na porção textual anterior e aponta para um novo referente. Sobre esse novo referente, são acrescentadas novas informações; portanto, o sintagma nominal encapsula toda a ideia defendida na porção de texto antecedente, retomando-a de maneira a proporcionar coesão ao texto, ou seja, maior relação entre as partes que o constituem. Essa relação se dá pelo uso do advérbio preposicional em destaque, enquanto a retomada acontece por meio do SN, que, ao mesmo tempo em que retoma, caracteriza o que foi dito anteriormente, contribuindo para a cadência textual. Dick (*apud* Camacho *et al.*, 2008) alude que um termo é apenas um modo de ajudar o interlocutor a identificar um referente que já esteja disponível no seu modelo mental, o que se denomina “referência identificadora”.

Assim, em ambos os casos, temos um esquema construcional formado por uma preposição complexa seguida de uma anáfora encapsuladora. Esse processo é distintivo pela

marcação de espaço/tempo de um referente citado e por licenciar o encapsulamento de porções textuais por meio de preposições complexas que, ao passo que retomam tópicos anteriores na retroação do referente, também propulsionam novas informações. Portanto, postula-se que essa construção formada pelo processo de *chunk* (Bybee, 2010) desses dois elementos resulta em um encapsulamento específico: o **encapsulamento por apontamento** – termo desenvolvido por Leite e Wiedemer (2021).

A saber, o processo de *chunk*, de acordo com Bybee (2010), consiste, basicamente, em um agrupamento de itens e/ou elementos dotado de informação linguística e não somente percebida, mas compreendida e utilizada automaticamente pelos falantes. Em outras palavras, pode-se compreender o processo de *chunk* como ligado ao uso linguístico de um determinado item – que pode ser algo maior, como uma palavra, ou menor, como um padrão linguístico, por exemplo – que é aprendido, armazenado e utilizado com base na frequência em que ocorre na língua. Isso quer dizer que a exposição a esses *chunks*, quanto mais frequente, leva à internalização e ao uso cada vez mais produtivo deles.

Feitos tais esclarecimentos, voltemos às exposições iniciadas anteriormente, observando o exemplo **03** (Quadro 3) do emprego da função locativa.

Quadro 3 – Exemplo 03 em análise: em frente de

“Ao chegar no imóvel constatei que o carro estava **em frente da residência**, mas não impedia a entrada ou saída, estava com a parte do balanço traseiro na guia alta. Eu não poderia tomar outras medidas e penalizar e causar outro transtorno. Ela me disse: se você não vai multar, você pode guardar para mim?’, contou”.

Fonte: Marronzinho [...] (2018)³.

Nesse caso, temos a mesma construção – **em frente de** – seguida de SN, mas com maior manutenção do sentido locativo dessa preposição complexa, uma vez que o autor faz menção à uma localidade (a residência), um referente locativo. Contudo, é possível notar que, mesmo nesse sentido locativo, ao menos nesse excerto acima, há também uma espécie de encapsulamento por anáfora, porque, analisando o esquema construcional, é possível notar que a preposição complexa aponta para o sintagma nominal **a residência**, responsável por retomar o vocábulo **imóvel** sem, no entanto, repeti-lo ali tão perto (no mesmo período).

Essa é uma ocorrência em que, assim como nos casos **01** e **02**, contribui-se para a progressão textual ao ser retomada uma porção textual anterior por meio do acréscimo de

³ Texto completo disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2018/11/19/marronzinho-que-bateu-carro-de-moradora-diz-que-vai-recorrer-de-demissao-por-justa-causa.ghtml>.

novo item que, ao mesmo tempo, sumariza, por anáfora, e serve como novo referente a respeito do qual se fala/ao qual se atribui alguma característica de importância para o discurso. Diferentemente do que ocorre nos exemplos anteriores, porém, aqui há remissão a uma parte específica do texto: à palavra **residência**. Ainda assim, reiteramos que esses casos locativos não configuram nosso objeto de estudo, que se foca nas anáforas puramente encapsuladoras.

Além dos sentidos locativo e temporal abordados linhas acima, nossa **hipótese de investigação** é que esse advérbio preposicional, formado pelo esquema [$X_{Adv.}$ $Y_{Prep.}$ Adv. Prep.], quando associado a SNs anafóricos, atua no apontamento de informação a ser destacada e retomada no discurso.

De acordo com Leite e Wiedemer (2021), essas relações são de fundamental importância na cadência textual, uma vez que estão presentes nas cadeias de referência, ou seja, na utilização de referentes que propiciam o andamento de um texto. Isso ocorre porque, no decorrer de um texto, é comum tanto fazer referência ao que fora dito quanto inserir novas informações a respeito disso. Porém, para que essas informações novas façam sentido, utilizamos de “pistas” discursivas para manutenção do referente ao longo do desenvolvimento textual. Entre as possibilidades, conforme já aludimos, consideramos que uma dessas possibilidades seja a construção **encapsulamento por apontamento**, formada pelo esquema [[$X_{Adv.}$ $Y_{Prep.}$ Adv. Prep.] encapsulador (SN)].

Assim, tais construções, atuando na constituição da cena textual, desempenham papel fundamental para a progressão de um texto pela categorização de seu referente por meio do encapsulamento anafórico. Tal retomada ocorre por meio da utilização de uma construção que, ao mesmo tempo, sumariza o que fora dito e aponta para a inserção de novas informações a respeito do elemento anafórico. Nesse sentido, essas preposições mantêm o caráter de constituir a cena espacial, a partir do momento em que apontam – ainda que no plano da abstração – para uma direção argumentativa a nortear o leitor.

Embora apresentem uma ocorrência bastante comum na Língua Portuguesa, a discussão sobre o status das preposições complexas em termos de forma e significado é um tema que ainda carece de maior investigação linguística. As abordagens tradicionais, por exemplo, não tratam da existência de preposições complexas como uma unidade significativa, argumentando que uma sequência contígua de palavras sempre pode ser analisada em unidades menores, como Bechara (2009) e Rocha Lima (2011).

Por outro lado, as gramáticas descritivas reconhecem a existência de um espectro que vai desde unidades linguísticas livres até unidades fixas e também admitem a existência de

preposições complexas. Autores como Castilho (2010), Neves (2012) e Ilari (2015) têm apoiado essa visão mais flexível da língua. Além disso, essa ideia de um *continuum* tem encontrado respaldo em estudos baseados no uso da língua, conforme demonstrado em pesquisas como as de Wiedemer e Pinto de Oliveira (2020), Wiedemer e Oliveira (2019), Wiedemer e Costa (2019), entre outras.

Sendo assim, mostra-se fundamental que se procedam mais estudos de construções desse tipo, uma vez que são frequentes na língua, mas pouco analisadas. O aumento do número de estudos baseados em amostras reais da Língua Portuguesa também aponta para essa necessidade de maiores investigações sobre o que se faz presente no uso, seja na linguagem escrita seja na oral. Isso se mostra ainda mais importante no caso de estudos a respeito das preposições complexas, uma vez que já são uma constante em textos escritos pertencentes à modalidade mais formal da Língua Portuguesa, o que demonstra uma prática discursiva ainda mais aceita e cristalizada.

Dessa forma, o **objetivo principal de pesquisa** é investigar os contextos de usos da construção **encapsulamento por apontamento**, formada pelo esquema $[[X_{Adv.} Y_{Prep.}]_{Adv. Prep.}]_{encapsulador (SN)}$, a partir da análise das microconstruções **antes de**, **diante de**, **em frente a (de)** e **em face de**.

Como **objetivos específicos**, temos:

- a) identificar e descrever as propriedades formais e funcionais de cada construção atestada;
- b) analisar as instâncias de sentido;
- c) depreender a relação semântica apresentada nas instâncias de uso;
- d) analisar e descrever o funcionamento dessa construção na atuação do desenvolvimento da coesão textual.

Para tanto, assumimos a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2006) como aparato teórico-metodológico, bem como fazemos uso das definições de anáfora e encapsulamento do campo da Linguística Textual (LT). Além disso, consideramos os postulados da LT em nossas análises, visto que investigamos um processo que ocorre dentro do texto, referente à construção, organização e interpretação dele, uma vez que a coesão é um elemento fundamental para garantir que a mensagem de um dado texto seja satisfatoriamente transmitida ao leitor. Para que isso ocorra, é preciso haver uma relação que faça sentido entre as partes do texto, promovendo a cadência textual por meio de inúmeros recursos, entre os quais se encontra o encapsulamento anafórico.

Porém, os textos analisados são amostras reais, produzidos por falantes reais, o que

nos leva também a investigar os processos cognitivos de domínio geral por trás da produção, da escolha, enfim, do uso e da preterição de uma construção X a uma outra construção Y; a partir do momento em que empreendemos essa busca e análise de amostras reais, a frequência é outro fator importante de ser observado. Portanto, o fato de nos debruçarmos a investigar a organização interna de textos, responsável por garantir a progressão, a coesão e a coerência dele, por meio da análise de amostras reais da língua, aliados a investigação que realizamos acerca da formação e da combinação de determinadas construções, faz com que unamos os pressupostos teóricos oferecidos pela Linguística Textual e pela Gramática de Construções Baseada no Uso.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. No **capítulo 1**, intitulado **A abordagem construcional da gramática**, apresentamos respectivamente divididos em três subitens o conceito de construção, que ocupa posição central nas investigações de base construcionista. Em 1.1, apresentamos considerações a respeito da construção como uma unidade de análise. Em 1.2, trazemos os desdobramentos, isto é, o desenrolar, o desenvolvimento da Gramática de Construções. Finalizando-o, em 1.3, mostramos os conceitos gerais da Gramática de Construções.

No **capítulo 2**, intitulado **Revisitando conceitos**, passamos da abordagem construcional da gramática para uma apresentação de postulados referentes à Linguística Textual, recorrendo, para isso, a discussões empreendidas por pesquisadores que estudaram/estudam o assunto, entre eles Koch (2015) e Marcuschi (1983), a fim de fundamentarmos nossas investigações a respeito da constituição da malha textual, da organização e do funcionamento interno do texto. Esse capítulo também foi subdividido em outros cinco subitens, quais sejam: 2.1, em que tecemos considerações a respeito das preposições complexas; 2.2, em que apresentamos as principais definições a respeito da Linguística Textual e as contribuições trazidas por essa abordagem aos estudos linguísticos; 2.3, em que nos dedicamos a tratar a respeito dos processos de coesão e referenciação; 2.4, em que nos encaminhamos à discussão do conceito e dos tipos de anáfora; 2.4.1, em que chegamos ao tipo de anáfora que mais nos interessa nesta pesquisa: a anáfora encapsuladora.

No **capítulo 3**, intitulado **Aspectos metodológicos**, apresentamos o passo a passo para a obtenção das amostras analisadas, bem como o local de origem delas e a metodologia adotada. Nossos estudos se basearam em uma metodologia de cunho quali-quantitativo. Optamos também por dividir essa seção em dois subitens: 3.1, em que apresentamos as

características do **Corpus do Português** (Davies, 2019)⁴; e 3.2, em que delimitamos os critérios norteadores das análises.

No **capítulo 4**, intitulado **Análise de dados**, nos debruçamos sobre as análises das amostras encontradas, a fim de comprovar nossas hipóteses de investigação. Seguindo a proposta de divisão, dividimos também este capítulo, em quatro partes, sendo que a última passou ainda por uma subdivisão. Em 4.1, discutimos sobre a frequência e os esquemas de usos das construções, além de abordarmos o papel da gradiência. Em 4.2, trazemos mais discussões acerca das preposições complexas, nos valendo das contribuições de Castilho (2010), tratando mais especificamente da função desempenhada por elas na organização cognitiva espaço-temporal. Em 4.3, apresentamos algumas considerações a respeito das mudanças linguísticas. Em 4.4, dedicamos espaço à discussão das construções de apontamento por encapsulamento. Em 4.4.1, discutimos as particularidades que foram percebidas em relação à microconstrução **em face de**, recorrendo, para tal, a postulados de diversos autores, como os de Almeida, Souza e Kewitz (2018), Costa (2018) e outros tão importantes quanto.

Nas **Considerações finais**, identificamos um caminho de mudança a ser confirmado em futuras pesquisas que envolvam as preposições complexas. Apresentamos ainda que as análises empreendidas, entre outros critérios, ressaltaram a relação entre a forma e o significado de uma construção a depender do contexto em que ela esteja inserida. Evidenciou-se, outrossim, o importante papel da abstração nesse processo, uma vez que, quando associadas a SNs mais abstratos, há maior tendência de essas microconstruções desempenharem função encapsuladora, ao passo que, quando aliadas a referentes mais concretos e específicos, elas tendem a manter o sentido mais espacial.

Na última parte, porém fundamental, desta pesquisa, apresentamos as **Referências**, em que listamos todos os autores e as pesquisas basilares para que conseguíssemos empreender as análises aqui realizadas, bem como compreender as ocorrências “inesperadas” com as quais tivemos de lidar no decorrer de nossas investigações.

⁴ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA

Neste capítulo, apresentamos um panorama dos principais conceitos atinentes à abordagem construcionista da gramática. Aqui, demonstramos o papel central da construção, que, grosso modo, pode ser compreendida como um pareamento entre forma e sentido, sobre a qual nos debruçamos para basear as análises aqui empreendidas. Perpassamos também por outros conceitos fundamentais, como os de esquematicidade, frequência, gradiência, composicionalidade e outros, sem deixar de considerar, por certo, o de construção.

Outrossim, um tópico indispensável nos estudos que se baseiam em amostras reais de fala e escrita é o de mudanças linguísticas, sobre o que também falamos neste capítulo. Embora presente em mais de uma corrente teórica da Linguística, buscamos nos ater, aqui, à visão do conceito de mudança linguística – e suas implicações para os estudos que realizamos – trazida também pela abordagem construcional da gramática.

1.1 A construção como unidade de análise

De fato inaugurada somente a partir do fim da década de 1980, a partir dos trabalhos pioneiros de Fillmore (1985, 1988) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), a Gramática de Construções (GC) constitui área relativamente “nova” nos estudos linguísticos, visto ter-se tornado mais conhecida no Brasil a partir do início da década de 2000. Ao assumir a construção como unidade de análise e conhecimento gramatical, a GC emergiu como um referencial teórico-metodológico direcionado especificamente para as construções linguísticas (Hoffmann; Trousdale, 2013). Essa postura fez com que se repensasse a ideia da total arbitrariedade do signo, defendida por Saussure (1997), passando-se a explorar a possibilidade de uma abordagem menos estrutural da língua, uma vez que os pares forma-significado não se constituíam somente como um recurso útil para descrever palavras e morfemas; abarcariam, em tese, todos os níveis de descrição gramatical baseados nessa relação entre uma forma e um significado, o que denominamos de construção. Assim, desenvolve-se na tentativa de compreender o funcionamento da rede construcional, o *constructicon*, que “é considerado como uma rede altamente estruturada e inter-relacionada de construções, em constante

formação”⁵ (Goldberg, 1995, p. 5, tradução nossa).

De acordo com postulados de Croft e Cruse (2004), as construções gramaticais consistem em um emparelhamento entre propriedades morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas ou discursivo-funcionais com níveis de preenchimento e complexidade estrutural interna e que desempenham uma determinada função (embora nem todas as configurações formais e estruturais sejam, necessariamente, ligadas a um único sentido, como no caso das construções de padrão Sujeito + Verbo + Objeto, que ocorre na Língua Portuguesa). Então, de acordo com Croft (2001), qualquer estrutura gramatical consiste em uma construção.

Em outras palavras, é possível compreendermos as construções gramaticais, sumariamente, como um pareamento entre forma e sentido, que são preenchidas internamente e apresentam complexidade estrutural interna, isto é, são “pareamentos convencionais entre forma e função, em diferentes níveis de complexidade e abstração”⁶ (Goldberg, 1995, p. 4, tradução nossa).

Isso nos permite dizer, então, que a língua, de acordo com o modelo da GC, é composta por uma rede construcional, ou seja, uma sequência de construções que compartilham similaridades entre si e que se unem – de maneira sistemática e estrutural – por meio dos chamados *links*, que podem ser sintáticos, lexicais, taxonômicos e horizontais (Diessel, 2023). Assim, as relações entre construções abstratas e suas instanciações mais concretas são capturadas pela noção de herança. Essa organização geralmente é vista como uma rede na qual as construções são conectadas mutuamente (Diessel, 2019; Fillmore; Kay; O’Connor, 1988; Langacker, 1987).

Desde o surgimento, nota-se que o princípio diferencial entre a GC e as abordagens anteriores diz respeito à divisão entre léxico e gramática. Enquanto anteriormente era estabelecida uma clara diferença entre tais áreas do conhecimento, os linguistas filiados à GC passaram a compreender toda a gramática como parte de um *continuum* léxico-sintático, isto é, todo o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções, o que eleva a construção ao status de unidade basilar da gramática.

Além disso, a GC também foca em compreender os diversos processos que envolvem a linguagem, principalmente a aquisição e a produção dela, mas também outros dos processos

⁵ Do original, em inglês, “*it is taken to constitute a highly structured lattice of interrelated information*” (Goldberg, 1995, p. 5).

⁶ Do original, em inglês, “*Constructions are be defined to be conventional, learned from-function pairings at varying levels of complexity and abstraction*” (Goldberg, 1995, p. 4).

cognitivos de domínio geral (conceito muito frequente na área da Linguística Cognitiva – LC). Assim, o ponto de encontro principal entre elas é o entendimento de que a experiência com o uso da língua define a emergência da gramática. Com isso, uma grande contribuição da LC para o pensamento linguístico da GC consiste na aposta de que faculdades cognitivas gerais identificadas na espécie humana explicam não apenas a emergência de conhecimentos em geral, mas também, e por consequência, a emergência do conhecimento linguístico. Diferentemente da abordagem gerativa e de sua aposta na preexistência de uma cognição específica para a aquisição da linguagem, para a linguística cognitiva, nossas faculdades cognitivas gerais, responsáveis pela emergência, pela fixação e pela organização do conhecimento, são suficientes para, em interação, explicarem também a emergência da representação cognitiva da gramática.

Por tal motivo, atualmente, é muito comum imiscuírem-se as noções de Gramática de Construções e de Linguística Cognitiva, além de já ser compreendida a importância do uso das amostras reais de fala. Dar atenção à notoriedade do uso de amostras reais nas análises linguísticas aproxima a GC – compreendendo-a já ligada à LC – da Linguística Funcional, visto que essa corrente teórica tem como foco a estreita relação entre as estruturas linguísticas e gramaticais e a utilização delas pelos falantes em contextos reais de comunicação, concluindo que a organização gramatical se molda pelo uso dos falantes.

Rompe-se, assim, a rigidez formalista das análises gramaticais vigentes até então, pois as abordagens cognitivas da língua, até aquele momento, tinham a compreensão da língua como algo praticamente “matemático”, em que um determinado *input* geraria (daí o nome Gerativismo) um *output* determinado, como se a língua funcionasse de modo algorítmico. Tal ótica não abarcava em seus estudos questões pragmáticas nem abstratas da gramática, deixando de fora de seus estudos tudo aquilo que fugia dessa visão de uma gramática regular.

1.2 Gramática de construções: desdobramentos

Essa “virada de chave” realizada, pela qual os construcionistas foram responsáveis, propiciou a elaboração de análises de estruturas mais “periféricas”, isto é, que estavam de fora dos estudos linguísticos vigentes. Questões mais subjetivas vieram à baila, principalmente aquelas advindas do uso e que carregam em si certo grau de “subjetividade”. Tal ideia permitiu o surgimento da ideia de gramática e língua como uma rede construcional, ou seja,

uma rede de construções (Traugott, Trousdale, 2013) em que, segundo Bybee (2010), os processos cognitivos de domínio geral, como a capacidade de categorizar elementos, são os responsáveis pela estruturação linguística.

Atentando-se a esse fato, compreende-se o porquê de pioneiros, como Fillmore (1985, 1988) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), iniciarem os estudos/as pesquisas partindo da compreensão e da conceituação de construções irregulares: ao compreenderem as irregularidades dessas construções, automaticamente, seriam compreendidos os padrões regulares que regeriam as demais construções. Isso propiciou uma generalização previsível de um conjunto de princípios responsáveis por explicar todas as unidades constituintes da língua, abrangendo-se também som, gramática, léxico e significado.

A partir desse pensamento, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) chegaram ao conceito de **expressões idiomáticas**, isto é, a compreensão de que os itens lexicais e as construções gramaticais complexas partilham das mesmas propriedades semânticas e pragmáticas e assim tornam capaz o estabelecimento de uma determinada tipologia das expressões idiomáticas. Ainda de acordo com eles, tais expressões se destacariam por seguirem determinados parâmetros, quais sejam: **codificação e decodificação; gramaticalidade e extragramaticalidade; substantivação e formalização**⁷.

1.3 Gramática de construções: conceitos gerais

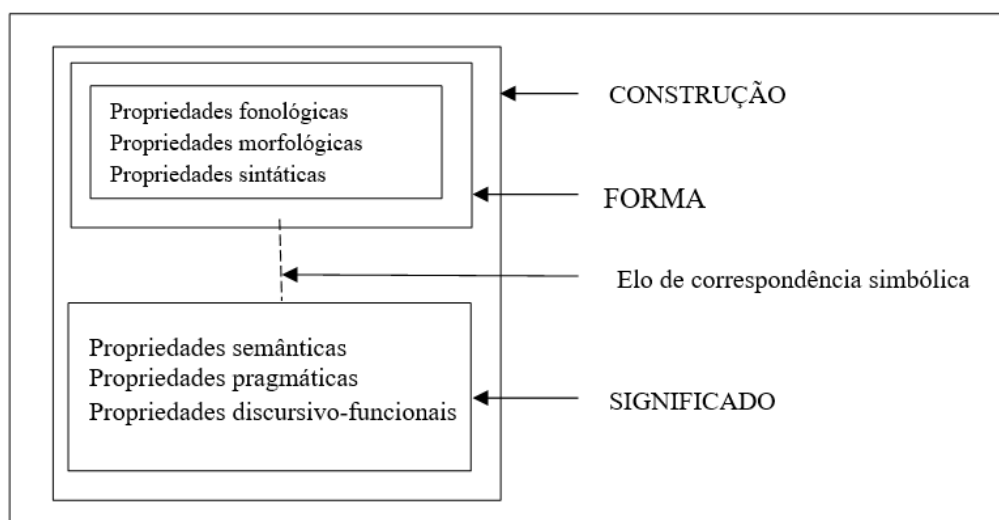
Em consequência disso, chega-se ao conceito de construção. Vale ressaltar que os estudos tradicionais apresentam diferenças se comparados aos desenvolvidos por Croft (2001), pois aqueles se utilizavam de matrizes características para explicar o modo como as construções com diferentes graus de especificidade se ligam por relações de herança (Fillmore; Kay, 1999; Sag, 2012 *apud* Diessel, 2023), enquanto estes apresentam o conceito de Gramática Radical de Construções. A partir de Croft (2001), passa-se a compreender a ideia de construção por uma perspectiva mais ampla. “A Gramática Radical das Construções aborda a análise das construções a partir de uma perspectiva interlinguística e amplia a visão construtivista da estrutura linguística para categorias sintáticas, como as classes de palavras e

⁷ Não se inclui como objetivo desta pesquisa aprofundarmo-nos na conceituação destes termos. Para mais conhecimento a respeito deles, recomenda-se a leitura de Fillmore, Kay e O'Connor (1988).

funções sintáticas”⁸ (Diessel, 2023, p. 9, tradução nossa).

Assim, faz-se justo abordarmos o conceito de construção, a partir da proposta de Croft (2001), o qual aponta para o fato de que tais estruturas não se cingem às regras da gramática tradicional. Tidas como um item fundamental tanto na organização quanto no processamento linguísticos, as construções, de acordo com esse autor, consistem em uma unidade gramatical que representa uma estrutura sintática recorrente, visando expressar um significado linguístico (em alusão à ideia de um pareamento entre forma e função), podendo ser representadas por uma estrutura simples – como um vocábulo – ou por estruturas complexas, como as que aqui nos propomos analisar. Dessa forma, a relação entre os pares forma e sentido é representada conforme o Esquema .

Esquema 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: adaptado de Croft (2001, p. 18).

De acordo com o Esquema , o vínculo de correspondência simbólica engloba tanto a estrutura formal (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) quanto a estrutura do significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Na visão do autor (Croft, 2001), a forma não se restringe apenas às estruturas sintáticas, e as propriedades ligadas à funcionalidade incluem as propriedades do discurso e a situação pragmática que envolve os interlocutores no enunciado.

De acordo com Fillmore e outros autores (1999 *apud* Diessel, 2023, p. 4, tradução nossa), “construções são definidas como signos, ou símbolos, que combinam uma forma

⁸ Do original, em inglês, “*Radical Construction Grammar approaches the analysis of constructions from a cross-linguistic perspective and extends the constructivist view of linguistic structure to syntactic categories, e.g. word classes and syntactic functions*” (Diessel, 2023, p. 9).

particular com significado, similar a palavras ou lexemas”⁹. Por isso o abandono da distinção tradicional entre léxico e gramática ocorreu como uma consequência, já que, segundo a abordagem construcionista, “a língua consiste em nada mais do que construções”¹⁰ (Diessel, 2023, p. 4, tradução nossa). Nesse sentido, há ainda distinção entre as noções de meso, macro e microconstrução, a respeito das quais falaremos nos parágrafos seguintes.

A partir das perspectivas que mais se distanciam das noções tradicionais de abordagem construcionista, as microconstruções podem ser compreendidas como as menores e mais específicas unidades da linguagem, sendo consideradas autônomas e dotadas de forma e significado específicos da linguagem, de modo que são responsáveis por explorar estruturas e combinações entre os elementos linguísticos. Em outras palavras, as microconstruções são as partes pequenas da gramática, ainda menores que as palavras: são os elementos que, unidos, formam as palavras; são as unidades granulares, isto é, são as unidades que, combinadas, dão origem às palavras.

Alguns exemplos de microconstruções são os padrões sintáticos e os esquemas argumentais – em uma perspectiva mais específica –, os quais possuem importância fundamental para a compreensão de como se dão a organização e a interação desses elementos entre si e as palavras – considerando-se uma perspectiva menos detalhada. As mesoconstruções são aquelas representantes das estruturas intermediárias entre as partes menores de uma frase e uma frase completa, isto é, são maiores do que palavras e frases, mas menores do que uma sentença completa, por exemplo. Enquanto as microconstruções referem-se à combinação entre os elementos, as mesoconstruções dizem respeito à organização interna e às relações sintáticas entre as construções. Em outras palavras, as mesoconstruções abrangem não somente uma palavra, mas um conjunto delas, bem como outros elementos linguísticos quando observados por uma perspectiva um pouco mais abrangente.

Como a própria nomenclatura já indica, as macroconstruções são as unidades maiores da linguagem, como um conjunto de sentenças completas, podendo se referir até mesmo a textos inteiros. Isso quer dizer que as macroconstruções abrangem uma organização mais ampla da linguagem, sendo utilizadas, ainda, para compreender como as unidades menores se combinam para formar as maiores. Elas possuem um papel fundamental para a análise de

⁹ Do original, em inglês, “*constructions as signs, or symbols, that combine a particular form with meaning, similar to words or lexemes*” (apud Diessel, 2023, p. 4).

¹⁰ A tradução apresentada advém da mesma obra, sendo o trecho original reproduzido a seguir: “*language consists of nothing but constructions*” (Diessel, 2023, p. 4).

estruturas sintáticas complexas (enunciados completos), padrões discursivos e compreensão global da linguagem em um dado contexto. Para mais esclarecimentos, vejamos as definições a seguir:

a) microconstrução – unidade menor das análises linguísticas, considera desde as partes que, unidas uma a uma, formam uma palavra até mesmo os padrões linguísticos que ordenam essa união (visto que, na língua, “nada acontece por acaso”).

— Exemplos: diante de; em face de;

b) mesoconstrução – unidade intermediária das análises linguísticas, tem como menor unidade de análise as palavras (já formadas a partir da união de várias microconstruções) e considera desde os vocábulos até um conjunto deles, o que culmina em uma frase. Embora mais abrangente, as mesoconstruções “limitam-se” à análise frase-por-frase, isto é, não consideram o conjunto de frases (ou seja, o texto).

– Exemplos: “Ciente do desejo do Flamengo de esticar a corda de 10 para 12 milhões de euros pelo centroavante, o Fluminense reforçou a postura irredutível em contato direto com os rubro-negros.” (Mesoconstrução 1) “Diante do cenário, o clube da Gávea optou por evitar um conflito que pudesse causar um litígio entre as partes.” (Fluminense [...], 2019) (Mesoconstrução 2);

c) macroconstrução – unidade maior das análises linguísticas, considera parágrafos e textos inteiros, consistindo na união de um conjunto de micro e mesoconstruções, que resultam em um enunciado completo cujo intuito é transmitir uma mensagem coesa e completa.

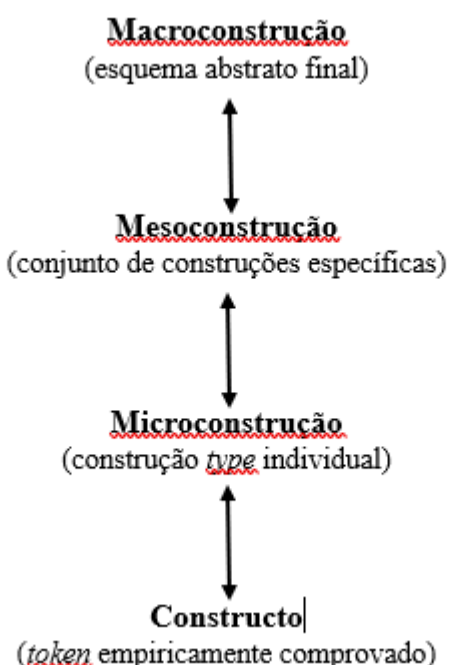
— Exemplos: “Ciente do desejo do Flamengo de esticar a corda de 10 para 12 milhões de euros pelo centroavante, o Fluminense reforçou a postura irredutível em contato direto com os rubro-negros. Diante do cenário, o clube da Gávea optou por evitar um conflito que pudesse causar um litígio entre as partes.” (Fluminense [...], 2019) (Macroconstrução 1).

“Inicialmente, a título de esclarecimento, anoto que a conclusão inicial de Moro de que existem contradições nos depoimentos de Lula e que estas conduzem a dedução de que Lula está mentindo não resistem a meras considerações contidas na própria sentença, e mais, após o

revelado nas conversas obtidas pelo The Intercept, denotam apenas que os reais motivos estão alicerçados em outra premissa, a de demonizar o réu perante a opinião pública após incessante massacre midiático, direcionado pelo que posteriormente passou a se denominar República de Curitiba.” (Moro [...], 2019) (Macroconstrução 2)¹¹.

Feitos tais esclarecimentos, vejamos outra versão detalhada dos níveis de esquematicidade proposta por Kytö (2012) no Esquema .

Esquema 2 – Níveis de esquematicidade construcional



Fonte: Kytö (2012).

Traugott e Trousdale (2013) e Fried (2008) também consideram os esquemas maiores como macroconstruções. Além disso, as mesoconstruções são classificadas como grupo de microconstruções. As microconstruções referem-se às construções individuais e aos constructos, considerados como exemplares. É importante ressaltar que esses níveis de esquematicidade devem ser considerados em um *continuum*.

Como já observado, algumas outras noções também indispensáveis na perspectiva

¹¹ Observação: também é possível, a depender da perspectiva adotada pelo pesquisado, considerar as macroconstruções exemplificadas acima como 1 e 2 – ou seja, parágrafos – como somente uma macroconstrução responsável por originar um enunciado maior e totalmente completo: o texto.

construcionista são as de esquematicidade, composicionalidade, produtividade e gradiência, que passamos a apresentar.

A esquematicidade, conforme descrito por Tomasello (2003), baseia-se na percepção de semelhanças e implica identificação de elementos consistentes (que se relacionam, nesse caso, com as "variáveis") em diversos contextos de usos. Isso resulta no critério de que todas as construções utilizadas devem compartilhar pelo menos um "elemento/componente" em comum. Dessa forma, podemos compreender metaforicamente a esquematicidade como um "esqueleto" de uma dada construção, em que cada parte (*slot*) possui um significado e pode ser preenchida por lexemas variados, a depender do contexto. Vejamos os exemplos **04** (Quadro 4) e **05** (Quadro 5) a seguir.

Quadro 4 – Exemplo 04 em análise: diante de

“(...) São riscos da modernização. É um produto global da maquinaria do progresso industrial e são aumentados sistematicamente com seu desenvolvimento posterior”.

Diante desses novos riscos – tecnológicos ou não – a sociedade apresenta alguns medos que até então não existiam e a sensação de insegurança torna-se uma de suas características marcantes”.

Fonte: Rodrigues Neto e Lehfeld (2022)¹².

Quadro 5 – Exemplo 05 em análise: diante de

“Eu não poderia mais conciliar a vida antiga de produção de eventos com a nova rotina de ser mãe, ainda mais de uma criança que não dormia. A doença foi me comendo por dentro. Meu casamento estava por um triz”, diz. **Diante dessa situação**, ela decidiu contratar uma consultoria de sono, “como uma encantadora de bebês que veio do Rio de Janeiro pra me ajudar”. A partir daí, a vida de Debora mudou. “Meu filho passou a dormir sonecas longas durante o dia e cerca de 11 horas seguidas à noite. Enfim, eu podia voltar a respirar”, relata”.

Fonte: Lourenço (2019)¹³.

Vale ressaltar que, nesses casos, a estrutura geral e a função comunicativa são mantidas. Ao observarmos os exemplos **04** e **05** acima, temos o esquema [[XAdv. YPrep] Adv. Prep.] encapsulador (SN/PRONOME)], que é composto pelo advérbio preposicional seguido do encapsulador, podendo ser um SN ou um pronome. Esse esquema permite a hierarquia de *types* formada por uma contraparte parcialmente preenchida de advérbios e preposições (**antes de, diante de, frente de e face de**), seguido de *slot* aberto que tem como valor uma anáfora

¹² Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-sociedade-da-inseguranca-e-o-legislador-ate-nto-e-decidido/>

¹³ Texto completo disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2019/07/02/noticias-saude,248257/apos-orientar-maes-de-primeira-viagem-produtora-cultural-se-torna-con.shtml>

encapsuladora, podendo ser preenchida por um SN em geral de natureza abstrata ou por um pronome, em geral de natureza pronominal, conforme veremos em nossa análise. Esse esquema é representado pela **construção de encapsulamento por apontamento**, conforme representamos no Esquema abaixo.

Esquema 3 – Esquematicidade da construção de encapsulamento por apontamento

<p><i>Construção encapsulamento por apontamento</i> SIGNIFICADO: X aponta para Y encapsulador FORMA: [[XAdv. YPrep] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]] Types: [[antes de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]] [[diante de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]] [[face de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]] [[frente de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]] [[frente a] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]]</p>

Fonte: O autor (2024).

A ideia da produtividade caminha em conjunto com a da esquematicidade, principalmente quanto esta fala sobre “contextos semânticos específicos”, porque diz respeito à capacidade possuída pelos falantes tanto de compreender quanto de criar construções linguísticas que servirão ao propósito comunicativo desejado. Sobre isso, Goldberg (2006) aponta que a produtividade determina o grau de entrincheiramento das formas individuais (ou seja, a variabilidade dos itens que ocorrem em um determinado padrão) e a preempção estatística (o repetido testemunho da palavra em um padrão competitivo). Já a pesquisadora Barddal (2008) evidencia que a produtividade é vista como uma função de frequência *type*, coerência semântica, e a correlação inversa entre os dois. Assim, a produtividade pode ser vista tanto pela sua frequência como pela sua extensibilidade. Dessa forma, possibilita a combinação de elementos e palavras em uma língua a ponto de ser defendida a ideia de que toda a construção produzida pelo falante, na verdade, é nova, pois ela está sendo produzida ali, por ele, para aquele contexto comunicativo, contribuindo tanto para a expansão quanto para a adaptação do sistema linguístico como um todo. Em outras palavras, a produtividade remete à ideia da capacidade criativa do falante na produção de construções.

Nesse sentido, a referida autora segue evidenciando que o conceito de produtividade está intimamente ligado também a outra ideia de grande valia para os estudos construcionistas e que por isso se mostrou presente durante nossas análises: o da gradiência. Ao se pensar a

respeito de uma construção, faz-se necessário compreendê-la não de maneira estanque, e sim gradual, partindo de um sentido concreto, prototípico, mas que vai assumindo papéis que as conferem traços mais abstratos, distanciando-se assim de sua posição central, como se percebe em algumas das preposições complexas por nós analisadas. Em outras palavras, pode-se compreender a gradiência como um *continuum*. A respeito disso, em alusão às palavras de Barddal (2008), vejamos:

Na nossa concepção, a produtividade de uma construção é gradiente. Ela envolve esquemas (parciais) e diz respeito i) à sua ‘extensibilidade’ (BARDDAL, 2008), que compreende o grau em que eles sancionam outras construções menos esquemáticas, e ii) ao grau em que eles são restringidos (Boas, 2008 *apud* Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 34).

O modo como as construções são compostas, como o próprio nome já indica, remete-nos ao conceito de composicionalidade, uma vez que o significado delas pode ser compreendido pelos falantes a partir do significado de suas partes menores – em todos os âmbitos, ou seja, desde por palavras, passando pelos morfemas e até mesmo por partes ainda menores – e mais: pela combinação realizada entre as partes, pois tais rearranjos não ocorrem por acaso; são fruto de regras combinatórias inerentes à língua em que é produzida a construção. Vale comentarmos que esse conhecimento é inerente aos falantes, por mais que não sejam técnicos, uma vez que a língua se constrói pelo uso. A partir dessas propriedades, uma construção dita complexa passa a ter seu significado identificado pelo falante a partir da relação que estabelece com os elementos que fazem parte dela e com todo o entorno, demonstrando-se, dessa maneira, que a composicionalidade é uma estrutura-chave para a compreensão e o funcionamento da Gramática de Construções.

Além dos conceitos já expostos até então, a abordagem construcional da gramática, a partir do momento em que adota o uso de amostras reais de fala, também precisa tratar a respeito das mudanças linguísticas – tema muito frequente em outras abordagens linguísticas, entre elas a Sociolinguística – que mantêm relação com os conceitos acima discutidos, a saber: esquematicidade, frequência, gradiência e outros.

Resumidamente, as mudanças linguísticas para a GC referem-se a evoluções e transformações que ocorrem ao longo do tempo nas estruturas e nas regras gramaticais de uma dada língua. Tais mudanças podem ocorrer devido a fatores sociais, culturais ou históricos e podem ser refletidas nas mais diferentes esferas da língua, ou seja, na sintaxe, na morfologia e na semântica, por exemplo, e, conseqüentemente, “extrapolando os limites puramente gramaticais”, a partir do momento que alteram e afetam o modo de construção e

interpretação dos enunciados.

A respeito dessa temática, nos valem de mais algumas ideias tratadas por Traugott e Trousdale (2013) para os quais as mudanças linguísticas costumam seguir determinados passos, sendo eles:

- a) inovação – o ouvinte interpreta o construto, analisando-o de modo diferente daquele proferido pelo falante. Por meio dessa inovação, esse ouvinte – quando ocupar o papel de falante – utilizará a unidade com um novo sentido. Surgimento da nova unidade;
- b) convencionalização – outro ouvinte utiliza tal construto, com o significado já empregado em seu novo sentido, em nichos específicos. Há o emprego da nova unidade com novo sentido;
- c) construcionalização – após passar por novas análises semânticas e morfossintáticas, a comunidade falante passa a adotar essa nova unidade. Cria-se uma microconstrução;
- d) pós-construcionalização – a nova microconstrução, após “ganhar força”, expande-se e reorganiza-se em novos subesquemas;
- e) redução de forma – o uso frequente da nova unidade ou a obsolescência da construção original podem levar (não é algo certo de acontecer) a uma redução tão grande do uso que pode culminar em seu desaparecimento.

2 REVISITANDO CONCEITOS

Neste capítulo, passamos da abordagem construcional da gramática para uma apresentação de postulados referentes à Linguística Textual, recorrendo, para isso, a discussões empreendidas por pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto, entre eles Koch (2003, 2015), Koch e Travaglia (1992), Marcuschi (1983), Costa (2018), Costa e Wiedemer (2019), Paes (2013), Caierão (2012), Wiedemer e Costa (2019), Wiedemer e Oliveira (2019), Wiedemer e Pinto de Oliveira (2020) e outros, os quais desempenharam importante papel na construção de nosso referencial teórico e que serão vistos no decorrer desta seção.

Seguindo a divisão capitular, apresentamos, em 2.1, considerações sobre as preposições complexas; em 2.2, as principais definições a respeito da Linguística Textual e as contribuições trazidas por essa abordagem aos estudos linguísticos; em 2.3, os processos de coesão e referenciação; em 2.4, considerações sobre o conceito e os tipos de anáfora; em 2.4.1, as particularidades e definições da anáfora encapsuladora.

2.1 As preposições complexas

Em dissertação, intitulada **Os advérbios preposicionais antes de, diante de, em frente a (de) e em face de: gradiência e fixação de padrões construcionais**, Costa (2018) apresenta o conceito tradicional dos advérbios preposicionais: “elementos cujo significado é baseado em uma região espacial e estabelecem uma relação entre o objeto localizado e seu referente” (Costa, 2018, p. 78). Em seguida, aponta para o fato de que a formação desses advérbios é diferente – advérbio ou locução adverbial seguido por preposição – e defende que, além de terem como base uma noção espacial, também é possível que apresentem extensões de significado. Isso corrobora o ponto salientado por Wiedemer (2014) de que, nesse sentido, é possível haver influência tanto do fator sintático quanto do pragmático, “este com maior atuação na adjunção, e aquele na complementação” (Wiedemer, 2014 *apud* Costa, 2018, p. 57).

Segundo Wiedemer (2014), devido a essa não existência de uma morfologia de casos no PB – aliada à ampliação do sentido das preposições –, elementos tradicionalmente

classificados como de classe fechada desempenham dois papéis importantes na língua: a ordenação das orações e a função relacional entre os termos. Isso justifica o fato de que uma mesma expressão, em diferentes contextos, pode apresentar ora traços preposicionais, ora adverbiais, o que dificulta rotular uma ou outra de maneira estanque, já que, em um *continuum*, há elementos intermediários mesclando características e traços entre si. Ainda assim, como advogam Traugott e Trousdale (2013), salientado por Costa (2018), mesmo que em uma rede construcional haja vasta gama de significados, eles irradiam de um polo prototípico.

Almeida, Souza e Kewitz (2018) indicam que:

as preposições complexas passam a exibir somente três estruturas possíveis: PREP + PREP, PREP + SUB + PREP e PREP + ADV + PREP. Trata-se de estruturas que permitem definir preposição complexa como construção formada por duas preposições simples entre as quais pode ocorrer um substantivo ou um advérbio. As estruturas se distribuem numa categoria em que a estrutura prototípica é PREP + PREP, como em para com e por entre, estrutura de que nos parece originar preposições simples como para (per ad) e perante (per ante) (Almeida; Souza; Kewitz, 2018, p. 160).

Em Castilho (2010), na **Nova gramática do português brasileiro**, vemos a distinção entre as preposições complexas e as simples – que, em definição tradicional, seriam palavras invariáveis com funções sintáticas, semânticas e discursivas, a depender do contexto no qual estariam inseridas. Sintaticamente, a função das preposições é a de ligar palavras e sentenças; semanticamente, elas atribuem ao seu alvo um sentido de localização locativa – como geralmente as vemos em seu uso mais prototípico, até mesmo algumas das complexas, sobre as quais falaremos mais adiante – no espaço; já discursivamente, como mais nos interessa na realização desta pesquisa, elas têm a capacidade de inserir novas informações ao texto, bem como de promover a organização textual.

Porém, mesmo nesse âmbito discursivo, as propriedades locativas – sejam espaciais, sejam temporais – são mantidas, visto que elas atuam como operadores de predicação e, de acordo com Castilho (2010), os sentidos concreto e abstrato – que o autor denomina “prototípicos” e “derivados” respectivamente – convivem na linguagem. Faz ainda questão de ressaltar que o mesmo caso ocorre com a classe das preposições, salientando que o sentido de base delas “é reconhecível quando elas expressam as categorias **posição no espaço, deslocamento no espaço e distância no espaço**” (Castilho, 2010, p. 585).

Com relação à formação das preposições complexas, seguindo nomenclatura estabelecida pelo autor acima, é possível classificá-las como estruturas iniciadas por uma

preposição – posição essa que pode ser ocupada por diversos vocábulos dessa categoria – sucedidas por um substantivo ou um advérbio e finalizadas obrigatoriamente ou por preposição **de** ou por preposição **a**. Por isso, as construções que constituem nosso *corpus* analítico inserem-se na categoria das preposições complexas, também cunhadas de **advérbios preposicionais** por Costa (2018).

Seguindo esse mesmo conceito, vemos também em Castilho (2010) considerações a respeito das chamadas **preposições complexas**. Ao contrário das ditas preposições “simples” – palavras únicas que guardam os sentidos abordados anteriormente –, as preposições complexas são construções compostas por duas ou três palavras, das quais ao menos uma delas é uma preposição, e a outra, que ocupa posição central na construção, é um advérbio, como os exemplos que nos propusemos estudar durante a realização desta pesquisa, a saber: **antes de, diante de, em face de e em frente a (de)**.

Os estudos da Gramática Cognitiva sobre as preposições exploram a polifuncionalidade dessas construções ao seguir o entendimento de que elas são expressões relacionais, uma vez que “expressam como o conceitualizador configura as partes que constituem uma cena espacial com respeito a outra” (Cifuentes Honrubia, p. 103-104 *apud* Castilho, 2010, p. 584). “Sendo assim, além das funções locativo-temporais que são propostas por Castilho (2010), também desempenham função anafórica de retomada e de sequenciação propulsionando novas informações” (Leite; Wiedemer, 2021, p. 562).

2.2 Linguística textual: conceitos e contribuições

Antes de nos adentrarmos mais a fundo em uma conceituação da Linguística Textual, vale ressaltarmos que, como já falado linhas acima, a GC abarca uma gama daquilo que anteriormente se via de modo “separado”; por isso, não é considerada como uma teoria em si, mas sim como uma “família de modelos” composta por uma variedade de unidades abstratas adquiridas pelo falante durante o processo de aquisição da linguagem devido aos processos cognitivos de domínio geral.

A partir daí, já nos é permitido situar a GC no rol dos modelos de orientação cognitiva quando o intuito é entender e explicar os fenômenos linguísticos, partindo da perspectiva de que essas unidades podem ser combinadas livremente para criar enunciados concretos (desde que seja respeitada a compatibilidade entre seus traços).

Ainda que os estudos abarcados pela GC sejam aqueles de cunho cognitivo, tem-se na linguística, de modo geral, um ponto de ligação, mesmo entre as mais conflitantes correntes e investigações teóricas: o texto. Justamente por isso – e por outros motivos que adiante estarão mais bem esmiuçados – é que, para os estudos que aqui fizemos, fez-se válido recorreremos também aos pressupostos da Linguística Textual.

A LT trata da malha textual, mais especificamente da construção e da organização dos elementos constituintes do texto, que tem como partes indispensáveis os conceitos de coesão e de coerência. De modo resumido, a coesão é alcançada pelo uso dos chamados “elos coesivos”, bem como de estruturas anafóricas, por exemplo, capazes de manter a cadência, o ritmo e a unidade textuais. Já a coerência pode ser compreendida como uma propriedade muito ligada a elementos extratextuais, como o contexto de produção de um dado texto, bem como as informações que os interlocutores partilham entre si, pois são dados necessários para que a organização dada ao texto seja enxergada de maneira lógica e compreensível para todos os participantes dele (os interlocutores).

Embora estejam presentes no texto escrito em si, nota-se que as relações semânticas, as conexões lógicas estabelecidas a partir dos enunciados, a consistência temática deles e a progressão textual são conceitos intrínsecos ao de coesão e ao de coerência, fazendo com que nenhum deles – nem mesmo a coesão – fique puramente restrita à gramática. Dessa maneira, como o encapsulamento anafórico representa uma construção responsável pela progressão textual, ao mesmo tempo em que sumariza a porção de texto anterior por meio de novo referente sobre o qual serão feitas declarações, trataremos desses dois itens tão caros à LT: anáfora e coerência textual.

É preciso salientar que tal corrente linguística, inicialmente concebida como uma vertente do Funcionalismo, surgiu na década de 1960 na Europa como uma espécie de “reação” ao caráter formalista que dominava os estudos sobre linguagem durante aquele período, uma vez que nasceu com o intuito de compreender os mecanismos de funcionamento, construção e recepção tanto de textos da modalidade escrita quanto da oral. Essa ruptura com o *modus operandi* vigente que se espalhou por diversos países da Europa ganhou espaço na Alemanha, mas, devido ao fato de se desenvolver simultaneamente em diversas localidades, não se constituiu de maneira homogênea. Contudo, de acordo com Marcuschi (1983), é possível definir que há um ponto de convergência que une todas essas manifestações: a centralidade do texto como um objeto particular dos estudos de linguagem. Ainda assim, segundo considerações de Koch (2015), é possível notar que a LT se distingue em três diferentes fases, cada qual dotada de preocupações teóricas que as distinguem entre si.

Basicamente, podemos considerar que a primeira fase ocorreu na década de 1970, quando havia uma forte ligação à gramática estrutural, visto que a grande preocupação nas investigações eram as análises focadas na descrição dos fenômenos sintático-semânticos que ocorriam entre as frases, já que não mais se mostravam suficientes os estudos das estruturas isoladas. Assim, o fenômeno da referenciação já era estudado, mas limitado a processos correferenciais (anáfora e catáfora “tradicionais”); não se fazia menção, ainda, aos fenômenos remissivos não correferenciais, como as anáforas associativas e as indiretas. “Um texto compõe-se de uma sequência de expressões ou sentenças ligadas, podendo ir desde sentenças de uma só palavra até uma obra em vários volumes. Parte de uma noção intuitiva de texto como sequência de morfemas ou sentenças ligados de alguma forma como um todo” (Marcuschi, 2003 *apud* Silva, 2009, p. 28).

Devido à necessidade de ser evocado o conhecimento linguístico intuitivo do falante para que se alcançasse o sentido global do texto, essa primeira fase seria a de **perspectiva semântica**, que concebia o texto simplesmente como uma sequência de enunciados coerentemente dispostos (mesmo que, desde aí, já considerasse também o contexto real, e não isolado, das frases).

Porém, em sua segunda fase, já ocorre uma virada pragmática. A partir daí, o texto passa a ser visto como uma unidade básica de comunicação. A linguagem, então, começou a ser compreendida como uma atividade, ao passo que também avançou a inquestionável conexão entre o texto e o contexto comunicativo em que é (re)produzido. Sendo assim, processos comunicativos ocorridos em uma sociedade concreta passaram a ser o foco dos estudos daqueles filiados a essa corrente teórica.

Desde seus primórdios, ressaltamos, a coesão já era um fenômeno amplamente estudado, visto que um texto sem elementos coesivos perde todo seu potencial de referenciação, imprescindível para que sejam estabelecidas as relações discursivas entre as partes constituintes do texto. Assim, de acordo com postulados de Koch e Travaglia (1992), a coesão poderia ser compreendida como um elemento linguístico, textualmente expresso, responsável pela união lógica entre as partes de um texto¹⁴. Desse modo, seria possível compreender a anáfora como “um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global (Koch;

¹⁴ Nesse sentido, para simplificação, pode-se compreender coesão como sinônimo de “elos coesivos”, isto é, “peças textuais” responsáveis por não somente unir partes de um enunciado, mas também – e a partir dessa união – transmitir uma determinada ideia. Esse é um fator que também contribui para o alcance da coerência de um dado texto.

Travaglia, 1992, p. 10).

Alterando-se a perspectiva, temos a terceira virada da LT, agora adotando-se o viés cognitivista, ou seja, compreendendo que, de modo geral, as ações humanas são acompanhadas/motivadas por um processo cognitivo que as possibilita acontecer. De acordo com Koch (2015), já se fala, aí, no texto como resultante de uma série de processos mentais, já que: “os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos na memória que necessitam ser ativados para que a atividade seja coroada de sucesso” (Koch, 2015, p. 21).

Sendo assim, os conhecimentos cognitivamente acumulados e compartilhados pelos interlocutores passam a ser considerados pela LT, uma vez ser a partir dessa inter-relação de todas as ações que se torna possível a construção de sentido desse dado texto. Contudo, a autora ressalta que tais ações dos indivíduos participantes da atividade comunicativa ocorrem conjuntamente (e não isoladas), sendo a interação e o compartilhamento de ideias e informações fundamentais para que a atividade linguística seja bem-sucedida. “[...] na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente” (Koch, 2004, p. 31 *apud* Paes, 2013, local. 15).

2.3 Coesão e referenciação

Muito comumente ligada ao termo **coerência** vem outro muito conhecido também: **coesão**. Embora confundidas entre si (ainda na falsa e antiga ideia de que são quase sinônimos), há grandes diferenças entre elas. A coesão é, então, a responsável pela “costura”, isto é, a conexão e a relação entre os elementos constituintes do texto. Leiam-se palavras de Koch e Travaglia (1992) sobre tais divergências: “[A coesão seria] a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas” (Koch; Travaglia, 1992). Sendo assim, a coesão e a coerência, em uma relação de “sintonia”, são as responsáveis por, entre outras tarefas, proceder a uma **ordenação temporal** dentro do texto, possibilitando que o leitor se situe nele da maneira almejada pelo autor.

Isso ocorre pelo uso das chamadas “cadeias de referenciação”, que cumprem a função

de **conectar**, **resumir** e **organizar** as informações dispostas no texto por meio do uso de referentes, cuja utilização contribui para a progressão textual e referencial. Nesse sentido, compreende-se o ato de referenciar, *per si*, como uma propriedade inerente ao discurso, pois é o “resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade” (Koch, 2003, p. 79 *apud* Paes, 2013, local. 3).

Nesse ato de referenciar, um recurso amplamente utilizado em textos é o da anáfora, que é capaz de, por meio da retomada, da sumarização e da rotulação – assunto que será mais bem abordado nas páginas seguintes – que fazer com que o autor ofereça ao leitor uma espécie de “roteiro” a ser seguido durante a leitura, uma vez que, no plano de fundo de toda relação anafórica, existe “uma operação semântica de correferência textual” (Paes, 2013, local. 4). Vale ser ressaltado, ainda, que “a referenciação não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas perpassa pelo processo cognitivo de construção do sentido em cada situação comunicativa; organizar referencialmente um texto é contribuir para que tenha coerência discursiva” (Marcuschi, 2001 *apud* Lunardi, 2022, p. 17).

Passemos, então, a falar mais sobre o conceito e os tipos desse recurso de tamanha importância para a progressão textual, qual seja, a anáfora.

2.4 Anáforas: tipos e definições

O termo **anáfora**, nos estudos da Língua Portuguesa, pode se referir tanto a uma figura de linguagem quanto a um mecanismo de coesão, ambos utilizados durante a construção de um texto. Compreendendo a anáfora como uma figura de linguagem, podemos dizer que ela está ligada à sintaxe do texto, configurando-se, por isso, como uma figura de construção. Em um breve resumo, tal figura de linguagem caracteriza-se pela repetição de um mesmo termo ou uma mesma expressão no início de cada oração. É um recurso frequentemente utilizado em poemas, músicas, anúncios e outros. Vejamos um exemplo (Quadro 6).

Quadro 6 – Exemplo de anáfora

“Acorda, Maria, é dia de matar formiga de matar cascavel de matar estrangeiro de matar irmão de matar impulso de se matar.”
--

Fonte: Andrade (1973).

Observando o poema acima, **Acorda, Maria**, é possível notar que Carlos Drummond de Andrade (1973) utilizou repetidamente, no início de cada verso, a expressão “de matar”. Quando se analisa a construção desse poema, vê-se que a opção pela anáfora tem o intuito de reforçar o quanto a morte está presente no cotidiano do eu-lírico. Outro item de importância diz respeito ao impacto e à sonoridade que a repetição dessa expressão desempenha no texto.

Outra concepção do termo anáfora – que é o foco desta pesquisa – diz respeito a um mecanismo coesivo responsável por fazer referência a um termo anteriormente utilizado. Inserido nos estudos a respeito da referenciação, tal mecanismo funciona como uma ferramenta de retomada, importantíssima para a progressão textual, bem como para o alcance da coesão e da coerência em um dado texto. Nesse sentido, a anáfora é um elemento que relaciona dois termos presentes no texto, de modo que se retoma um termo X, dito anteriormente, utilizando-se um novo vocábulo Y, contudo, evitando a construção de um texto repetitivo.

Outro ponto, digno de nota e apontado também acima por Lunardi (2022), diz respeito ao fato de que a retomada pode ocorrer tanto dentro de uma frase quanto dentro de um parágrafo, o que demonstra ser a retomada possível em uma escala menor ou maior. Além disso, é comum, de acordo com a tradição de ensino da Língua Portuguesa, que essa retomada ocorra por meio do uso de pronomes. Por meio desses mecanismos linguísticos, como o uso de pronomes ou outras expressões, é possível que o texto progrida, caminhando de modo que se assemelha a uma costura, ponto a ponto, evitando-se repetições, mas sempre deixando claro sobre o que se fala, como pode ser visto no exemplo abaixo (Quadro 7).

Quadro 7 – Exemplo de anáfora

Febre, cansaço e tosse seca: **esses** são os principais sintomas apresentados por pessoas com covid-19, doença provocada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2)

Fonte: Febre [...] (2022)¹⁵.

Nesse exemplo acima, a utilização do pronome **esses** tem a função de retomar “febre, cansaço e tosse seca”, elementos ditos anteriormente. Nota-se que essa retomada, ao mesmo tempo em que sumariza a ideia central precedente, realiza uma espécie de apontamento para o que será declarado na continuidade do período.

É possível falar-se sobre um tipo ainda mais específico de anáfora: a anáfora encapsuladora, que é um recurso valioso na costura e na progressão textuais, de modo que se apresenta como “responsável pela retomada e recategorização de referentes de maneira que a progressão textual ocorre com a utilização de elementos axiológicos” (Lunardi; Freitas, 2012, p. 50 *apud* Leite; Wiedemer, 2021, p. 548). Os fenômenos de (re)categorização dizem respeito ao modo como “o locutor refere-se às palavras e às coisas do mundo, como um mapeamento” (Lunardi, 2022, p. 18). Em outras palavras, a recategorização por anáfora pode ocorrer, basicamente, de três maneiras: lexicalmente explícita; lexicalmente implícita; modificando a extensão do objeto.

Quando opera lexicalmente explícita, a anáfora tem o poder de “adiantar”, textualmente, características ou atributos do objeto por meio da introdução de uma nova expressão, que, então, recategoriza o objeto. Já quando atua lexicalmente implícita, utiliza-se um pronome anafórico que, ao retomar e remeter o objeto, de algum modo consegue modificá-lo, isto é, diferentemente da maneira explícita, não há inserção de um elemento totalmente novo, pois o pronome utilizado faz menção ao objeto, retomando-o, denominando-o. No caso de se comportar como recategorizadora com modificação da extensão do objeto, é comum que seja utilizado um pronome demonstrativo como elemento anafórico, além de haver uma mudança lexical do objeto.

Com relação aos pronomes demonstrativos, vale ressaltar a presença e a utilização deles, visto que originalmente são elementos de caráter dêitico, isto é, que servem para localizar algo em um dado lugar a partir da perspectiva do falante, do ouvinte ou de ambos, como em um diálogo simples do cotidiano: “Meu celular está por aí?” / “Não... está lá do

¹⁵ Texto completo disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/hospital-na-midia/covid-quando-a-tosse-e-preocupante-com-catarro-e-pior-ou-seca/#:~:text=Febre%20%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca,por%20pessoas%20com%20covid%2D19>.

outro lado”¹⁶. Percebe-se que essa propriedade dos demonstrativos se mantém em relação ao texto.

Segundo Koch (2005, p. 37) citada por Lunardi (2022, p. 18) “[...] o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos-de-discurso, [...] atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente”.

2.4.1 A anáfora encapsuladora

O encapsulamento anafórico é “a sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores” (Koch, 2003, p. 94). Imprescindível para a progressão referencial de um texto, de acordo com os estudos de perspectiva mais tradicional, a anáfora encapsuladora pode ser compreendida como um elo coesivo indispensável para a manutenção da qualidade de um texto e consiste no uso de um elemento – sintagma nominal – que desempenha função parafrástica, isto é, resumindo a porção de texto precedente no fito de promover a compreensão e manter a cadência textual. Desse modo, pode-se compreender o encapsulamento anafórico como um elemento capaz de simultaneamente difundir novas informações por meio da retomada e da continuidade, o que contribui para o enriquecimento da argumentação em um dado texto.

Ainda que pertinente, porém, segundo Koch (2003), conceituação tão estanque não faz jus a toda complexidade desse recurso, pois ele não está ligado exclusivamente a sintagmas nominais. Por isso, a autora reforça a abrangência desse conceito ao pontuar que o encapsulamento por anáfora consiste em uma “sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores” (Koch, 2003, p. 94 *apud* Lopes, 2019, p. 72), porque nem sempre o elemento-núcleo da anáfora encapsuladora é de caráter nominal; ele pode ter, por exemplo, caráter adverbial, como nos casos que analisaremos adiante.

Ademais, a complexidade e a extensão dessas construções são variáveis, visto serem capazes de, ao mesmo tempo, promover essa retomada da porção textual precedente e inserir um novo referente, que, segundo Koch (2015), é criado na (e pela) própria dinâmica textual. Devido a tais características, Telisa Graeff (2007), em seu estudo intitulado **Encadeamento argumentativo e encapsulamento anafórico**, discute a diferença existente entre aquelas que

¹⁶ Nesse caso, percebe-se que a compreensão do sentido dos pronomes destacados – **aí** e **lá** – depende da posição dos interlocutores em relação ao objeto em questão.

“simplesmente” resumem a porção de texto anterior daquelas que inserem, propulsionam novos argumentos. Vejamos a seguir (Quadro 8).

Quadro 8 – Exemplo 06 em análise: diante de

“A consequência imediata da definição do contrato de seguro como um contrato formal ou informal se consolida na aceitação doutrinária quanto a possibilidade de realização desse tipo contratual por meio eletrônico.

Diante da questão, o embate doutrinário se dedica a demonstrar de um lado a formalidade desse tipo contratual, baseado na literalidade de diversas leis brasileira, e de outro, a constatação fática de que o contrato de seguro é contrato consensual, que em sua etapa de elaboração pode dispensar a forma, embora destaquem a importância da manutenção dos documentos escritos, para a garantia da segurança das partes”.

Fonte: Ramos (2013)¹⁷.

Inicialmente, contextualizamos a origem do excerto acima transcrito: trata-se de trecho extraídos de artigo doutrinário, publicado no portal Âmbito Jurídico, em que o autor (Ramos, 2013) visa discorrer sobre os reflexos dos contratos eletrônicos ao se contratar serviço de seguro e também trazer informações sobre as implicações dessa modalidade ao Código de Defesa do Consumidor. Vemos, nesse caso reproduzido, que o sintagma **questão** rotula parte do contexto precedente, resumizando o todo expresso anteriormente a uma **questão**.

Há, ainda, apontamento realizado pela preposição adverbial **diante de**, que propicia a oportunidade de, simultaneamente, resumir a ideia precedente, mesmo não sendo possível apontar, explicitamente dentro do texto, para uma palavra ou frase a que o encapsulamento se refere, pois ele faz remissão a uma ideia trazida pelo parágrafo anterior como um todo (refere-se diretamente a uma inferência); estabelecer um novo referente, sobre o qual serão inseridos novos argumentos ao texto, isto é, compondo um tema a ser desenvolvido nos enunciados vindouros, sendo possível, como postulado por Graeff (2007), identificar a importância de cada caso na organização semântica do texto.

A referência a enunciados completos é uma forma de anáfora constante tanto na língua escrita quanto na falada. Isso revela como **é bastante frequente a introdução, por meio da anáfora nominal (definida ou indefinida), de novas informações a respeito do referente, com o intuito de caracterizá-lo de determinada maneira** (Paes, 2013, local. 4, grifo nosso).

Ainda sobre os casos em que o encapsulamento tem função de resumir, essa autora

¹⁷ Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-111/os-reflexos-dos-contratos-eletronicos-nos-contratos-de-seguro-e-suas-implicacoes-no-codigo-de-defesa-do-consumidor/>.

(Paes, 2013) debruça-se sobre a diferenciação entre quando o encapsulamento resume parte do enunciado ao qual está ligado – nesses casos o enunciado costuma estar presente no texto – e quando o resume integralmente – nesses casos torna-se mais difícil, quase impossível, precisar a que elemento do texto o encapsulador se refere. Esse último caso, por vezes refere-se a algo que está “além do texto”, uma vez que a articulação textual extrapola o limite do que está disposto no papel, ou seja, não se restringe ao limite das sentenças, dos parágrafos.

Os objetos de discurso são entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes, ou seja, é no e pelo discurso que são colocados, delimitados, desenvolvidos e transformados (...) que **não têm uma estrutura fixa**, mas que, ao contrário, **surgem e se elaboram progressivamente na dinâmica do discurso** (Caierão, 2012, p. 66, grifo nosso).

A partir dessas noções, ressalta-se também que a supracitada declaração da autora demonstra, como vimos salientando, a importância de se estudar as relações não só cognitivas como também sociais intrínsecas ao uso da língua, porque é a partir da práxis que se torna possível a construção do discurso. Além disso, por vezes, o elemento ao qual o encapsulamento se liga não está presente diretamente no texto, e sim em um contexto pragmático. Vejamos outra conceituação do encapsulamento anafórico.

O encapsulamento anafórico pode ser definido do seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Essa porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada – um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença (Conte, 2003, p. 178)

É por esse motivo que Janaína Caierão (2012), autora da dissertação intitulada **Encapsulamento anafórico: um fenômeno linguístico textual construído na relação sintático e semântico**, dedicou-se ao estudo sobre a ideia de que a referenciação, como processo discursivo, possibilita que o produtor do texto demonstre seu posicionamento, conseguindo assim defender os argumentos que utiliza para sustentar, justificar a tese que utiliza em seu texto.

Em todo texto/discurso, o enunciador constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponíveis, em diferentes medidas, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação. Por esse aporte de informação nova, o enunciador conduz o destinatário (que coparticipa dessa construção, sendo, por isso, um coenunciador) a uma reinterpretação ou refocalização do elemento referido. Pelas estratégias de recategorização, a imagem do referente que o coenunciador constrói em sua memória vai evoluindo à medida que se desenvolve o discurso (Cavalcante; Santos, 2012, p. 660).

Nesse sentido, a autora Dayhane Paes (2013) – **Estruturas discursivas: o encapsulamento anafórico em redações de pré-vestibulandos** – salienta que o encapsulamento, a partir do momento que indica o posicionamento do autor do texto, funciona como “pistas de contextualização” a fim de orientar o leitor para que ele relacione – da maneira que o autor deseja – as ideias dispostas no texto.

Nesse mesmo trabalho, a autora chama a atenção também para o fato de que o encapsulamento, devido a essas características, tem a capacidade de assumir variadas funções, “assinalando direções argumentativas e reorientando os objetos presentes na memória discursiva” (Paes, 2013, local. 7) e mais: aponta para o fato de que a orientação dada pelo escritor à argumentação de seu texto pode se dar pelo uso de termos ou expressões metafóricas.

Ainda sobre essa “direção argumentativa” a respeito do que fala a autora, vale ressaltarmos que a estrutura organizacional de um parágrafo segue a mesma linha do corpo de um texto: introdução, desenvolvimento e conclusão. O papel da introdução é desempenhado, em posição intraparágrafal, pelo chamado **tópico frasal**, enquanto o do desenvolvimento fica por conta dos argumentos que sustentam a ideia apresentada naquele parágrafo e o da conclusão ocorre, geralmente, por meio de uma sumarização dos argumentos apresentados.

Tudo isso, entendemos, está relacionado à ideia da progressão referencial, que podemos definir, com base nos postulados dessa mesma autora, como um processo em que se introduz e retoma, no decorrer do texto, os referentes por meio dos recursos de referenciação. Assim, o encapsulamento por anáfora se mostra também de suma importância, pois é por meio dele que são adicionados novos dados ao texto, impedindo que haja repetições, voltas desnecessárias ao redor da mesma ideia. Desse modo, aumenta-se o grau de informatividade do texto sem que seja fraturada a espinha dorsal, ou seja, sem que se perca a linha abordada e almejada pelo autor. De acordo com Paes (2013, local. 17), “por meio de uma categorização veicula-se a informação velha, isto é, há a retomada do termo já dito, e ocorre uma instrumentação ao leitor para que descubra esse antecedente da expressão anafórica, na medida em que novos referentes são introduzidos no texto”.

Tais colocações remetem-nos ao conceito de **rótulos**, que podem assumir, como já mencionado, variadas funções, quais sejam: sumarizar, resumir a porção de texto precedente ou apresentar referente sobre o qual serão tecidos novos comentários, distinguindo-se então nominalmente. Nos casos em que os rótulos atuam somente no sentido de sumarizar as ideias anteriormente apresentadas, agindo para evitar repetições, poderão ser chamados de **indicadores de estrutura**; já nos casos em que atuarem na garantia da progressão referencial,

ou seja, introduzindo novas informações, denominar-se-ão como **indicadores de conteúdo**.

Além disso, os rótulos de retomada retrospectivos também têm uma importante função organizadora: eles assinalam que o produtor está se movendo para a fase seguinte de seu argumento, tendo-se utilizado da fase anterior, encapsulando-a ou empacotando-a em uma única nomeação. Estes rótulos têm uma clara função de mudar o tópico e de ligá-lo, porém essa função assinaladora é reforçada quando as orações que contêm rótulos retrospectivos são comumente introdutoras de parágrafos, limitando, assim, seu papel organizador (Paes, 2013, local, 17).

Estruturalmente, essa pesquisadora nos aponta que o rótulo pode ser preenchido por nomes, de maneira geral, desde que atendam a dois critérios básicos: sejam inespecíficos; “requeira[m] realização lexical em seu contexto imediato, veiculando conceitos mais específicos para definir termos relacionados a campos particulares de referência” (Paes, 2013, local. 18). Isso demonstra que a atuação desses rótulos se dá no campo cognitivo, já que além de serem carregados de valores semânticos, apontando também para o campo pragmático, muitas vezes revelam as emoções do autor.

Quadro 9 – Retomando o exemplo 02 em análise: em face de

“Tem-se que o movimento da modernidade também teve seus reflexos no constitucionalismo. Aquela nova experiência de vida, fundada no racionalismo que se opunha ao Antigo Regime, provocou uma elevação da Constituição a verdadeiro objeto de libertação geral da humanidade, cujo conteúdo era a declaração de direitos e garantias e a limitação do poder político. **Em face destas peculiaridades** do texto constitucional, não demorou a aflorar o princípio da supremacia da Constituição e os mecanismos de controle de constitucionalidade, e a surgirem discussões sobre as diferenças entre os métodos de interpretação da Constituição e da legislação infraconstitucional.”

Fonte: Alves (2014)¹⁸.

O artigo (Alves, 2014) de que provêm essa amostra (Quadro 9) propõe-se a discorrer sobre a importância de conhecer a hermenêutica jurídica¹⁹ e de aplicá-la para uma compreensão melhor e mais satisfatória da Carta Magna. Nesse parágrafo, mais especificamente, o autor inicia falando sobre os efeitos da modernidade – contrapondo-a ao *modus vivendi* das sociedades anteriores, mais antigas – e de seus conceitos no

¹⁸ Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-nova-hermeneutica-constitucional-e-as-possibilidades-do-acontecimento-aplicacao-da-constituicao/>.

¹⁹ Conjunto de conhecimentos e técnicas para promover mais clara aplicabilidade das normas legais, afastando-se ao máximo a “subjetividade” quando da interpretação de tais dispositivos.

constitucionalismo²⁰.

Lendo-se o exemplo acima reproduzido, vemos que, após a afirmação realizada no tópico frasal, o autor procede à retoma por meio do sintagma nominal “aquela nova experiência de vida”. Porém, mais do que simplesmente retomar por relação anafórica simples, aqui o pronome demonstrativo **aquela** aponta, ao mesmo tempo, para certa distância temporal semanticamente compreendida e para uma “valoração neutra” a partir do momento em que se opta por conceber a ideia da modernidade como “nova experiência de vida”.

O mesmo se dá em seguida, mas agora com a combinação da preposição complexa em **face de** com outro pronome demonstrativo: **estas**. Como regra tácita para o uso desses pronomes como elementos referenciais, sabe-se que **este(s)/esta(s)**, de caráter dêitico, demonstram maior proximidade entre quem e (sobre) o que se fala.

Do mesmo modo, tal estrutura aponta novamente para questões axiológicas ao retomarem as características que essa modernidade trouxe para o cotidiano (e, por extensão, ao constitucionalismo) por meio do sintagma nominal *peculiaridades* – de caráter neutro, também uma opção de posicionamento do autor –, que, acompanhado pelos modificadores **em face de**, promove uma retomada ao referente, mas sem que haja repetições, ao mesmo tempo em que são acrescentadas novas informações. Tudo isso corrobora para a progressão textual, uma vez que essa relação de categorização – por meio do uso de rótulos – funciona como espécie de suporte para as novas informações vindouras.

O fragmento abaixo foi retirado de um artigo de opinião intitulado **A morte da democracia**, de 2019, e nele o autor/a autora traça um paralelo entre o aumento da violência e da criminalidade em meio a crises de ordem socioeconômica, tecendo comentários sobre a relação entre esses fatores e as defecções presentes no sistema político brasileiro. Para ilustrar, utiliza como plano de fundo o acontecimento que parou o país à época: o assalto milionário a uma agência do Banco do Brasil em Minas Gerais.

Quadro 10 – Exemplo 07 em análise: diante de

“Para essas pessoas, as oportunidades que o Brasil oferece são nenhuma. Quem pode, vai embora para outro país. Uma grande parte de nosso capital humano é descartada. Imprestável, quem fica é tomado pelo desalento e pelo desespero. Não surpreende que, **diante desse quadro**, o crime seja a única saída. Para os bandidos de Uberaba, ‘a propriedade é um roubo’”.

Fonte: A morte (2019)²¹.

²⁰ Reconhecimento racional e intelectual do que está disposto na Constituição.

No exemplo **07** (Quadro 10), nota-se que, em meio à argumentação desenvolvida, em que há claramente traços da opinião do produtor do texto, há uso da construção analisada **diante de** em cenário de referenciação. Ao utilizar a sequência preposição complexa + pronome relativo + substantivo, este rotula, resumindo, sumarizando as ideias anteriormente apresentadas no substantivo – de caráter “neuro” –, ao mesmo tempo em que a combinação entre a preposição complexa e o pronome demonstrativo – dêitico textual – realizam um apontamento. Toda essa estrutura, ao mesmo tempo em que faz retomada, apontando, encaminha a argumentação, também, para as considerações finais do autor, que seria “o crime é a única saída”.

Isso demonstra que a rotulação se comporta como um meio de classificação inerente aos textos de natureza argumentativa a partir do momento em que não atuam de maneira aleatória, e sim transparecendo – de modo intencional ou não – o julgamento que o autor tem da experiência cultural que retrata em seu texto, no que Paes (2013) classifica como em uma **codificação de percepções partilhadas**; daí a importância da realização de estudos tendo como base tanto o(s) contexto(s) lexical(is) quanto o(s) sintático(s), pois o mesmo referente é capaz de passar por processos de transformação a depender da intenção do autor.

Assim, o encapsulamento por meio do rótulo retrospectivo aparece no texto com nome núcleo e modificador qualificativo, **referindo e nomeando a extensão do discurso**. Todavia, ele pode também resumir e encapsular o que veio antes, reintroduzindo-o, por meio de retomada temática com os demais tipos de menções, que apresentamos, nesta seção, já que servem para se referir e **nomear uma extensão do discurso** (Paes, 2013, local. 18, grifo nosso).

Além da classificação, o encapsulamento anafórico permite que o produtor do discurso controle também o que a autora chama de **grau de informatividade**, isto é, a quantidade relativa entre as informações novas e as “antigas” que serão retomadas por meio desses rótulos. Esse é outro dado importante para a argumentação do texto, uma vez que, sim, é preciso que haja desenvolvimento das ideias, mas também é imprescindível que haja uma conexão entre o que se diz, ou seja, é preciso que o leitor, no decorrer do texto, consiga retomar as informações anteriormente fornecidas (ainda que o antecedente não seja um item explicitamente identificável no texto e que o leitor precise “construí-lo”).

Somente assim, a partir daí, será possível compreender as novas informações que serão apresentadas e construir cadeias de referenciação mais longas, ao contrário do que acontece quando o produtor do texto utiliza muitos referentes, fazendo que o leitor não

²¹ Texto completo disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/opiniaio/social-ii/a-morte-da-democracia-1.2202528>.

alcance de maneira clara a que os novos argumentos introduzidos se referem, o que eles retomam. Isso possibilita ainda que se perceba a construção textual por meio de uma perspectiva cognitiva da linguagem, uma vez que a seleção e a utilização dessas estruturas revelam-se fruto dos conhecimentos individuais de cada um, ou seja, dos componentes culturais e sociais que fazem parte da formação de cada indivíduo.

A respeito disso, ressaltamos que “[u]m referente evolui à medida que o texto se desenvolve, podendo associar-se a outro(s) de modo a formar uma rede referencial” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 211). Ainda que as palavras sejam “fixas” e, de certa forma, tenham um significado próprio em cada língua, a maneira como se relacionam em cada cadeia de referenciação é “única”, de modo que cada interlocutor as emprega de acordo com sua própria visão de mundo. Isso ocorre mesmo que ele faça parte de um corpo social juntamente a outros indivíduos e divida com eles valores e crenças semelhantes (Amossy, 2018 *apud* Cavalcante *et al.*, 2022).

Outro dado observado em estudos sobre essa temática, desenvolvido agora por Caierão (2012), diz respeito ao posicionamento em que ocorre o encapsulamento e às características que geralmente possuem a depender da posição em que se encontram. Ela apresenta que, geralmente, quando ocorrem no fim de um parágrafo, tais estruturas atuam como organizadores discursivo-textuais, assumindo, segundo a pesquisadora, funções semelhantes às de conectivos, o que demonstra uma gramaticalização no sentido do léxico para a gramática. Já quando ocorrem no início de um parágrafo, funcionam como um sumário, a forma mais curta possível para resumir a porção precedente e apresentar um campo propício para o acréscimo de novas informações.

Nesse sentido, aponta que essas mudanças da apresentação de detalhes para a generalização por um lado, e da descrição de fatos e eventos, por outro, são aspectos fundamentais no discurso argumentativo. O encapsulamento anafórico articula de forma bastante tranquila com esses pontos, uma vez que funciona, concomitantemente, como um recurso de coesão e como um método de organização, e pode ser uma excelente forma de manipulação do leitor (Caierão, 2012, p. 78).

Quadro 11 – Comparação entre os exemplos 06 e 02: diante de e em face de

<p>“A consequência imediata da definição do contrato de seguro como um contrato formal ou informal se consolida na aceitação doutrinária quanto a possibilidade de realização desse tipo contratual por meio eletrônico.</p>	<p>“Tem-se que o movimento da modernidade também teve seus reflexos no constitucionalismo. Aquela nova experiência de vida, fundada no racionalismo que se opunha ao Antigo Regime, provocou <u>uma elevação da Constituição a verdadeiro objeto</u></p>
--	--

<p>Diante da questão, o embate doutrinário se dedica a demonstrar de um lado a formalidade desse tipo contratual, baseado na literalidade de diversas leis brasileira, e de outro, a constatação fática de que o contrato de seguro é contrato consensual, que em sua etapa de elaboração pode dispensar a forma, embora destaquem a importância da manutenção dos documentos escritos, para a garantia da segurança das partes.”</p>	<p><u>de libertação geral da humanidade, cujo conteúdo era a declaração de direitos e garantias e a limitação do poder político. Em face destas peculiaridades</u> do texto constitucional, não demorou a aflorar o princípio da supremacia da Constituição e os mecanismos de controle de constitucionalidade, e a surgirem discussões sobre as diferenças entre os métodos de interpretação da Constituição e da legislação infraconstitucional.”</p>
--	---

Fonte: Ramos (2013)²² e Alves (2014)²³.

Retomando os exemplos acima (Quadro 11), vemos que em ambas as funções, contudo, como aponta Caierão (2012), destaca-se a pluralidade funcional dessas construções, uma vez que organizam a estrutura textual ao mesmo tempo em que focalizam os pontos que o autor deseja ressaltar aos olhos do leitor, em uma espécie de “manipulação desse leitor”, já que o escritor pode ora optar por um sintagma nominal – que é o encapsulador – de caráter neutro, ora por um que apresente seu juízo de valor sobre o tema abordado – e tudo isso sem criar, explicitamente, um caráter mais subjetivo que o adequado a um texto argumentativo “impessoal”. “Por meio da categorização também é possível avaliar a intenção do locutor/emissor verificando sua escolha de SN com núcleo axiológico ou não axiológico na retomada do referente, o que caracteriza uma estratégia de progressão argumentativa” (Leite; Wiedemer, 2021, p. 555).

Em outras palavras, Leite e Wiedemer (2021) argumentam que, ao optar por um sintagma nominal – seja ele favorável ou não – o encapsulamento atua na reconstrução do objeto do discurso por meio dos recursos de categorização e recategorização ao sumarizar o precedente pelo/no encapsulador.

A respeito desse assunto, valemo-nos também de importantes considerações de Cavalcante *et al.* (2022) presentes em **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Nessa obra, além de discutirem as questões já classicamente trabalhadas na LT – resumidamente a

²² Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-111/os-reflexos-dos-contratos-eletronicos-nos-contratos-de-seguro-e-suas-implicacoes-no-codigo-de-defesa-do-consumidor/>.

²³ Texto completo disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-nova-hermeneutica-constitucional-e-as-possibilidades-do-acontecimento-aplicacao-da-constituicao/>.

organização textual –, os autores apontam para a ideia de que a argumentatividade é uma característica que permeia todos os textos – ou pelo menos a maior parte deles –, visto que sempre há a figura do(s) interlocutor(es) e do(s) interlocutante(s). Ao discutirem essa ideia, apontam que: “[o] modo de organizar o texto por uma sequência argumentativa favorece bastante a explicitação de pontos de vista opostos, que entram em debate para chegar a uma união central a ser defendida” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 97).

Elas retomam ainda os conceitos aristotélicos de *logos*, *ethos* e *pathos*, que, resumidamente, referem-se respectivamente às operações ligadas ao raciocínio lógico; à imagem que o autor constrói (ou tenta construir) para si perante o (e do) seu interlocutor; à tentativa de convencer o interlocutor, geralmente por meio da comoção, da emotividade. A respeito disso, elas ressaltam que a utilização do que se conhece por *pathos* coincide com o uso de dêiticos textuais e discursivos a fim de enriquecer a argumentação, pois, por meio da rede referencial que se constrói na malha textual, são mobilizadas mais estratégias discursivas persuasivas.

Para exemplificar a utilização desses dêiticos, as estudiosas utilizam uma campanha publicitária sobre cuidados no trânsito. Nela, os personagens ali presentes olham para frente, como se olhassem em direção ao indivíduo alvo da campanha – motoristas –, o que é analisado pelos autores como um meio de demonstrar proximidade com o público receptor, recorrendo ao **princípio de proximidade** (Cavalcante *et al.*, 2022). A relação entre o fato de as pessoas olharem para frente no anúncio analisado e essa proximidade corrobora o que defende Castilho (2010) sobre o eixo das preposições, em que **diantes de**, uma das microconstruções aqui analisadas, situa-se no eixo transversal, baseando-se no sentido do olhar humano. De acordo com essa analogia, construções de caráter anafórico seriam equivalentes ao “olhar para trás” – ou seja, para o passado – e construções que representam um “olhar para frente” – isto é, para o futuro – serviriam como introdução para novos referentes. Falamos melhor a respeito disso no decorrer destas investigações.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o passo a passo para a obtenção das amostras analisadas, bem como o local de origem delas e a metodologia adotada. Nossos estudos se basearam em uma metodologia de cunho qualiquantitativo, em que, exclusivamente on-line, realizamos buscas no site do **Corpus do Português** (Davies, 2019), que resultaram em um total de 43 amostras. Em seguida, com base nos teóricos que vínhamos discutindo ao longo desta pesquisa, procedemos as análises que vêm sendo demonstradas e serão, mais especificamente, detalhadas em seção própria. Optamos também por dividir esta seção em dois subitens: 3.1, em que apresentamos as características do **Corpus do Português** (Davies, 2019); e 3.2, em que delimitamos os critérios que nortearam nossas análises.

3.1 A composição do *corpus*

Para a elaboração desta dissertação, optou-se por uma metodologia qualiquantitativa²⁴, que consiste, basicamente, na busca, na análise e na seleção de trechos de textos²⁵ do tipo argumentativo nos quais há as preposições complexas que nos propomos analisar, quais sejam: **antes de**, **diante de**, **em frente a (de)** e **em face de**.

Entre os diversos meios possíveis de se obter amostras dessas microconstruções, nossa opção foi por utilizar o **Corpus do Português** (Davies, 2019), visto que lá é possível obter, em uma única plataforma, amostras provenientes dos mais diversos portais, como jornais e revistas da *web*, possibilitando até mesmo – o que sumariamente não é nossa intenção – comparar amostras de textos produzidos por/direcionados a nichos mais ou menos específicos da sociedade. Vale ressaltar que não foram levados em consideração os graus de formalidade

²⁴ Para a elaboração desta pesquisa, compreendemos a metodologia quantitativa a partir do momento em que realizamos a coleta e a análise de amostras, quantificando-as e apresentando esquemas e figuras para representar os fenômenos que, durante as investigações, foram identificados. Em outras palavras, não se adotou aqui a compreensão de tal metodologia como estritamente ligada à análise matemática.

²⁵ Como a escolha de palavras sugere, foram utilizados trechos de textos, isto é, não foram considerados os textos por completo, e sim as partes em que aparecem as preposições complexas analisadas aliadas, por óbvio, às demais partes necessárias para a compreensão dos enunciados em que elas ocorrem. Além disso, também não houve separação referente aos gêneros textuais e, devido ao *corpus* escolhido – **Corpus do Português** (Davies, 2019) – somente foram utilizados textos da modalidade escrita (incluindo-se aqui trechos em que há transcrição de falas, como em entrevistas).

nem para a seleção nem para a divisão das amostras, visto que, como já mencionado, não há intenção em delimitar as áreas de ocorrência, os grupos que a produzem etc., isto é, observaram-se as ocorrências das microconstruções analisadas de maneira geral, sem considerar aspectos demográficos, meios de circulação etc.

Porém, embora o *corpus* citado conte com número expressivo de amostras, exemplos em que eles atuem nos contextos de que precisamos – isto é, em que os apontadores não estejam exclusivamente desempenhando suas funções locativas e/ou temporais – mostraram-se menos frequentes do que pensamos no início. Talvez, esta é uma ideia ainda em maturação, porque alguns usos já são mais frequentes e institucionalizados do que outros, uma ideia que poderá ser mais bem desenvolvida em estudos futuros.

Tal fenômeno, em tese, justificaria o fato de, por exemplo, haver fartura de exemplos em que **em face de** ocorre nas circunstâncias mencionadas, enquanto – novamente, ressaltem-se, essas são conjecturas ainda muito iniciais – **em frente a** e **em frente de** ainda guardem fortes marcas de seu uso mais prototípico.

Voltando às informações a respeito da origem das amostras utilizadas nesta pesquisa, eles foram coletados, mais especificamente, na categoria *Now* do referido *corpus* (Davies, 2019), que contém uma base de dados de um bilhão e cem milhões de palavras em português, oriundas de jornais e revistas da *web*. Ressaltamos que, apesar do *corpora* conter amostras de quatro países de Língua Portuguesa, restringimos a análise ao Português do Brasil. Abaixo, a visão da página na internet (Figura).

Figura 1 – Visão da página “corpus do português” na rede mundial de internet

o corpus do português

corpora related resources my account help

OVERVIEW (PDF) (PT) English Português

Created by Mark Davies. Funded by the US National Endowment for the Humanities (2004-2005, 2015-2017).

		Corpus	Size	Created
1	Info	Genre / Historical	45 million words	2006
2	Info	Web / Dialects *	1 billion words	2016
3	Info	NOW (2012 - 2019)	1.1 billion words	2018

Click on [Info] above for more details

Fonte: Davies (2019).

A seção *Now* é uma subdivisão específica desse *corpus* (Davies, 2019) e se destaca por conter textos contemporâneos, produzidos no período de 2012 a 2019, o que a torna uma fonte de dados linguísticos atualizados e representativos do uso da Língua Portuguesa na atualidade. Logo, a escolha desse *corpus* está relacionada à expectativa de encontrar uma considerável variedade de usos das microconstruções aqui analisadas.

Os textos – aqui entende-se esse termo como “*locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na/pela linguagem, constituindo-se um todo significativo” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 19) – analisados pertencem a diferentes gêneros textuais, isto é, não foram considerados durante a seleção e a análise das amostras os diferentes gêneros textuais inseridos na tipologia argumentativa. Adotamos essa perspectiva, pois a característica analisada é a da anáfora encapsuladora, uma estrutura presente no ato da argumentação em si, em que se necessita sempre realizar essa retomada, a fim de convencer o leitor/interlocutor. Assim, delimitações relacionadas a gênero, grupos sociais e afins não se mostraram pertinentes.

3.2 Os critérios de análise

Nas alíneas a seguir, sinalizamos quais foram os critérios adotados para a realização das análises que compõem esta pesquisa:

- a) descrever e analisar as propriedades formais e funcionais que envolvem a construção [[XAdv. YPrep] Adv. Prep.] encapsulador (SN)], a partir de amostras extraídas do *Now*, do Corpus do Português (Davies, 2019);
- b) analisar, no PB, os micropassos, tomados como etapas de neoanálises, que derivam na mudança construcional e/ou construcionalização gramatical do esquema construcional mais amplo;
- c) investigar o perfilamento ou não da base do significado encapsulamento por apontamento em amostras sincrônicas do PB;
- d) relacionar os achados descritivos com as propriedades de ordem cognitiva e discursivo-pragmática, bem como as propriedades formais.

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises das amostras encontradas, com base nas discussões teóricas que estamos demonstrando e desenvolvendo ao longo da pesquisa. Para facilitar o entendimento do leitor, bem como a nossa própria organização, optamos por dividi-lo em subitens. Em 4.1, após apresentarmos a frequência e os esquemas de usos das construções, discutimos sobre o papel da gradiência ao analisá-las, tomando como base, principalmente, mas não somente, os postulados de Castilho (2010), Wiedemer (2014), Wiedemer e Costa (2019), Wiedemer e Oliveira (2019), Wiedemer e Pinto de Oliveira (2020); Koch (2003, 2015) e Koch e Travaglia (1992); nesse item apresentamos também o fato de não termos encontrado amostras de **em frente a (de)** realizando encapsulamento anafórico.

Em 4.2, trazemos mais discussões acerca das preposições complexas, nos valendo das contribuições de Castilho (2010), tratando mais especificamente da função desempenhada por elas na organização cognitiva espaço-temporal. Em 4.3, apresentamos algumas considerações a respeito das mudanças linguísticas, conceito de caráter indispensável em qualquer abordagem linguística baseada no uso, discutindo o papel delas no desenvolvimento/na compreensão de um ponto de referência/de um objeto. Tratamos, aqui, de conceitos como analogização e abstratização, tão caros a esta pesquisa, uma vez que, conforme o uso, a língua se modifica constantemente, permitindo que, a partir de constantes neoanálises, a mesma construção possa ser (re)interpretada de diversas maneiras.

Em 4.4, dedicamos espaço à discussão das construções de apontamento por encapsulamento, visto que, no decorrer de nossas análises, algumas das microconstruções demonstraram não desempenhar esse papel nos contextos analisados. Aqui, discorreremos sobre as duas possibilidades de encapsulamento que foram encontradas: uma delas formadas por uma das microconstruções analisadas + SN de núcleo substantival e outra cujo SN é formado por pronome indefinido. Devido ao fato de essas discussões serem extensas – e configurarem nosso foco de pesquisa –, subdividimos esse item, formando o tópico 4.4.1, em que discutimos a respeito das particularidades de **em face de**.

Recorrendo a postulados de Almeida, Souza e Kewitz (2018), Costa (2018) e outros teóricos, apontamos que essa microconstrução, além de realizar encapsulamento por apontamento, também atua como um elemento que aponta para uma conclusão lógica do texto, isto é, encaminha-o para uma conclusão com base nos argumentos discutidos anteriormente. Discutimos, ainda, a importância da composicionalidade para empreender

essas discussões, visto que esse princípio está intimamente ligado à criatividade linguística humana – princípio que mostrou ser necessário admitir a existência de um mecanismo de composição responsável por gerar e compreender novas expressões.

4.1 Produtividade e esquematicidade: o papel da gradiência

Nosso primeiro passo de análise é verificar a frequência de ocorrências da construção de encapsulamento por apontamento. Após o levantamento realizado no *corpus Now* (Davies, 2019), encontramos 43 ocorrências de uso. A seguir, na Tabela , apresentamos a frequência de usos da construção de encapsulamento por apontamento.

Tabela 1 – Frequência de usos da construção de encapsulamento por apontamento

<i>Construção encapsulamento por apontamento</i> SIGNIFICADO: X aponta para Y encapsulador FORMA: [[XAdv. YPrep] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]]		
Subesquema 1	Subesquema 2	Subesquema 3
[[antes de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]]	[[diante de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]]	[[face de] Adv. Prep.] encapsulador (SN)]]
Microconstrução 1	Microconstrução 2	Microconstrução 3
Antes de SN	Diante de SN	Em face de SN
15	26	2

Fonte: O autor (2024).

Conforme já antecipamos em capítulo anterior, as preposições complexas **diante de**, **em face de** e **em frente a (de)** são categorizadas por Castilho (2010) como preposições de localização anterior em relação ao eixo transversal, estabelecendo uma relação com o espaço físico frontal, posicionando-se à frente. Devido às semelhanças significativas entre elas, é possível substituir uma forma pela outra com facilidade.

Ainda segundo Castilho (2010), tal localização é orientada por meio do eixo espacial transversal que, assentado na orientação do corpo humano, aponta para o espaço anterior ao olharmos para frente e para o espaço posterior ao olharmos para trás. Dessa forma, apesar de as construções em estudo serem originariamente de sentidos espaciais, apresentam sentidos

derivados, e as relações espaço/tempo constituem, pois, as coordenadas indispensáveis para a construção de qualquer mundo conceptual (Batoréo, 2000).

Porém, avaliando os usos encontrados, não encontramos ocorrências *em frente a* e *em frente de* associadas a encapsuladores. Os usos estão associados a sintagmas nominais locativos, conforme observamos nos exemplos **08** e **09** (Quadro 12 e Quadro 13) e na retomada do exemplo **03** (Quadro 14) a seguir.

Quadro 12 – Exemplo 08 em análise: em frente a

“O grupo seguiu, após encontro na Central do Brasil, em direção à Secretaria de Fazenda e Planejamento. *Em frente à secretaria*, os servidores protestaram contra o atraso no pagamento.”

Fonte: Servidores [...] (2018)²⁶.

Quadro 13 – Exemplo 09 em análise: em frente a

“Segundo a dona de casa, a Prefeitura de Itaquaquecetuba tirou, sem muitas explicações, o transporte municipal. “A justificativa é que não teria mais verbas e crianças de período integral é uma opção dos pais e não tem direito. Mas sempre teve ônibus nessa escola. “Revoltados com a situação, nesta segunda-feira (19), muitos pais fizeram um pequeno protesto *em frente à unidade escolar*.”

Fonte: Pais [...] (2018)²⁷.

Quadro 14 – Retomando o exemplo 03 em análise: em frente de

“Ao chegar no imóvel constatei que o carro estava *em frente da residência*, mas não impedia a entrada ou saída, estava com a parte do balanço traseiro na guia alta. Eu não poderia tomar outras medidas e penalizar e causar outro transtorno. Ela me disse: se você não vai multar, você pode guardar para mim?”, contou.”

Fonte: Marronzinho [...] (2018)²⁸.

Em **08**, *em frente a*, locução prepositiva, indica a posição do grupo e *secretaria* o objeto da preposição, ou seja, o ponto de referência. Sobre isso, Wiedemer (2014) aponta que:

[a]s preposições exprimem uma relação local (espaço) entre o objeto localizado e o objeto de referência, e representam, dessa forma, uma função espacial. As demais interpretações são derivadas dessa primeira, por meio de processos cognitivos como

²⁶ Texto completo disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/servidor-publico/servidores-do-estado-fazem-bloco-de-carnaval-dos-sem-salario-para-cobrar-13-22382182.html>.

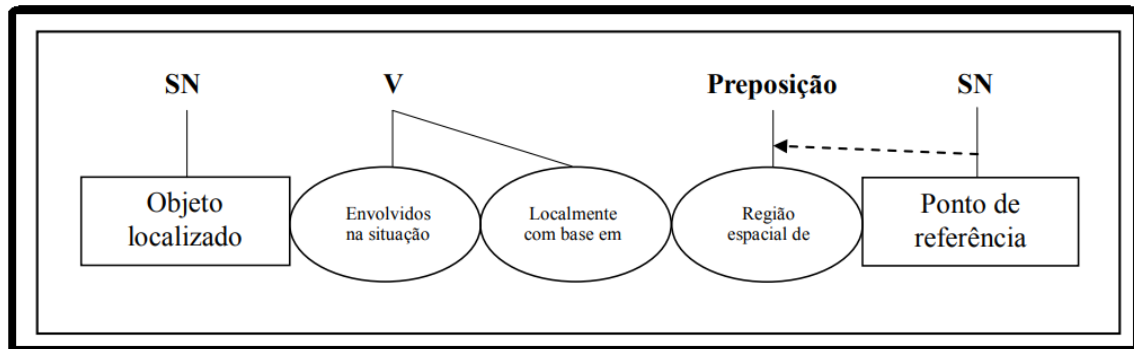
²⁷ Texto completo disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/pais-de-itaquaquecetuba-protestam-pela-falta-de-transporte-escolar.ghtml>

²⁸ Texto completo disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2018/11/19/marronzinho-que-bateu-carro-de-moradora-diz-que-vai-recorrer-de-demissao-por-justa-causa.ghtml>.

metáforas, metonímias ou processos relacionais. Assim, as preposições possuem um esquema interpretativo que tem uma base físico-espacial (Wiedemer, 2014, p. 104).

Esse autor apresenta, ainda, o esquema abaixo para exemplificar os componentes conceituais que envolvem as preposições no Português Brasileiro.

Esquema 4 – Componentes conceituais

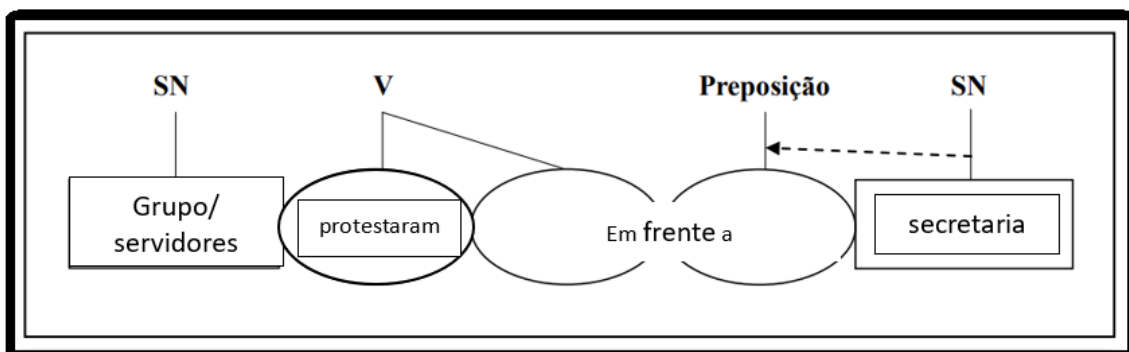


Fonte: Wiedemer (2014, p. 117).

A leitura do Esquema é a seguinte: no PB, as preposições desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Com verbos que exigem um objeto localizado, que apresentam uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo), ocorrem as preposições (Wiedemer, 2014).

Aplicando esses componentes conceituais ao nosso exemplo **08**, temos o Esquema a seguir.

Esquema 5 – Componentes conceituais em frente a



Fonte: adaptado de Wiedemer (2014).

Ao observarmos o Esquema , vemos que o uso no exemplo **08** é de base espacial, o

que ocorre também nos exemplos **09** e **03**. Dessa forma, podemos lançar a hipótese de que quando essas microconstruções estão associadas a pontos de referências, como os exemplos **08**, **09** e **03**, apresentam seu sentido mais preposicional e, por sua vez, mais gramatical.

Sobre isso, Castilho (2010) comenta que o substantivo *frente*, gramaticalizado como preposição, continua escasso, não realizando relação de anáfora, nem sequer de encapsulamento, isto é, mantém-se seu uso adverbial, de localização no espaço. É possível que, por analogia, processo semelhante tenha ocorrido com o substantivo *face*, o que poderia justificar a baixa ocorrência em contextos de anáfora encapsuladora. Contudo, essa é uma hipótese que carece de investigações, sendo apresentada aqui como uma “pulga atrás da orelha”. No decorrer desta pesquisa, como apontado acima, encontramos ocorrências das microconstruções **em frente a (de)** em conjunto com sintagmas nominais espaciais, como “secretaria” e “residência”. Isso pode ser observado também nas demais microconstruções, conforme os exemplos **10** (Quadro15), da microconstrução **antes de** – embora nessa ocorrência haja uma localização no espaço-tempo, ou seja, mantém-se a característica sim adverbial, mas mais fortemente temporal –, e **11** (Quadro 16) da microconstrução **diante de a seguir**.

Quadro 15 – Exemplo 10 em análise: antes de

“Então, se o milagre econômico pudesse ser analisado em duas etapas — uma **antes de 1970** e outra depois —, nas duas, a educação não cumpriu um papel tão importante assim no aumento da desigualdade de renda do trabalho”.

Fonte: Fachin (2019)²⁹.

Quadro 16 – Exemplo 11 em análise: diante de

“De arrepiar! **Diante da praça** completamente vazia na Basílica de São Pedro, Papa Francisco ora pelo fim da pandemia do novo coronavírus”.

Fonte: De arrepiar [...] (2020)³⁰.

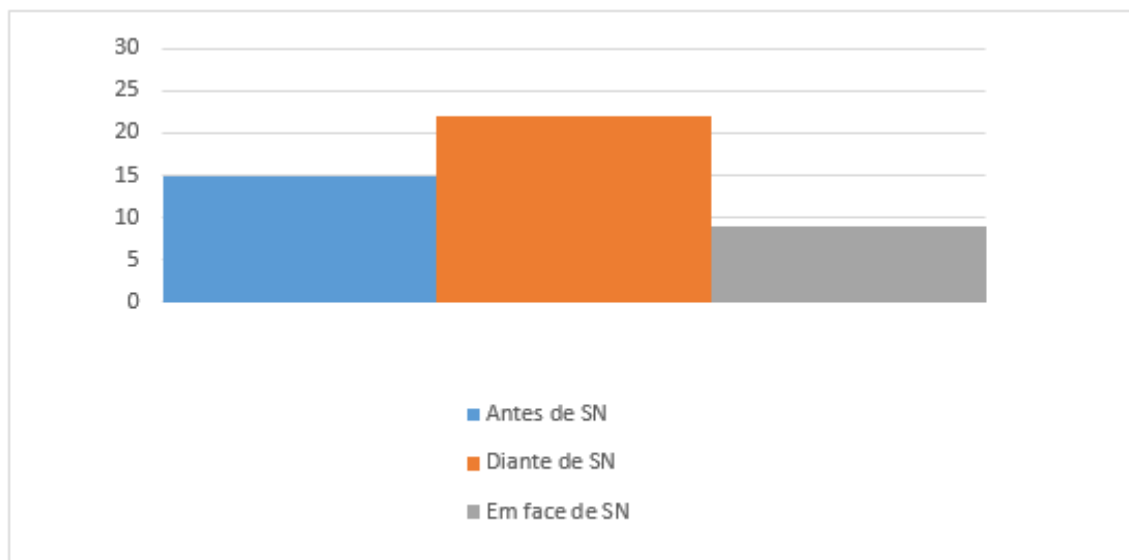
Vale observar que não encontramos exemplos da microconstrução **em face de** sendo utilizada como base preposicional. Acreditamos que isso seja em decorrência de sua base não exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Falamos a respeito dessa particularidade de **em face de** mais adiante.

²⁹ Texto completo disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/as-razoas-da-desigualdade-de-renda-do-trabalho-sao-politicas-e-nao-educacionais/>

³⁰ Texto completo disponível em: <https://twitter.com/HugoGloss/status/1243592716048531461>.

Retomando os resultados da Tabela , embora compartilhem características muito semelhantes, uma análise inicial, conforme itens acima, revela uma preferência dos falantes da língua pelas formas **diante de** e **antes de** na composição da anáfora encapsuladora. Isso pode ser observado, agora, no Figura , a seguir.

Figura 2 – Comparação de frequência de usos da construção de encapsulamento por apontamento



Fonte: O autor (2024).

Ao analisarmos conjuntamente as amostras e a figura acima, notamos que, como já mencionado, **antes de** apresenta altos níveis de produtividade e frequência, visto que é encontrada abundantemente no vocabulário dos falantes de PB. Contudo, esse elevado grau de produtividade faz com que essa construção tenha um comportamento híbrido, ou seja, ora realizando anáfora por encapsulamento, ora fazendo um apontamento, mas não necessariamente uma anáfora.

Melhor explicando, vejamos o exemplo **10** acima: nesse caso, **antes de** faz referência a um dado do passado³¹ – “antes de 1970” – e apresenta o mesmo esquema das construções analisadas – “advérbio preposicional + sintagma nominal”. Todavia , nessa situação, faz menção a um ponto temporal; não há relação anafórica. Então, de acordo com Wiedemer (2014), é possível dizermos que se ativa o lado preposicional dessa construção de caráter híbrido. O mesmo caso pode ser visto no exemplo **11** acima, em que **diante de** – “diante da praça” – também faz menção a um ponto, mas também não ocorre uma realização anafórica.

³¹ Aqui, é possível retomarmos as ideias de Castilho (2010) relacionadas ao “olhar humano”, ou seja: olhar para frente representando algo que será dito (futuro) e olhar para trás representando algo que foi dito (passado).

A preposição complexa que descreve a cena em que o Papa Francisco está orando apresenta a estrutura "diante de [algo]", em que "algo" é "a praça completamente vazia na Basílica de São Pedro". Aqui, "na Basílica de São Pedro" funciona como um adjunto adverbial indicando o local.

Vejam, agora, o enunciado **12** (Quadro 17) a seguir.

Quadro 17 – Exemplo 12 em análise: antes de e diante de

“**Antes mesmo de começar** as entrevistas, **diante de jornalistas apressados** para perguntar sobre carreira, vida pessoal e afins, a pernambucana reconheceu os sotaques nordestinos que a aguardavam”.

Fonte: Gadelha (2019)³².

Em **12**, **diante de** é uma preposição complexa que descreve a situação em que a ação ocorre. Assim, não se refere a um ponto fixo, a um local, mas sim a uma referência, algo que pode ser modificado de acordo com o momento ou o contexto em que está inserido. **Diante de** indica a presença dos jornalistas. "Jornalistas apressados para perguntar sobre carreira, vida pessoal e afins" é o complemento dessa locução, descrevendo quem são esses jornalistas e qual é a intenção deles. Assim, percebe-se que temos um *continuum de* abstração, indo de um ponto mais concreto – quando se “ativa o lado preposição” – até outro mais abstrato – quando se “ativa o lado advérbio”.

[A]s construções variam em um *continuum* de esquematicidade ou abstração. O termo aplica-se a ambas as unidades gramaticais que estão associadas a lexemas particulares e unidades gramaticais definidas sobre categorias abstratas, ou "slots", que podem ser preenchidos por certos tipos de expressões (Costa; Wiedemer, 2019, p. 91).

Antes de prosseguirmos nessas análises, faz-se necessário mencionar que, iniciando o item **12**, notamos a presença de um esquema construcional formado inicialmente pela preposição complexa **antes de**, em que, no entanto, há intercalação com o advérbio de intensidade **mesmo**, formando a construção **antes mesmo de**. Somente essa configuração já seria suficiente para justificar o fato de não a termos considerado como parte do *corpus*, uma vez que nosso foco de investigações se cinge a padrões construcionais formados pelo esquema $X_{adv} + Y_{prep}$ (exclusivamente) = Adv. Preposicional seguido por SN (aqui sim sendo permitidas formações diferentes, devido ao fato de esse *slot* ser parcialmente preenchido); no entanto, as diferenças não se findam aí. Nota-se ainda que essa construção *antes mesmo de* é seguida por

³² Texto completo disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/no-ar-em-verao-90-fabiana-karla-e-voz-ativa-em-pautas-como-a-representatividade-1.2063936>.

um verbo – “começar” – o que nos remete a uma compreensão do sentido dela como mais próximo ao de uma conjunção (aparentemente com valor adverbial, reforçado pela presença do advérbio de intensidade **mesmo**). Feitos esses esclarecimentos, prossigamos.

Com base nisso, vejamos a seguir uma ocorrência de uso de cada microconstrução **antes de SN**, **diante de SN** e **em face de SN**.

Quadro 18 – Exemplo 13 em análise: antes de

“O engenheiro Alexis Adriano da Silva, de 41 anos, trabalhava na Mina do Córrego do Feijão. Era viúvo havia três anos. A mãe de seus dois filhos, um de 6 e outro 3 anos, morreu no parto do mais novo. Segundo a mãe do engenheiro, ele visualizou o WhatsApp pela última vez às 12h15 de sexta-feira, pouco **antes da tragédia**, que ocorreu às 12h28, mas não respondeu ao pedreiro que cuidava da reforma do apartamento onde morava com ela e os filhos, em Belo Horizonte. Alexis tinha voltado de férias na quarta-feira, dois dias **antes do rompimento** da barragem”.

Fonte: Veja [...] (2019)³³.

Quadro 19 – Exemplo 14 em análise: diante de

“Ciente do desejo do Flamengo de esticar a corda de 10 para 12 milhões de euros pelo centroavante, o Fluminense reforçou a postura irredutível em contato direto com os rubro-negros. **Diante do cenário**, o clube da Gávea optou por evitar um conflito que pudesse causar um litígio entre as partes.”

Fonte: Fluminense [...] (2019)³⁴.

Quadro 20 – Exemplo 15 em análise: em face de

“Inicialmente, a título de esclarecimento, anoto que a conclusão inicial de Moro de que existem contradições nos depoimentos de Lula e que estas conduzem a dedução de que Lula está mentindo não resistem a meras considerações contidas na própria sentença, e mais, após o revelado nas conversas obtidas pelo The Intercept, denotam apenas que os reais motivos estão alicerçados em outra premissa, a de demonizar o réu perante a opinião pública após incessante massacre midiático, direcionado pelo que posteriormente passou a se denominar República de Curitiba.

Além disso, **em face dos novos elementos**, revela-se a fragilidade de tais argumentos, porque a conclusão de que Lula mentiu/se contradisse em seus depoimentos, é de tal forma débil, que custa crer que alguém consiga fazer tal exercício de imaginação com base em três depoimentos do Presidente Lula em momentos distintos e que substancialmente não discrepam entre si –, sendo que o último, deu-se apenas uns dias após a morte de sua esposa Marisa Letícia, e, nesse, foi bombardeado incessantemente com perguntas referentes a fatos relativos a esfera pessoal da falecida, como esta agiu, o que ela pensou.

Fonte: Moro [...] (2019)³⁵.

³³ Texto completo disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/02/03/interna_gerais,1026201/veja-os-perfis-das-vitimas-do-rompimento-da-barragem-de-brumadinho.shtml.

³⁴ Texto completo disponível em: <https://www.regiaoews.com.br/esporte/fluminense-reafirma-postura-irredutivel-e-flamengo-abre-mao-de-negociacao-por-pedro>.

Em **13** (Quadro 18), temos a ocorrência da microconstrução **antes de** em dois momentos do texto. Na primeira ocorrência, temos “antes da tragédia”, que funciona como advérbio de tempo, indicando o momento anterior a outro momento específico. Nesse caso, “antes da tragédia” indica o tempo anterior ao evento. Aqui, já percebemos um uso que retoma uma ação ocorrida anteriormente, ou seja, já aponta para uma ancoragem no texto, representada pelo SN **tragédia**, que resume o acontecimento na primeira parte do enunciado, bem como aponta para um tempo discursivo, nesse caso a morte do pedreiro. Esse uso está correlacionado à segunda microconstrução “antes do rompimento da barragem”, que aponta para o acontecimento/fato da tragédia. Dessa forma, temos uma segunda ancoragem do texto.

A **ancoragem** é um conceito fundamental na Linguística Textual, referindo-se à estratégia utilizada para conectar diferentes partes de um texto e proporcionar coerência e coesão ao discurso. Na perspectiva da LT, a ancoragem envolve o uso de elementos linguísticos, como pronomes, advérbios, conectores e referências, para estabelecer relações semânticas e garantir a continuidade temática ao longo do texto. Esses elementos de ancoragem atuam como elos que conectam segmentos textuais e ajudam os leitores na compreensão da estrutura e do desenvolvimento do texto.

Além disso, a ancoragem desempenha um papel crucial na organização hierárquica do texto, contribuindo para a coesão textual e a compreensão global da mensagem. Por meio da ancoragem, os elementos linguísticos atuam como pontos de referência que orientam os leitores na interpretação do texto, permitindo-lhes identificar relações de causa e efeito, compreender a progressão narrativa e reconhecer a coerência argumentativa. Assim, a ancoragem não apenas conecta unidades linguísticas dentro do texto, mas também facilita a construção de significados e a interpretação do conteúdo textual pelos leitores (Koch, 2015).

Ao observarmos a amostra **14** (Quadro 19), vemos um exemplo da microconstrução **diante de** associada ao SN **cenário**. Nesse contexto, retomando os conceitos de Castilho (2010), podemos notar as noções sobre as quais fala o autor ao utilizar como referência o olhar humano (eixo transversal). Nesse caso, o enunciado é iniciado por um parágrafo discorrendo sobre sua tese – no caso, a postura do Fluminense em relação à mencionada atitude do Flamengo – e assim finaliza seu tópico frasal. Em seguida, é necessário que haja um elo, isto é, que se retome o que já foi dito para, aí sim, inserirem-se mais informações ao parágrafo e, para isso, o autor faz uso do advérbio preposicional **diante de** aliado ao SN **cenário**. Nesse uso, a microconstrução aponta para o SN encapsulador, responsável por

³⁵ Texto completo disponível em: <https://jornalgnn.com.br/artigos/moro-a-obscura-face-da-maldade-aos-poucos-e-revelada-por-sergio-medeiros/>.

resumir toda a ideia desenvolvida anteriormente em uma única palavra – cenário –, seguindo o que postula a Linguística Textual ao tratar sobre os processos de encapsulamento. Ainda recorrendo à LT, nota-se ali uma opção de suposta neutralidade por parte do autor na escolha do SN **cenário**, organizando a estrutura textual ao mesmo tempo em que garante a coesão ao parágrafo.

Já em **15** (Quadro 20), “em face dos novos elementos” indica a circunstância que algo ocorre. É interessante observar que, na sequência, temos “porque a conclusão de que Lula mentiu/se contradisse em seus depoimentos”, uma causa das fragilidades dos argumentos, assim, **porque** introduz uma oração subordinada adverbial causal que explica a razão da fragilidade dos argumentos. Além de indicar uma circunstância, temos uma relação com o referente **novos elementos**, que é ancorado no resto da porção textual, o que promove o encapsulamento da informação, ou seja, são apresentados esses novos argumentos e que servem também de sustentação para o que será dito. Na seção 4.4, retomamos a discussão das preposições complexas associadas ao encapsulamento.

4.2 As preposições complexas na organização cognitiva de espaço e tempo

Como já mencionamos, Castilho (2010) aponta que as preposições possuem, em seu “sentido base”, a noção de localizar dois ou mais termos inter-relacionados no espaço-tempo, ainda que tal noção não seja, por vezes, tão clara.

[...] o primeiro sentido, comum a todas as preposições, é o espaço temporal, ou melhor, a localização no espaço ou no tempo. [Ele explica que] a imagem sensorial é a primeira que se apresenta e muitas vezes é indispensável como ponto de partida do pensamento, ainda que a língua nem sempre se assente sobre imagens sensoriais (Borba, 1971, p. 80 *apud* Castilho, 2010, p. 587).

Esse autor ressalta ainda o papel fundamental que a cognição possui, já que, de acordo com ele, ela é a grande responsável por essa “confusão” de enxergar tais traços – e outros – ao empreendermos estudos linguísticos. Em outras palavras, pode-se dizer que a cognição é a responsável por alterar os sentidos prototípicos dos quais derivam os sentidos de “aspecto, tempo, qualidade” (Castilho, 2002a *apud* Castilho, 2010, p. 596).

Seguindo essa lógica, Castilho (2010) desenvolveu um quadro no qual apresenta as preposições de acordo com a organização da categoria cognitiva no espaço, bem como as

subcategorias cognitivas e os papéis semânticos derivados. Vejamos o Quadro 21 abaixo.

Quadro 21 – Papéis semânticos e o tratamento da categoria cognitiva ESPAÇO

CATEGORIA COGNITIVA	ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA COGNITIVA <i>ESPAÇO</i>	SUBCATEGORIAS COGNITIVAS	PAPÉIS SEMÂNTICOS DERIVADOS
ESPAÇO	POSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo horizontal	/origem/ , /meio/ , /meta/
		Eixo vertical	/superior/ ~ /inferior/
		Eixo transversal	/anterior/ ~ /posterior/
	DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo continente/conteúdo	/dentro/ ~ /fora/
	PROXIMIDADE NO ESPAÇO	Eixo longe/perto	/proximal/ ~ /distal/
	MOVIMENTO NO ESPAÇO	Eixo real/fictício	/dinâmico/ ~ /estático/

Fonte: adaptado de Castilho (2010, p. 585).

Os casos que nos propusemos a analisar, ainda seguindo os postulados desse gramático, podem ser inseridos no eixo transversal de orientação anterior – ao olhar para frente – ou posterior – ao olhar para trás –, os quais, pode-se dizer, possuem tais orientações pois se baseiam no olhar humano, como já mencionado anteriormente nesta pesquisa, incluindo ideias “figuradas” de o que esse “para frente” e “para trás” podem significar. Em outras palavras e trazendo tais reflexões para as investigações que aqui realizamos, seria o mesmo que dizer que as noções temporais de passado e de futuro seriam, respectivamente, equivalentes às ideias mencionadas.

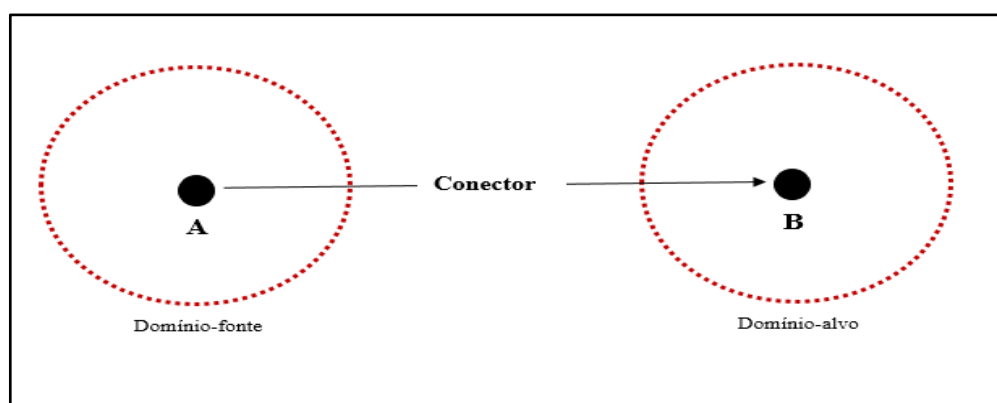
As microconstruções **antes de**, **diante de** e **em face de**, aqui analisadas, indicam espaço anterior de acordo com Castilho (2010), apontando até mesmo para “um valor de causação, se o ponto de referência for um demonstrativo neutro, portanto um anafórico” (Castilho, 2010, p. 602).

Corroborando com essa visão, Batoréo e Silva (2010) argumentam que, desde a formação das palavras – que ocorre a partir da justaposição de letras, uma após a outra –, manifesta-se na língua a noção temporal de antes e depois, também aludida por Castilho (2010), e vai além: insere, nesse bojo, a ideia de perfilação (Langacker, 1987, 1991), que faz uso também da noção corporal humana da visão, mas já atribuindo-a a ideia de uma subjetividade. Veja a seguir o que apresentam os autores.

O observador atribui, assim, deicticamente as características espaciais aos elementos da escrita em função do seu ponto de vista, decidindo que o que fica à sua esquerda corresponde à esquerda na escrita. Daí, o elemento A, se se encontrar antes do elemento B, pode ser definido como estando também à esquerda do B (passando, este, à direita do A). É evidente que as unidades A e B não têm partes esquerda ou direita intrinsecamente inerentes à sua construção, sendo o observador quem as atribui arbitrariamente de modo deictico (Batoréo; Silva, 2010, p. 244).

É possível que essa ideia de localização no espaço-tempo ocorra também de maneira metafórica, o que se daria por parte da própria cognição, como já ressaltado por Castilho (2010). Isso nos remeteria à ideia de espaços conceituais. Resumidamente, tal conceito parte da noção de que certas expressões linguísticas, aliadas a mecanismos de caráter extralinguístico e unidas por um determinado elemento – no caso que investigamos, uma preposição complexa –, ativam espaços mentais específicos, de caráter metafórico, que transmitem determinada ideia entre um ponto e outro (Fauconnier, 1994 *apud* Souza, 2014, p. 188). Em outras palavras, um elemento A (domínio-fonte, pertencente a um domínio cognitivo), por meio de um conector – tratando-se, nesse caso, conector como qualquer item que ligue o elemento A ao B –, projeta a ideia que carrega em si no elemento B (domínio-alvo, pertencente a um domínio cognitivo diferente do de A). Tudo isso ocorre, vale ressaltar, mediante um processo de abstração, isto é, metafórico. Veja a seguir um esquema que melhor ilustra essa relação.

Esquema 6 – Esquema de projeção de um espaço mental a outro



Fonte: Fauconnier (1994 *apud* Souza, 2014, p. 188).

De acordo com o Esquema acima, o elemento A, metaforicamente e pelos mais diferentes motivos – que irão variar a depender da situação comunicativa em questão – “empresta”, contando com a ajuda do elemento conector, características suas ao elemento B, fazendo com que ocorra uma mesclagem conceitual, ou seja, uma “mistura” entre o conceito real invocado e o abstrato adquirido. Isso vai ao encontro daquilo que defendiam Lakoff e

Johnson (*apud* Spanghero, 2003) ao salientarem que: “[as metáforas] ao contrário do que em grande parte [vinha sendo] publicado a respeito, fazem parte da linguagem cotidiana, tem valor cognitivo, estatuto epistemológico e são essenciais ao nosso processo de conceptualização do mundo” (*apud* Spanghero, 2003, p. 280).

Nesse sentido, voltamos às considerações a respeito das preposições complexas, construções de caráter relacional (de preposição) e locativo-temporal (de advérbio). Tal característica faz-se presente ainda quando analisamos o grau de abstração das mesmas construções a depender do contexto em que estão inseridas.

Vale apontar que a marcação do tempo sempre se dá em relação a outro momento, o que já aponta para uma relação entre as porções textuais, o que parece ter colaborado para o desenvolvimento de leituras encapsuladoras ou ancoradas. Vejamos alguns exemplos, a seguir.

Quadro 22 – Exemplo 16 em análise: antes de

“Em quarto lugar no ranking da Fifa, a Inglaterra chega forte para a Copa do Mundo, mas deixou a desejar em último amistoso **antes do Mundial**”.

Fonte: Em último [...] (2023)³⁶.

Quadro 23 – Exemplo 17 em análise: antes de

“O estatuto de transferência da Fifa proíbe, em seu artigo 18, que jogadores sejam envolvidos em negociações internacionais **antes de completar** 18 anos. Por isso, há casos como os de Vinicius Junior e Rodrygo, que foram vendidos ao Real Madrid **antes dessa idade**, com a transferência só se concretizando efetivamente ao atingirem a maioridade”.

Fonte: Leite (2019)³⁷.

Quadro 24 – Exemplo 18 em análise: antes de

“Tarrant comparecerá no próximo dia 5 de abril diante do Tribunal Superior da Nova Zelândia para responder por uma acusação de assassinato, mas a expectativa é que sejam formuladas várias outras **antes dessa data**”.

Fonte: Em silêncio [...] (2019)³⁸.

³⁶ Texto completo disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/internacional/inglaterra/em-ultimo-amistoso-antes-da-copa-do-mundo-feminina-inglaterra-e-portugal-empatam-sem-gols,32d2c511c92c22705e8d725bf4f82cf6jo7vu3sq.html#>.

³⁷ Texto completo disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/crias-da-base-enchem-os-cofres-dos-clubes-brasileiros,0cd5f0aab75c28da139d84857bde893bedr0loep.html>.

³⁸ Texto completo disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/03/21/em-silencio-nova-zelandia-lembra-das-vitimas-de-ataque-contra-mesquitas.htm>.

Em **16** (Quadro 22), **antes do Mundial** indica o momento anterior à ocorrência dessa competição, sendo, nesse caso, uma especificação temporal referente ao amistoso mencionado na frase. Dessa forma, **antes de** constrói uma relação de marcação da ação em relação à outra ação. A marcação temporal **antes do Mundial** também pode ser entendida em termos de uma metáfora espacial do tempo. Nessa perspectiva, o tempo é concebido como uma estrada ou um caminho, em que eventos se sucedem de maneira linear. Assim, **antes do Mundial** pode ser interpretado como um ponto ao longo desse trajeto temporal, indicando uma posição anterior à grande competição. Essa metáfora espacial do tempo não apenas auxilia na compreensão cronológica dos eventos, mas também contribui para uma visão mais dinâmica e especializada da passagem do tempo, na qual o presente é um ponto de referência em um contínuo movimento de passado para futuro. Nesse sentido, o "antes" assume um papel metafórico ao sugerir um período de antecipação, em que equipes e torcedores se preparam e se preocupam com os desafios que estão por vir.

Processo semelhante pode ser observado no exemplo **17** (Quadro 23), em que **antes dessa idade** não apenas situa os eventos no tempo, mas também enfatiza a importância das regulamentações da Fifa e as implicações legais e éticas relacionadas à transferência de jogadores menores de idade. Essa marcação temporal não só contextualiza o momento em que ocorrem as negociações, mas também destaca a relevância das restrições impostas pela Fifa para proteger os jovens jogadores e garantir a integridade física, emocional e legal deles. Além disso, também se ressalta a necessidade de respeitar os princípios éticos envolvidos no processo de transferência, como o consentimento informado dos jogadores e o cuidado com o desenvolvimento pessoal e profissional desses.

Outrossim, nessa mesma amostra, antes da que analisamos, há presença de outro esquema construcional formado pelo advérbio preposicional **antes de**, mas, tal como no exemplo **12**, anteriormente exposto, essa preposição complexa não vem seguida de um SN, e sim de um verbo – aqui em **17**, **começar** –, algo que torna o sentido dela mais próximo a um valor conjuntivo (de uma conjunção adverbial causal ou consecutiva, talvez). Contudo, essa é uma temática que vale a realização de estudo individual e focado em todas as particularidades, motivo pelo qual, nestas análises que hoje realizamos, não consideramos **antes de começar** como parte de nosso *corpus*.

Já no exemplo **18** (Quadro 24), **antes dessa data** marca uma circunstância temporal específica, apontando para o momento anterior ao qual as outras acusações podem ser formuladas. Essa marcação temporal fornece um contexto para compreender o intervalo de tempo durante o qual se espera que ocorram as formulações adicionais de acusações. Essa

precisão temporal não apenas orienta sobre o momento oportuno para tais ações, mas também sugere um senso de urgência ou expectativa em relação aos eventos que se desdobrarão antes do prazo mencionado.

Como vimos nos exemplos acima, a metaforização da noção temporal parece ter contribuído para usos mais abstratos, o que pode ter promovido a relação com pronomes mais abstratos, como os exemplos 17 e 18, acima, em que temos um pronome demonstrativo (*dessa*), que aponta para um referente já mencionado no discurso.

4.3 A mudança linguística: o papel do ponto de referência/objeto

Muito presente nas mais diversas correntes linguísticas – principalmente naquelas que veem o uso de amostras reais de fala como um fator primordial para análises –, a mudança linguística desempenha um importante papel na investigação acerca dessas construções, porque “a língua é concebida com uma extensa, complexa e interconectada rede de construções, em todos os níveis de análise linguística” (Oliveira, 2019, p. 467 *apud* Costa e Wiedemer, 2019, p. 91), o que demonstra serem as construções itens que variam, como já mencionamos, em um *continuum* de esquematicidade ou abstração.

Como vimos, em nosso capítulo de revisão teórica, as mudanças linguísticas se dão em pequenos movimentos, denominados pela teoria de micropassos da mudança linguística (Traugott, Trousdale, 2013). Dessa forma, a transformação linguística constitui um fenômeno inerente às línguas naturais, demandando uma análise dos processos para uma compreensão abrangente. Conforme apontado por Traugott e Dasher (2002) e em pesquisas posteriores, destaca-se a relevância dos micropassos na evolução linguística, bem como a ênfase em conceitos fundamentais como analogização e neoanálise.

A analogização, como o próprio nome nos indica, tem como base o processo lógico da analogia entre dois ou mais itens, “comparando-os”, a fim de melhor compreendê-los. Em outras palavras, diz respeito ao destaque de similaridades – ou diferenças – entre determinadas estruturas, que, a partir do compartilhamento – ou não – de características em comum, auxiliam na compreensão de uma dada língua. Para Traugott e Dasher (2002), a analogização compara e contrasta estruturas linguísticas diferentes e em estágios temporais também distintos no intuito de identificar – possíveis – padrões de mudança linguística, o que auxilia na identificação de regularidades e tendências de mudança na língua.

Os micropassos da mudança linguística, conforme Traugott e Dasher (2002), referem-se às pequenas alterações que ocorrem de maneira incremental e cumulativa ao longo do tempo. A compreensão da mudança linguística envolve, portanto, a observação dessas pequenas transformações, que, ao longo do tempo, resultam em mudanças mais abrangentes na língua, abrangendo diversas áreas, desde fonologia e morfologia até semântica e sintaxe. Atualmente, os passos na mudança linguística são geralmente considerados micropassos, mudanças (De Smet, 2012) que podem ser dificilmente perceptíveis em um *corpus* ou entre indivíduos.

A instauração da mudança linguística tem origem na formulação de uma nova representação na mente de um usuário da língua. Esse processo é notavelmente evidenciado pelo mecanismo denominado **neoanálise**, uma modificação de um elemento dentro de uma construção, como devidamente explicado por Andersen (2000). O conceito de **neoanálise** é introduzido como uma alternativa ao termo **reanálise**, abordando a possibilidade de um usuário da língua interpretar uma construção de maneira diferente, sem que ocorra necessariamente uma "re"-análise, mas sim uma análise "diferente". O termo **neoanálise** é considerado um micropasso na mudança construcional, seja na forma ou no significado. Essa transformação é frequentemente desencadeada pela correspondência de padrões, muitas vezes inconsciente, por parte dos usuários da linguagem, caracterizando um fenômeno conhecido como analogia, ou, de maneira mais precisa, "pensamento analógico".

Conforme destacado por Traugott e Trousdale (2010), a analogização, como resultado do pensamento analógico, é um mecanismo crucial no processo de mudança linguística. Esse mecanismo envolve o recrutamento de um item para um subesquema, uma ação que surge a partir do pensamento analógico. Dessa forma, a analogização se configura como um elemento essencial na dinâmica da mudança linguística, proporcionando um entendimento mais claro de como novas representações mentais e ajustes nas construções linguísticas são gerados ao longo do tempo. Esse fenômeno sublinha a interconexão entre a mente do usuário da língua, as modificações nas construções e o papel central da analogia na transformação gradual do sistema linguístico.

Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), a noção de mudança linguística estaria associada à ideia de um *continuum*, uma vez que uma rede de construções é constituída por uma base em uma complexa teia de *links* contextuais. Nesse contexto, a mudança linguística não é vista como um evento isolado, mas como um processo contínuo e gradual, no qual as construções linguísticas se adaptam e se transformam ao longo do tempo devido à interação dinâmica com contextos variados. Essa abordagem reconhece que as construções estão

enraizadas em uma diversidade de contextos sociais, culturais e comunicativos, e, como tal, a mudança linguística é percebida como parte de um contínuo evolutivo, no qual as construções se adaptam e se reorganizam em resposta às demandas em constante mutação da comunicação linguística. As mudanças se dão em micropassos via neanálise de base metonímica ou metafórica ou analogização, nas quais há uma divisão em que os passos, de forma mais ou menos lenta, podem ser assim descritos: inovação > convencionalização; construcionalização; pós-construcionalização e redução ou obsolescência³⁹.

Acreditamos que um importante passo da mudança linguística que envolve nosso objeto é o papel do referente, particularmente o sintagma nominal (SN) que segue a microconstrução. Defendemos a ideia de que a relação entre a preposição e esse SN, quanto maior abstratização, maior a possibilidade de ocorrência de encapsuladores. No exemplo **08** (Quadro 25), é mencionada a microconstrução **em frente a** seguida do SN **secretaria**, que requer um SN mais concreto. Isso implica que o SN **secretaria** é mais específico e tangível em relação à preposição **em frente a**. Esse tipo de construção, na qual a preposição está associada a um SN concreto e específico, pode ser menos propenso a gerar encapsuladores, que são elementos linguísticos que englobam ou abstraem o conteúdo de uma expressão.

Quadro 25 – Retomando o exemplo 08 em análise: em frente a

“O grupo seguiu, após encontro na Central do Brasil, em direção à Secretaria de Fazenda e Planejamento. **Em frente a secretaria**, os servidores protestaram contra o atraso no pagamento”.

Fonte: Servidores [...] (2018)⁴⁰.

Dessa forma, no exemplo **08**, o uso da microconstrução **em frente a** seguida do SN **secretaria** sugere um sentido mais espacial, indicando uma correlação com um ponto de referência mais concreto. Nesse caso, o referente mais concreto da palavra **secretaria** aponta para uma referência classificadora, ou seja, indica a existência de um objeto físico ou uma entidade específica. Isso implica que a preposição **em frente a** estabelece uma relação direta com um ponto de referência tangível no espaço, nesse caso, a localização da secretaria.

³⁹ Não explicaremos cada um dos micropassos pois não é o objetivo desta dissertação.

⁴⁰ Texto completo disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/servidor-publico/servidores-do-estado-fazem-bloco-de-carnaval-dos-sem-salario-para-cobrar-13-22382182.html>.

Quadro 26 – Em frente a

Região espacial	Localmente com base em	Ponto de referência + concretude/locativo
<i>Em</i>	<i>frente</i>	<i>Secretaria</i>

Fonte: O autor (2024).

A referência considera a relação entre a linguagem e as coisas do mundo que ela é capaz de referir, mais precisamente o referente. Pela abordagem sociocognitiva, a atividade de referir é instância do próprio discurso e o referente é, sob tal perspectiva, concebido como objeto-de-discurso e não como objeto de mundo. Sobre isso, Koch e Marcuschi (2002) aludem que:

a referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve. [...] os referentes são vistos não como algo que deve necessariamente existir (na condição de indivíduo) no mundo extratexto ou extramente, mas são aqui considerados como “objetos-de-discurso”. É a isso que chamamos de *referenciação* (Koch; Marcuschi, 2002, p. 382).

Assim, no exemplo **08**, o contexto é mais locativo, enfatizando a relação espacial entre a preposição e o sintagma nominal **secretaria**. Nesse caso, a preposição **em** designa uma região especial no espaço, indicando a posição relativa da secretaria em relação a algum ponto de referência. A função da preposição é estabelecer essa relação espacial, proporcionando informações sobre a localização ou a direção de um objeto em relação a outro.

Como já indicado, acreditamos que, a partir do processo de **neoanálise**, ocorre a abstração desses contextos locativos, que promovem uma leitura mais abstrata das microconstruções, que são motivadas por referentes mais abstratos que compõem o SN após as microconstruções. Vejamos três exemplos que demonstram esse raciocínio.

Quadro 4 – Retomando o exemplo 12 em análise: antes de e diante de

“Antes mesmo de começar as entrevistas, diante de jornalistas apressados para perguntar sobre carreira, vida pessoal e afins, a pernambucana reconheceu os sotaques nordestinos que a aguardavam”.

Fonte: Gadelha (2019)⁴¹.

⁴¹ Texto completo disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/no-ar-em-verao-90-fabiana-karla-e-voz-ativa-em-pautas-como-a-representatividade-1.2063936>.

Quadro 28 – Exemplo 19 em análise: diante de

“Já as crianças estão à mercê deles – que não só podem ser os pais e outros parentes, como também babás, o pessoal da creche, os auxiliares do ônibus escolar e até os professores.

E embora possam se abster **diante de crianças**, os jovens com quem têm contato estão expostos a elementos tóxicos indiretos, presentes nos poluentes residuais que ficam nos móveis, nas roupas e na pele. Se você não fuma, consegue sentir o cheiro de um fumante próximo; será que vai mesmo querer essa pessoa segurando seu bebê?”

Fonte: Brody (2018)⁴².

Quadro 29 – Exemplo 20 em análise: antes de

“O relacionamento do casal rendeu uma filha, Nina. A intenção deles é preservar a garota, por conta disso, eles seguem fazendo alguns passeios juntos.

Carol Castro está com 35 anos. **Antes dessa relação**, ela foi casada com o ator Rafael Sander e se separou dele em 2015. No mundo das novelas, a atriz está escalada para a trama ‘Órfãos da Terra’, que estreará na tela da Globo no próximo dia 2 de abril”.

Fonte: Após três [...] (2019)⁴³.

Nos exemplos **12** (Quadro 27) e **19** (Quadro 28Quadro), temos a atuação da microconstrução associada a referentes que não denominam ponto de referência, ou seja, um cenário espacial, mas sim referentes (**jornalistas** e **crianças**) que apontam para indivíduos. Esse aumento de escopo da construção, que passa também a ser usada com SN **indivíduos**, aumenta a extensibilidade, ou seja, passa a permitir novos usos. Assim, parece-nos se tratar de uma expansão de classe, denominada de *host-class* (Himmelmann, 2004). Apesar de não estarmos fazendo um estudo diacrônico, nos moldes da Gramática de Construções Diacrônica (Hilpert, 2008; Traugott, Trousdale, 2013), acreditamos que o surgimento de novos *types* de construções promove o aumento da frequência *type* (Barddal, 2008), bem como a expansão da classe hospedeira (Himmelmann, 2004). De acordo com Hilpert (2008), uma forma de demonstrar isso é observar o aumento da frequência de *tokens*, em que a expansão pode ser sintática ou da classe hospedeira.

Já no exemplo em **20** (Quadro 29), temos agora um referente de segunda ordem, ou seja, que indicam estado-de-coisas (ações, processos, estados e posições), que são localizados no tempo; têm certa duração temporal e ocorrem, mas não existem. Assim, a microconstrução é acompanhada do SN **relação**, que aponta para um processo. No exemplo, esse processo já

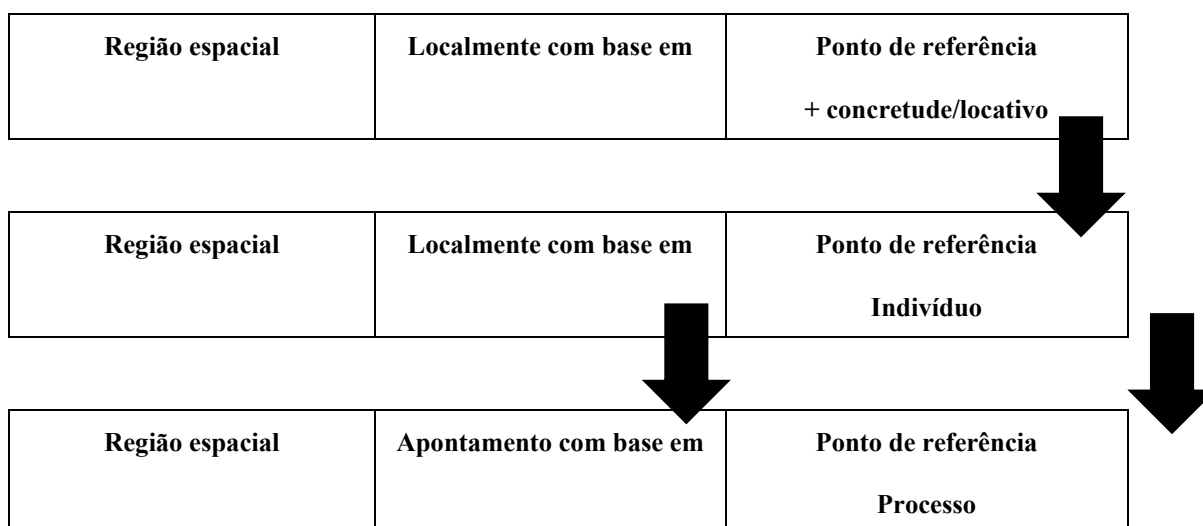
⁴² Texto completo disponível em: <https://oglobo.globo.com/saber-viver/os-adultos-fumam-mas-quem-sofre-sao-as-criancas-23127474>.

⁴³ Texto completo disponível em: <https://istoe.com.br/apos-tres-anos-carol-castro-se-separa-de-felipe-prazeres/>.

está indicado na porção textual anterior, o que promove a ancoragem desse lexema ao resto do texto, permitindo o encapsulamento. A seguir, procuramos representar esses micropassos da mudança linguística, em que temos uma abstratização do ponto de referência, que passa da indicação de um ponto de referência concreto/locativo >> indivíduo >>> processo/ações/estados/posições.

Para garantir mais clareza a essas análises, o mecanismo de ancoragem consiste, basicamente, em uma “conexão”, uma referência entre elementos linguísticos ou entre elementos linguísticos e extralinguísticos. Pode se dar, desse modo, em âmbito semântico, cultural⁴⁴ e contextual, por exemplo, sendo esse referente a espécies de “pistas contextuais”. Isso quer dizer que o contexto em que uma construção ocorre é utilizado no fornecimento de dados e elementos importantes para a compreensão dela.

Esquema 7 – Micropassos da mudança linguística



Fonte: O autor (2024).

Dessa forma, avaliando Esquema acima, vimos que as microconstruções são dependentes do contexto de uso: quando associadas a pontos de referências mais locativos, promovem sentido mais preposicional; quando mais associadas a referentes mais abstratos e que indicam processos, mais estão associadas à noção adverbial e, por sua vez, mais encapsuladoras. Em pesquisas futuras, a partir de pesquisas diacrônicas, esse quadro poderá ser mais aprofundado, mas acreditamos que se trate de uma hipótese explicativa para a gradiência de usos que envolve o fenômeno aqui investigado.

Outra questão também importante é a diferença da posição que a microconstrução

⁴⁴ Não nos aprofundamos nessas possibilidades de ocorrência pois não são o foco desta pesquisa.

ocupa na sentença, em que **antes de** inicia orações consideradas menos encaixadas na sentença, ou seja, com maior mobilidade dentro da oração. Contudo, essa mobilidade faz com que elas sejam ainda mais dependentes da oração matriz para que haja manutenção do sentido. Em outras palavras, quanto menos encaixada é a construção, menos ela desempenha uma função sintática, e sim semântica.

4.4 Construção de apontamento por encapsulamento

Inicialmente, em nossas amostras, encontramos duas possibilidades de encapsulamento: uma formada por SN (17) e outra formada por pronome indefinido (18). Vejamos um exemplo de cada.

Quadro 30 – Exemplo 21 em análise: antes de

“No entanto, foi somente em maio de 2017 que o STJ firmou o entendimento de que o direito dos transexuais à retificação da certidão de nascimento em relação ao nome e ao sexo não poderia ser condicionado à realização de cirurgia de adequação sexual, também chamada de transgenitalização (...)

Assistente social e ativista do movimento LGBT, Paula conta que, **antes de decisões** como as tomadas pelo STJ, homens e mulheres trans enfrentavam muita dificuldade para conseguir alterar o registro civil, tendo de buscar a Justiça para conseguir a mudança do nome na certidão de nascimento sem ter, no entanto, a garantia de que a sua identidade de gênero seria respeitada.”

Fonte: Decisões [...] (2019)⁴⁵.

Quadro 31 – Exemplo 22 em análise: diante de

“Os investigados disseram que compraram um celular e um rack em uma rede varejista do local e venderam ainda no estacionamento. Eles não souberam dizer quem comprou os objetos. **Diante disso**, os policiais foram até a casa de outro homem, que tinha sido abordado antes e que levava um rack na caminhonete.”

Fonte: Polícia [...] (2017)⁴⁶.

No exemplo **21** (Quadro 30), acima, retirado de uma notícia publicada no site do STJ, fala-se a respeito do direito de pessoas transexuais ao processo conhecido como

⁴⁵ Texto completo disponível em: https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias-antigas/2019/2019-01-13_06-57_Deciso-es-garantem-respeito-a-identidade-de-genero-de-pessoas-trans.aspx

⁴⁶ Texto completo disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/policia-abre-inquerito-para-investigar-suspeitos-de-estelionato-no-shopping-de-piracicaba.ghtml>.

transgenitalização. Após trazer algumas informações, o texto inicia uma seção em que fala sobre como a garantia desse procedimento está ligada à manutenção da dignidade para esses indivíduos. Em seguida, inicia-se um parágrafo a respeito disso. Após esse parágrafo, outro é iniciado, no qual há presença da microconstrução **antes de** aliada ao SN **decisões**, realizando encapsulamento da ideia defendida a respeito da mudança realizada pelo STJ.

Para proceder a essa retomada, faz-se uso do substantivo decisão, responsável por sumarizar todas as informações anteriores – sumariza, na verdade, o núcleo da ideia do texto – em um só sintagma nominal. Concomitantemente, a construção **antes de** realiza um apontamento para essa sumarização, que, ao mesmo tempo, garante a progressão textual, visto que permite serem inseridas novas informações a respeito do assunto.

Esse apontamento, porém, dá-se em um contexto temporal, acionando o lado adverbial dessa construção de caráter híbrido, uma vez que também se alia a um SN cujo núcleo é o substantivo abstrato **decisões**, um referente que contribui para a abstratização do sentido locativo. A amostra de ocorrência desse processo nos leva a crer mais fortemente na extensão de uso – ocorrência de novos *types* por meio das neoanálises – dessas construções, o que também nos demonstra o motivo de determinadas construções apresentarem maior grau de produtividade do que outras.

Com relação à mobilidade, esse exemplo se mostra menos encaixado, não contando com nenhum pronome para realizar o apontamento. Também se encontra em posição mais próxima ao início do parágrafo, constituído por um único período, mas, devido à alta mobilidade, pode ocupar outra posição sem acarretar perda de sentido.

Já no exemplo **22** (Quadro 31), acima, temos uma matéria publicada no site G1 em que se fala sobre suspeitos de estelionato em Piracicaba a respeito dos quais a Polícia abriu investigação. Nesse caso, há um exemplo da microconstrução **diante de**, mas aliada a não mais a um SN cujo núcleo é um substantivo, e sim ao pronome indefinido **isso**. Dessa maneira, embora ainda vejamos um encapsulamento por apontamento, ele ocorre de modo um pouco diferente do que quando o núcleo do SN é um substantivo, porque a microconstrução **diante de** aponta para o SN pronome indefinido **isso**, que sumariza a porção textual anterior.

Outro traço importante percebido em amostras que seguem esse padrão, isto é, **diante de** + SN pronominal, é o caráter anafórico presente nessa classe gramatical em contextos como esses, em um processo de recategorização dos referentes. O caráter dêitico dessa construção mantém-se em relação ao texto, fazendo uma referência textual. Como já mencionado, esse é um exemplo em que a anáfora procede a uma recategorização com modificação da extensão, uma vez que utiliza o pronome anafórico **isso**, de modo que, ao

mesmo tempo, ele retoma e remete o objeto ao qual se refere, como já mencionado por Koch (2005, p. 37), citada por Lunardi (2022, p. 18): “[...] o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos-de-discurso, [...] atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente”.

No caso desse pronome em especial, diferentemente do uso referencial prototípico de **este x aquele**, a referência feita por ele não diz respeito a termos mais próximos ou mais distantes, e sim retoma um termo já citado no texto. Tal processo ainda reforça o ponto observado de que, em um *continuum*, quanto mais próximo da abstração está o item, mais forte é o encapsulamento que promove, uma vez que há, nessa amostra, retomada a um estado – nesse caso, um estado (ainda que inferido) – de hesitação, desconhecimento a respeito de quem teria comprado os objetos em questão.

Nas construções em que há o apontamento por encapsulamento, nota-se manutenção das discussões empreendidas por Castilho (2010) a respeito das subcategorias cognitivas, baseadas, nos casos em que estudamos, no direcionamento do olhar humano. Outrossim, percebe-se grande ocorrência de construções dessa natureza em tipos textuais de caráter argumentativo, uma vez que é típico da arte de argumentar a realização desses processos de “vai-e-vem textual”, ou seja, de constante retomada de informações anteriores e inserção de novos referentes a respeito dos quais serão feitas novas declarações. Esse movimento na composição da tecitura argumentativa, quando bem executado, logra êxito, uma vez que encaminha o leitor/interlocutor no caminho objetivado pelo autor/locutor do discurso. Dito isso, voltemos.

Vale apontar que o ser humano se orienta no espaço com base nas características do próprio corpo e em funções específicas, gerando planos espaciais prototípicos. Devido ao crescimento vertical do corpo humano em relação ao solo, o principal eixo espacial é aquele que orienta o corpo de cima para baixo, criando assim o plano vertical ao longo do eixo longitudinal. Além disso, considerando que o corpo humano é naturalmente orientado para frente devido à disposição dos órgãos sensoriais, como os olhos e os ouvidos, e à capacidade de locomoção desenvolvida para frente, surge a orientação frontal, estabelecendo o plano anteroposterior. Além dos planos horizontal e frontal, o ser humano também possui o plano sagital, que se estende lateralmente para distinguir a orientação esquerda da direita, devido à lateralização cerebral (Batoréo, 2023).

Como vimos anteriormente, o SN encapsulador está associado à semântica de processos/ações/estados/posições. Vejamos, agora, exemplos da ocorrência das microconstruções analisadas associadas ao apontamento deste encapsulador mais abstrato.

Quadro 32 – Exemplo 23 em análise: antes de

“Com essa avaliação, os pontos que precisam de mudanças são as regras para os militares e servidores públicos federais que entraram para a máquina pública antes de 2012. "O servidor que entrou a partir de 2012 passa a ter um teto para aposentadoria de R\$5,8 mil. Se ele quiser receber mais do que isso, tem que contribuir pelo regime de capitalização. O gargalo agora são só os servidores que entraram **antes dessa mudança**, o estoque", explica o professor da Unicamp”.

Fonte: Para auditores [...] (2019)⁴⁷.

No exemplo **23** (Quadro 32), a microconstrução **antes de** faz parte da fala⁴⁸ de um professor entrevistado que discorre a respeito das modificações que ocorreriam na aposentadoria de servidores militares que tivessem entrado a partir do ano de 2012, o que reforça a presença da construção em textos de caráter argumentativo. Junto a ela há o SN **mudança** encabeçado pelo pronome demonstrativo **essa**, que, como já mencionado, possui caráter dêitico, sendo muito utilizado na construção de anáfora, o que também se nota nesse exemplo. Dessa forma, o pronome demonstrativo tem a função de localizar um referente na situação de fala, a partir do campo mostrativo, geralmente associado com o espaço de locação do falante.

Ao utilizar esse padrão construcional, a saber: **antes de** + SN [pronome demonstrativo + substantivo], retoma-se a ideia desenvolvida no período anterior, de forma parafrástica, ou seja, resumindo em uma pequena porção o que foi dito anteriormente, possibilitando um encapsulamento por anáfora, uma vez que toda essa ideia desenvolvida é encapsulada no SN, para o qual a microconstrução **antes de** aponta. Outro item importante de se perceber é que, além de o período anterior tecer considerações a respeito da mudança ocorrida, esse vocábulo, de caráter abstrato, – mudança –, torna a se repetir na construção analisada, reforçando a retomada que, nesse caso, caminha para uma conclusão, isto é, dizer que o “problema” consiste, justamente, nos servidores que entraram antes de 2012. Percebe-se que, aqui, tanto se retomou a porção textual inteira, ou seja, a ideia desenvolvida, quanto um termo específico: o vocábulo mudança.

Nota-se ainda o caráter temporal dessa construção, visto que se fala claramente de

⁴⁷ Texto completo disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/para-auditores-proposta-de-reforma-da-previdencia-tem-excessos-1.2078682>

⁴⁸ Ainda que essa amostra seja decorrente da transcrição da fala do professor entrevistado, compreendemos que características como o próprio ato argumentativo e a situação formal – uma autoridade dar entrevista a um meio conhecido de telecomunicações – fazem com que a fala se aproxime da modalidade escrita, assumindo formas e padrões pouco comuns em uma fala cotidiana. Contudo, ressalto que a análise de graus de formalidade e afins não constitui fator de interesse desta pesquisa, podendo haver consideração em estudos posteriormente realizados.

datas, dando-se importância ao período temporal em que a modificação para a aposentadoria ocorreu e a quem ela seria aplicada (aos servidores que entraram **a partir de 2012**). Esse processo, ainda, faz menção a um fato temporal, o que nos permite retomar os postulados de Castilho (2010), ao fazer uma analogia de “olhar para trás”. Nesse caso, a construção **antes dessa mudança** funciona como uma locução adverbial temporal, uma vez que pontua no tempo a ocorrência de um determinado fato. Nota-se um processo de ancoragem, uma vez que **mudança** sumariza a ideia discutida ao mesmo tempo em que aponta para uma noção de tempo no discurso.

A microconstrução ocorre dentro do parágrafo, no fim dele e no meio de um período, aparentemente figurando como a mais encaixada entre as demais. Ela aponta também para um estado-de-coisas, uma vez que o núcleo do SN (mudança) é um processo. Assim, **o encapsulamento é a dupla funcionalidade desempenhada pela combinação desses elementos**. Ao passo que o SN retoma e sumariza o referente por meio do encapsulamento, a preposição complexa, além de ser uma forma de introduzir e direcionar a atenção para o SN, também faz um apontamento para o trecho precedente, assinalando o caráter locativo-temporal descrito por Castilho (2010). Vejamos, agora, o exemplo 24 (Quadro 33Quadro).

Quadro 33 – Exemplo 24 em análise: antes de

“Com a chegada do Windows 10 1809, o sistema operacional da Microsoft vai passar a usar por padrão a opção ‘Remoção rápida’ para dispositivos de armazenamento que são conectados ao computador. **Antes dessa atualização**, a empresa optava por usar o modo “Melhor performance”.

Fonte: Autran (2019)⁴⁹.

Nesse exemplo, novamente, nota-se uma localização do leitor em relação ao tempo em que se dá uma determinada ação. O autor (Autran, 2014) dessa matéria, publicada no site TecMundo, inicia o período falando de uma mudança que viria a ocorrer a partir do Windows 10 e explica qual seria ela. Em seguida, faz uso da microconstrução **antes de** aliada a SN [pronome demonstrativo + substantivo], em que o substantivo encapsula a porção textual anterior como um todo, resumindo-a ao termo **atualização**, e a microconstrução **antes de**, aliada ao pronome demonstrativo **essa**, remete o olhar do leitor ao que fora dito, que, ao mesmo tempo, aponta para algo que ainda viria a acontecer (uma vez que utiliza a locução verbal vai **passar**). Não se evoca, mais uma vez, o caráter locativo, mas sim temporal dessa construção, reforçado pelo contraponto entre o que passará a ser feito e o que era feito

⁴⁹ Texto completo disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/140183-facil-remover-pen-drive-computadores-windows-10.htm>.

anteriormente. Essa estratégia, como já mencionado, é de grande valia para a progressão textual, uma vez que permite a retomada do que foi dito.

A microconstrução ocorre dentro de um parágrafo, mais próxima ao fim dele e no início de um período, aparentando ter alta mobilidade dentro da sentença e apontando para um estado-de-coisas, uma vez que o núcleo do SN (atualização) é um processo. Assim, o SN encapsulador completa a estrutura, sendo responsável pela recuperação do referente. Conjuntamente com a preposição complexa, o SN exerce a função de recuperação do referente, permitindo a remissão de temas independentemente do período de introdução e possibilitando a retomada de uma porção textual (Leite; Wiedemer, 2021).

Na sequência de análises, oferecemos, agora, um exemplo da preposição complexa acompanhada de pronome demonstrativo, mas sem a presença de substantivo.

Quadro 34 – Exemplo 25 em análise: antes de

“durante muito tempo as pessoas so souberam da apple devido aos seus equipamentos portateis, vulgo ipod. a bom da verdade o ipod é que fez a apple voltar ao topo. nao so porque foi sucesso, mas porque a tecnologia que o ipod touch usava foi transplantada para o iphone. **Antes disso** a apple tentou, sem sucesso, entrar no mundo mobile e foi uma desgraça...”.

Fonte: Vendas [...] (2016)⁵⁰.

Essa amostra (Quadro 34) foi retirada de um comentário publicado no site PPLWare, que fala a respeito de assuntos ligados ao mundo da tecnologia. Nela, um usuário aponta, quase de maneira cronológica, itens a respeito de produtos notórios da Apple, como o iPod. Nesse caso, contudo, diferente dos demais aqui analisados, nota-se maior grau de subjetividade, mesmo que haja partes em que o autor se utiliza de fatos, como o de a tecnologia utilizada no iPod touch ter sido reproduzida nos aparelhos de celular da gigante norte-americana.

Em seguida, o autor faz uso da microconstrução **antes de** aliada ao pronome demonstrativo **isso**, de caráter dêitico e neutro, mas que, nessa ocasião, realiza a função anafórica de sumarizar tudo o que foi dito a respeito da Apple. Retoma-se toda essa porção textual sobre a qual anteriormente se falou em uma única palavra que, no entanto, em momento nenhum apareceu no texto: isso. Essa sumarização, apontada por **antes de**, ao mesmo tempo em que realiza uma anáfora, constrói um contexto para que sejam inseridos novos argumentos, contribuindo, assim, para o aumento do grau de informatividade do texto e

⁵⁰ Texto completo disponível em: <https://pplware.sapo.pt/apple/vendas-do-iphone-so-o-natal-podera-salvar-os-numeros/>.

a progressão dele.

Desse modo, ainda que o núcleo desse SN não seja um substantivo, nota-se um encapsulamento por anáfora. Isso permite que, mesmo não havendo uma expressão referencial lexicalizada à qual os pronomes possam se referir, os interlocutores sejam capazes de ativar um referente apropriado para os pronomes, em cada uma de suas ocorrências. Em outras palavras, é por meio de processo cognitivo e discursivo que se torna possível a ligação de uma anáfora a um referente não explicitado no contexto anterior. Somente o discurso é que torna possível a extração do conteúdo inferido (Koch; Marcuschi, 2002).

No que diz respeito à remissão textual, os itens nominais desempenham um papel crucial, pois são ferramentas que eficazmente constroem e reconstroem objetos de discurso. Conforme ressaltado por Koch (2015), as formas nominais desempenham um papel vital na categorização e na recategorização de partes do contexto, permitindo a sumarização e o encapsulamento no texto, ao atribuir-lhes rótulos específicos. Elas operam como anáforas complexas, frequentemente representadas por meio de nomes genéricos e inespecíficos, como **estado, fato, fenômeno, circunstância, condição, evento, cena, atividade, hipótese**, entre outros (Koch, 2014, p. 64 *apud* Souza; Gonçalves, 2017, p. 174). Esses itens nominais proporcionam uma referência eficiente e compacta, facilitando a compreensão e a organização do texto, ao mesmo tempo em que conferem uma identidade e uma classificação aos elementos mencionados, tornando-os mais acessíveis ao leitor.

A função de rotulação dos itens nominais, contudo, vai além da simples sumarização de partes do texto anteriores ou posteriores; ela também cria referentes textuais que serão abordados em enunciados subsequentes, ou seja, que se tornarão o tema das declarações seguintes. Essa estratégia é fundamental para garantir a progressão textual, pois os itens nominais desempenham tanto o papel de estruturas de referência quanto o de veiculação de informações, sejam elas novas ou já conhecidas (ou inferíveis, isto é, aquelas que, embora não sejam explicitamente mencionadas no texto, são compreendidas a partir dos enunciados), além de desempenhar importante função na organização da malha textual.

A maneira como essa organização se dá diz respeito ainda ao caráter híbrido dessas construções, bem como ao aspecto cognitivo e à conceptualização inerente ao processo, uma vez que elas funcionam – demonstrado, por exemplo, nas amostras **23** e **24** – duplamente, atuando em uma localização do leitor/ouvinte no espaço-tempo. Contudo, essa localização ocorre devido ao grau de abstração do qual a construção, em contextos como esse, é dotada, diferentemente do que ocorre em amostras como **08 – em frente à secretaria** – e **12 – diante de jornalistas apressados** –, citadas acima.

De acordo com Talmy (2000), a organização conceitual da linguagem segue padrões de noções com regularidades funcionais e processuais, que, por sua vez, formam categorias interligadas, contribuindo para a construção de sistemas integrados de significado. Uma das categorias fundamentais nesse processo é a dimensão que abrange a homologia do espaço-tempo, a qual permeia e se entrelaça com todas as outras categorias linguísticas.

Devido a essa multifuncionalidade, os rótulos, ainda de acordo com a proposta de Koch (2015), podem ser separados em dois grandes grupos: os que nomeiam, caracterizam o que foi ou será dito; os que nomeiam, caracterizam a maneira como a informação foi ou será dita. Em casos que se encaixam no primeiro grupo, a rotulação ocorre sobre o conteúdo dos enunciados propriamente ditos. Em casos que se encaixam no segundo grupo, diferentemente, a rotulação se dá sobre informações metadiscursivas, metaenunciativas (Koch, 2014 *apud* Souza; Gonçalves, 2017).

É justamente essa a ideia da progressão textual defendida por Leite e Wiedemer (2021), em que as preposições complexas são associadas a encapsuladores. Nessa perspectiva, os autores indicam que:

enquanto opera na sequenciação retroativo-propulsora de objetos de discurso, no que diz respeito propriamente ao ato de retroagir, se referindo a um elemento citado anteriormente e o recuperando por meio do encapsulador anafórico, também propulsiona novas informações acerca do referente retomado. Assim, apresenta-se a dupla funcionalidade desse processo, pois à medida que se recupera o referente e propulsiona novas informações, promove a progressão do texto (Leite; Wiedemer, 2021, p. 564).

Um processo semelhante pode ser notado no exemplo 26 (Quadro 35), em que a microconstrução **antes de** aparece em conjunto com SN formado por pronome demonstrativo + substantivo abstrato. Nesse caso, porém, diferente desses dois outros, a escolha do substantivo núcleo do SN remete a um grau um pouco maior de subjetividade, ainda que nesse contexto a palavra **crise** seja geral, ou seja, compreendida por boa parte da população de maneira “neutra”, porque, aqui, fala-se a respeito das relações diplomáticas entre Brasil e Venezuela, país este que apresenta situação política delicada. Nesse caso, o substantivo funciona como rótulo.

Quadro 35 – Exemplo 26 em análise: antes de

<p>“A questão é se um embargo brasileiro realmente teria poder de causar a queda do regime. Para Alcides Costa Vaz, professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília, o potencial não é muito grande. ‘O relacionamento econômico comercial está refletindo a</p>
--

desestruturação da economia venezuelana. **Antes dessa crise**, desde a metade dos anos 1990, o Brasil investiu na aproximação com a Venezuela, mas logo começou a ter dificuldades em razão da própria estrutura econômica do país’, disse Costa Vaz à Gazeta do Povo.”

Fonte: Quais [...] (2019)⁵¹.

Nessa matéria, publicada no site do periódico **Gazeta do Povo**, o autor da reportagem inicia apresentando uma dúvida e, em seguida, insere as considerações a respeito dela feitas por um indivíduo que, nesse caso, apresenta um argumento de autoridade. Nessa ocasião, o professor Alcides Vaz tece determinadas considerações a respeito da situação econômica atual, à época, da Venezuela. Após apresentar essa tese, ele faz uso do padrão construcional **antes de** + SN [pronomes demonstrativo + substantivo], em que o núcleo do SN é o substantivo abstrato **crise**, o qual é responsável, ao mesmo tempo, por resumir toda a porção textual da tese que ele apresentou anteriormente, exercendo um papel anafórico e possibilitando que sejam inseridas ao texto novas informações. Desse modo, o substantivo, funcionando também como um rótulo, procede a uma retomada também de cunho pragmático, uma vez que se refere ao “todo textual” anterior sem, no entanto, referir-se a um elemento específico.

Tal sumarização, para a qual aponta **apesar dessa**, permite que se construa uma cadeia de referência ainda maior, contribuindo também para a progressão textual e para o aumento do grau de informatividade do texto. Reforça-se, também, a perspectiva cognitiva da linguagem, como já abordamos, já que essa seleção e essa combinação das estruturas advêm dos conhecimentos culturais e sociais de cada um. Ao realizar esse processo, o autor ainda desloca, temporalmente, ainda que de modo consideravelmente abstrato, o leitor/ouvinte. Essa ideia pode estar baseada no aposto explicativo que vem logo após a construção, apontando que desde a metade da década de 1990 é que acontece o cenário que ele denomina/sumariza como “crise”.

Nesse caso, percebemos haver também, ainda que de maneira mais branda, talvez menos perceptível, uma evocação de uma deslocação espacial, uma vez que o leitor/ouvinte das declarações do professor Vaz pode ser transportado, mesmo que metaforicamente, para a localidade a respeito da qual se fala. Isso vai ao encontro dos postulados de Cavalcante *et al.* (2022), que fala sobre a utilização de dêiticos textuais e discursivos utilizados para enriquecer a argumentação (*pathos*), de modo que o “olhar para trás (passado)” atuaria como uma

⁵¹ Texto completo disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/quais-seriam-os-efeitos-de-um-possivel-embargo-do-brasil-a-venezuela/>.

anáfora, funcionando na introdução de algo que virá a ser dito “olhar para frente (futuro)”, isto é, os novos argumentos.

Nesse exemplo, também notamos a ocorrência da microconstrução em um contexto argumentativo, além de, em relação ao local em que ela ocorre, dentro do parágrafo, ser mais próxima ao meio dele e ao início de um período, apresentando-se, também, um pouco mais encaixada que em outros exemplos, pois, embora o deslocamento dela para outras partes do período em que se encontra não fosse comprometer consideravelmente o entendimento, poderia soar de maneira “estranha” ao leitor/ouvinte.

Quadro 36 – Comparação entre as microconstruções de encapsulamento por encapsulamento

ANTES DE	DIANTE DE	EM FACE DE
Preposição complexa (antes de) + SN pronominal	Preposição complexa (diante de) + SN locativo Preposição complexa (diante de) + SN indivíduo Preposição complexa (diante de) + SN processo/ações/estados/posições	Preposição complexa (em face a/de) + SN abstrato (introdutor de argumentos conclusivos)

Fonte: O autor (2024).

4.4.1 As particularidades de em face de

Nas seções anteriores, vimos que as preposições complexas **diante de**, **em face de** e **em frente a (de)** podem atuar tanto no esquema mais preposicional como no esquema mais encapsulador, ou seja, de apontamento. Como vimos até aqui, o papel do SN nesse contexto de uso se mostra essencial, em que, **quanto mais abstrato o SN, maior a possibilidade de ancoragem no texto, conectando partes e promovendo a coesão textual**. Em outra palavra, quando a microconstrução é seguida de SN mais locativo, maior o peso da preposição na indicação de ponto de referência. Por outro lado, SN que indicam processo/ações/estados/posições evidenciam uma mudança da indicação desse ponto de referência para indicação de um apontamento de uma anáfora (encapsulador), o que remete para o nome da construção encapsulamento por apontamento. Em resumo, temos **um**

apontamento guiado pela preposição e um encapsulamento guiado de SN abstrato.

É importante notar que a natureza do SN influencia diretamente a função da microconstrução. Quando o SN está relacionado a elementos locativos, como lugares ou posições físicas, a preposição desempenha um papel crucial na indicação do ponto de referência. Por outro lado, quando o SN se refere a aspectos mais conceituais ou abstratos, a função da microconstrução muda. Nesses casos, a preposição passa a servir como um guia para o apontamento de uma anáfora, encapsulando a informação anteriormente mencionada. Essa dinâmica reflete diretamente o nome da construção, encapsulamento por apontamento. Portanto, a análise da composicionalidade nos permite compreender como os elementos linguísticos se combinam para formar expressões complexas e como essas expressões contribuem para a estrutura e o significado global do texto. No caso da construção de encapsulamento por apontamento, a composicionalidade é fundamental para entender como a preposição e o SN interagem para criar uma unidade coesa e significativa no discurso. Sobre isso, Almeida, Souza e Kewitz (2018) indicam que: “a nosso ver, preposições complexas diferem de sintagmas preposicionais por exibirem diferentes graus de composicionalidade. A ideia de que uma expressão não tem um sentido determinado completamente deixa espaço exatamente para a contribuição semântica do molde” (Almeida; Souza; Kewitz, 2018, p. 163).

Se avaliarmos nossos resultados até aqui, temos a representação a seguir (Quadro 37).

Quadro 37 – Resultados parciais

Preposições complexas + SN locativo (Diante da igreja)
Preposições complexas + SN indivíduo (Diante da criança)
Preposição complexa + SN processo/ações/estados/posições (Diante do cenário)

Fonte: O autor (2024).

Além desses desenvolvimentos já discutidos e analisados ao longo desta dissertação, acreditamos que há ainda o uso mais adverbial associado ao significado de conclusão, ou seja, além da microconstrução atuar como apontamento para um encapsulamento, esse uso, em contexto maior, aponta para uma relação lógica de conclusão entre as partes textuais. Esse tipo de uso foi denominado de advérbio preposicional por Costa (2018).

Quadro 38 – Exemplo 27 em análise: em face de

“Mas, a nosso sentir, o que veio a prevalecer como coisa julgada foi o debate entre a aplicação do prazo para fins de repetição de indébito da norma interpretativa trazida pela LC 118/2005, ou aquele do posicionamento firmado pelo Superior Tribunal de Justiça no sentido de que o Código Tributário Nacional
--

fixara o prazo de dez anos para a modalidade aqui apresentada; e, observamos, não expressamente se tal marco temporal estava adstrito à declaração de inconstitucionalidade de um tributo qualquer.

Entendemos, portanto, **em face do acima exposto**, que não houve o enfrentamento expresso da questão que serviu de mote para a Procuradoria da Fazenda Nacional obter sucesso junto ao órgão Pleno da CSRF/Carf, uma vez que a Corte Suprema não dispôs que para os tributos declarados inconstitucionais o prazo para o pedido de restituição dos mesmos é o de cinco anos a contar do pagamento indevido, isto a partir de 9 de junho de 2005. Decidiu, sim, que entre a aplicabilidade da LC 118/2005 e a tese dez anos firmada pelo Superior Tribunal de Justiça com base no CTN, haveria de prevalecer "a aplicação do novo prazo de 5 anos tão-somente às ações ajuizadas após o decurso da vacatio legis de 120 dias, (...)."

Fonte: Miranda (2012)⁵².

No exemplo 27 acima (Quadro 38), a construção **em face do acima exposto** é utilizada para introduzir uma conclusão ou interpretação com base nas informações discutidas anteriormente. Indica que a conclusão ou análise que se segue está fundamentada nos argumentos ou fatos apresentados anteriormente no texto. Nesse caso específico, ela é empregada para indicar que a análise que se segue está baseada nos debates sobre a interpretação da legislação tributária e nos posicionamentos judiciais apresentados anteriormente. O trecho “Entendemos, portanto, em face do acima exposto, que não houve o enfrentamento expresso da questão...” (Miranda, 2012) mostra que a conclusão ou a interpretação a ser apresentada é derivada do que foi discutido anteriormente, sugerindo que a ausência de um enfrentamento expresso da questão foi inferida a partir das informações já apresentadas.

Além de apontar para o caráter adverbial conclusivo, o dêitico **acima** e o SN **acima exposto** funcionam como uma forma de encapsulamento anafórico, referindo-se ao que foi mencionado anteriormente no texto, ou seja, às discussões e aos argumentos apresentados previamente. Essa expressão é empregada para resumir e retomar os pontos discutidos, proporcionando uma transição suave para a conclusão que se seguirá. Isso contribui para a coesão e a coerência do texto, ajudando o leitor a entender como os argumentos apresentados anteriormente levam à conclusão que está sendo tirada. Dessa forma, **em face do acima exposto** atua como um marcador textual que sinaliza que a conclusão que se segue é derivada do conteúdo previamente discutido.

Sobre isso, Costa (2018) aponta que **em face de** fez parte do que o autor chama de “expressões enfatizadoras no texto”, ou seja, aquelas que apresentam informações

⁵² Texto completo disponível em: <https://www.conjur.com.br/2012-set-10/dalton-miranda-tributo-lei-viciada-restituido-contribuinte/>.

merecedoras de destaque no discurso. Ainda para o autor, o teor argumentativo presente nos textos favorece o uso de expressões causais. Além disso, ele observa que, em início de frase e seguido por um sintagma nominal mais abstrato, **em face de** estabelece uma relação de causa com as orações seguintes, ou seja, apresenta perspectivação mais adverbial. Dessa forma, a relação estabelecida pelos sintagmas com as orações a que se referem é de natureza argumentativa.

No exemplo **15** abaixo (Quadro 39), temos novamente a microconstrução sendo utilizada para introduzir uma conclusão com base nas informações apresentadas.

Quadro 39 – Retomando o exemplo 15 em análise: em face de

“Inicialmente, a título de esclarecimento, anoto que a conclusão inicial de Moro de que existem contradições nos depoimentos de Lula e que estas conduzem a dedução de que Lula está mentindo não resistem a meras considerações contidas na própria sentença, e mais, após o revelado nas conversas obtidas pelo The Intercept, denotam apenas que os reais motivos estão alicerçados em outra premissa, a de demonizar o réu perante a opinião pública após incessante massacre midiático, direcionado pelo que posteriormente passou a se denominar República de Curitiba.

Além disso, **em face dos novos elementos**, revela-se a fragilidade de tais argumentos, porque a conclusão de que Lula mentiu/se contradisse em seus depoimentos, é de tal forma débil, que custa crer que alguém consiga fazer tal exercício de imaginação com base em três depoimentos do Presidente Lula em momentos distintos e que substancialmente não discrepam entre si –, sendo que o último, deu-se apenas uns dias após a morte de sua esposa Marisa Letícia, e, nesse, foi bombardeado incessantemente com perguntas referentes a fatos relativos a esfera pessoal da falecida, como esta agiu, o que ela pensou”.

Fonte: Moro [...] (2019)⁵³.

Ao utilizar a construção **em face dos novos elementos**, o autor destaca a importância dessas novas informações na análise ou na avaliação que está sendo feita. Esses elementos adicionais são considerados relevantes para refutar ou enfraquecer os argumentos apresentados anteriormente. Além disso, também sugere mudança ou ajuste na perspectiva ou no entendimento anteriormente estabelecido. O autor do texto reconhece que, com base nas novas informações disponíveis, é necessário reconsiderar ou reavaliar a conclusão anteriormente tirada, o que demonstra um processo de reflexão e análise crítica contínua ao longo do texto. Portanto, **em face dos novos elementos** funciona como um marcador textual que indica a consideração de informações recentemente apresentadas na formulação de uma conclusão ou avaliação. Dessa forma, colabora para conectar o conteúdo anterior com os

⁵³ Texto completo disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/moro-a-obscura-face-da-maldade-aos-poucos-e-revelada-por-sergio-medeiros/>.

desenvolvimentos mais recentes, garantindo a coesão e a relevância da argumentação apresentada.

Com isso, **novos elementos** funciona como um termo anafórico, referindo-se a informações ou evidências previamente mencionadas ou implicitamente entendidas. No contexto do texto, **novos elementos** se refere às evidências ou aos fatos adicionais que foram apresentados recentemente, em contraste com as informações discutidas anteriormente, o que ajuda a conectar os pontos anteriores do texto com as novas informações introduzidas, garantindo a continuidade temática e a coesão textual.

Além disso, **novos elementos** atua como um termo encapsulador, resumindo ou encapsulando o conteúdo das informações adicionais que foram reveladas, o conjunto de evidências ou dados recentes que são fundamentais para a análise ou a avaliação que está sendo feita. Ao introduzir esses **novos elementos**, o autor destaca a importância para a conclusão ou a argumentação apresentada no texto, proporcionando uma base sólida para a discussão subsequente.

Portanto, **novos elementos** não só retoma informações anteriores como também sintetiza o conteúdo das evidências recentemente apresentadas, desempenhando simultaneamente os papéis anafórico e encapsulador no texto. Vejamos mais um exemplo.

Quadro 40 – Exemplo 28 em análise: em face de

“Tendo em vista o Workshop realizado pela Procuradoria em 06/06/2019 e tomando conhecimento dos procedimentos adotados no VAR, requeiro que seja oficiado a CBF, determinando o envio de todos os relatórios do VAR - inclusive gravações de áudio e imagem dos árbitros no prazo de 48 horas.

Em face desta decisão e também acolhendo pedidos do Impugnante, retiro processo de eventual pauta no dia 13/06/2019”.

Fonte: Relator [...] (2019)⁵⁴.

No exemplo **28** (Quadro 40Quadro), acima, vemos que se faz um pedido – “requeiro que seja oficiado [...]” – baseado em dados pertencentes a um momento anterior: o *Workshop* de 06/06/2019 e os procedimentos adotados no VAR. Em seguida, inicia-se outro parágrafo, que, por sua vez, é encabeçado pela construção **em face desta decisão**, na qual se repete o esquema **em face de** + SN [pronome demonstrativo + substantivo]. Nesse contexto, como já mencionado, a microconstrução em análise, aliada ao pronome demonstrativo, realiza um

⁵⁴ Texto completo disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/futebol/brasileiro-serie-a/relator-pede-audios-do-var-e-julgamento-de-botafogo-x-palmeiras-e-adiado,2434319ff609379e15c008a4b663000b0qh v3fl4.html?utm_source=clipboard.

apontamento para o SN de núcleo abstrato – decisão –, aqui atuando como um sumariador, mas não somente: apontando para a inserção de novos argumentos que, por sua vez, servirão como conclusão dessa ideia, isto é, “retiro processo de eventual pauta no dia 13/06/2019” (Relator [...], 2019). Isso nos remete às observações de Costa (2018), para quem tal microconstrução (**em face de**) nos contextos em que está aliada a SNs mais abstratos, estabelece relação de causalidade, ainda que haja encapsulamento por anáfora. Desse modo, em casos como esses, a perspectivização delas é mais adverbial.

Outro item observado diz respeito às considerações de Caierão (2012), que aponta o fato de que geralmente, quando de maneira natural, ocorrem mais no início de um parágrafo, essas construções desempenham papel de sumariador, propiciando, como demonstramos acima, uma transição para a conclusão desse parágrafo, dessa ideia. Contudo, se considerarmos o texto como uma unidade, a construção se encontra mais próxima ao fim dele, o que, segundo essa mesma autora, possibilitaria inferir que a atuação da construção se dá de modo análogo ao de um conectivo. Tais observações reforçam o caráter “aberto” dessas construções, que, para serem compreendidas em totalidade, requerem a consideração da semântica, bem como da atividade de conceptualização.

Esses exemplos até aqui discutidos reforçam o papel da composicionalidade, bem como a noção de construção desenvolvida no âmbito da GC, pois, para Goldberg (1995, 2006), uma construção ocorre quando os falantes não podem antecipar completamente a forma, a função ou o uso de um elemento linguístico com base no conhecimento prévio da língua, ou seja, em outras construções já existentes. Além disso, a distinção entre construções lexicais e construções gramaticais é baseada no nível de complexidade interna de cada uma delas (Goldberg, 1995), o que resulta em uma fronteira difusa entre elas. As construções variam em função do propósito que servem e do tipo de unidade linguística que representam. Assim, retomando os achados, temos agora o seguinte quadro de resultados, conforme disposto abaixo.

Quadro 41 – Diante de e em face a(de): padrões de uso

Preposição complexa + SN locativo (Diante da igreja)
Preposição complexa + SN indivíduo (Diante da criança)
Preposição complexa + SN encapsulador (processo/ações/estados/posições) (Diante do cenário)
Preposição complexa (em face de) + SN encapsulador (processo/ações/estados/posições) (em face ao exposto)

Fonte: O autor (2024).

Notam-se, no Quadro 41 acima, diferentes padrões de usos, que são dependentes de uma análise do esquema completo, ou seja, da construção, o que nos leva a assumir o papel da composicionalidade, que diz respeito ao grau de transparência na relação entre forma e significado. No contexto construcionista, a composicionalidade é compreendida em termos de correspondência (*match*) ou falta de correspondência (*mismatch*) entre os aspectos da forma e os aspectos do significado. Em outras palavras, a composicionalidade se refere à característica de o sentido de uma dada estrutura linguística dita complexa ser definido a partir de combinações e interações de sentidos entre as partes que a compõem.

É necessário ainda diferenciar esse conceito de outro bastante similar, mas que guarda diferenças: o de analisabilidade. Essa ideia está relacionada mais à possibilidade de decomposição sintática das unidades linguísticas que compõem essas estruturas complexas, enquanto a composicionalidade está mais relacionada à interpretação e ao significado, em si, das unidades linguísticas e das combinações entre elas. Em suma: analisabilidade = estrutura; composicionalidade = interpretação e significado.

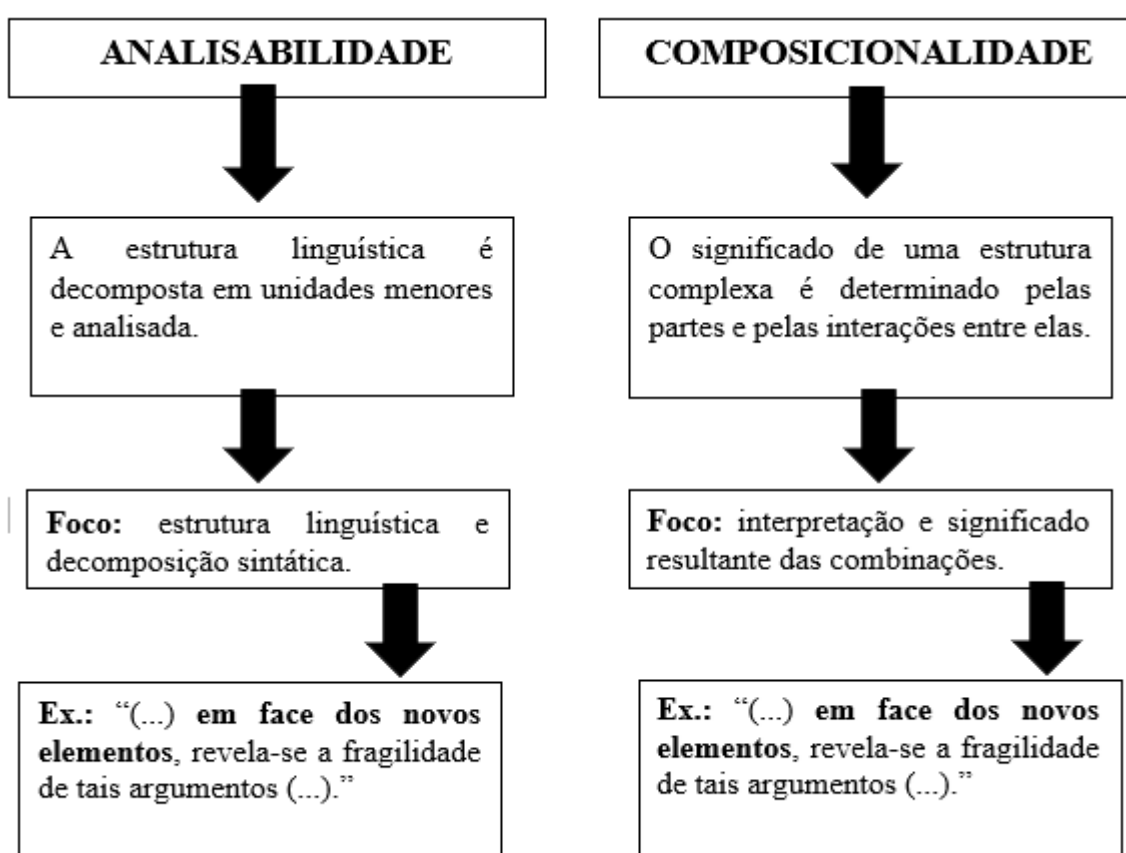
Sobre isso, Almeida, Souza e Kewitz (2018) aludem que os sintagmas preposicionais exibem uma composicionalidade mais acentuada (que designaremos como plena para fins operacionais) em comparação com as preposições complexas (que nos referiremos como composicionalidade parcial). Esse argumento é reforçado pelo pensamento de Langacker (2009), em que:

quando estabelecidas como itens lexicais, expressões simbolicamente complexas variam em seu grau de analisabilidade, definido como o quanto os falantes reconhecem as contribuições semânticas dos elementos componentes. Expressões novas são totalmente analisáveis, uma vez que o falante precisa construí-las a partir dos elementos componentes com base em seus significados. Expressões estabelecidas podem ser menos analisáveis. Elas vêm como conjuntos pré-embalados, cujas formas e significados compostos são bem conhecidos e bem ensaiados, então não é essencial que as estruturas componentes sejam acessadas mentalmente individualmente. Em expressões fixas e frequentemente utilizadas, há assim uma tendência geral para que os elementos componentes sejam ativados apenas em menor grau, e talvez não em cada ocasião de seu uso (Langacker, 2009, p. 26)⁵⁵.

⁵⁵ Conforme original: “*When established as lexical items, symbolically complex expressions vary in their degree of analyzability, defined as the extent to which speakers recognize the semantic contributions of component elements. Novel expressions are fully analyzable, since the speaker has to construct them from component elements on the basis of their meanings. Established expressions may be less analyzable. They come as prepackaged assemblies, whose composite forms and meanings are well-known and well-rehearsed, so it is not essential that the component structures be mentally accessed individually. In fixed and frequently occurring expressions, there is thus an overall tendency for component elements to be activated only to a lesser degree, and perhaps not on every occasion of their use*”.

Em relação ao princípio da composicionalidade, é possível dizer que ele está ligado à criatividade linguística, isto é, a infinita capacidade de criar expressões complexas a partir de um repertório finito de elementos, representando as mais diversas conceituações. Devido à impossibilidade de os falantes memorizarem todos os possíveis enunciados formados a partir dessas unidades, visto que as possibilidades são infinitas, e ao fato de essa capacidade ser inerente aos seres humanos, mostrou-se necessário admitir a existência de um mecanismo de composição responsável por gerar essas novas expressões. Veja o Esquema proposto a seguir.

Esquema 8 – Analisabilidade e composicionalidade



Fonte: O autor (2024).

Sendo assim, a **analisabilidade** permite-nos identificar que a sentença usada como exemplo é composta, sintaticamente, pelo sujeito a **fragilidade de tais argumentos**, pelo verbo **revela** – ao qual é acoplada a partícula apassivadora **se** – e pelo objeto **em face dos novos elementos**. Isso demonstra que a frase é passível de decomposição em constituintes sintáticos, os quais desempenham funções específicas na estrutura da frase. Já a **composicionalidade**, por sua vez, permite-nos interpretar a sentença utilizada por meio da interpretação dos itens que a compõem, levando-nos a interpretar que, devido ao surgimento

de novas informações, ficou demonstrado que os argumentos disponíveis até então e utilizados para embasar uma determinada posição eram frágeis, insuficientes. Assim, grosso modo, podemos compreender a analisabilidade como sinônima de constituintes sintáticos e composicionalidade como interpretação com base no significado desses constituintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresentou a investigação e a análise dos contextos de usos das microconstruções **antes de**, **diante de**, **em frente a (de)** e **em face de**, formadas pelo esquema $[X_{Adv.} Y_{Prep.}]_{Adv. Prep.}$, a partir da análise de amostras de usos da língua, evidenciando a fluidez categorial a depender do contexto comunicativo em que estão inseridas. Desse modo, nossa hipótese foi verificar que essas microconstruções desempenham o papel não apenas de expressões locativas/temporais, mas também podem atuar como mecanismos de coesão como anáforas encapsuladoras.

Primeiramente, analisamos a produtividade e a esquematicidade da construção de encapsulamento por apontamento, analisando a frequência de ocorrências no *corpus Now* (Davies, 2019). Foram encontradas 43 ocorrências dessa construção. Além disso, embora compartilhem semelhanças significativas, as análises revelam uma preferência dos falantes pela forma **diante de** em detrimento de outras.

Na sequência, exploramos o papel das microconstruções na organização cognitiva do espaço e do tempo. Além disso, a análise indica que as microconstruções **antes de**, **diante de** e **em face de** são analisadas como indicadoras de um espaço anterior, com implicações causais quando o ponto de referência é um demonstrativo neutro, o que sugere que essas noções de localização no espaço-tempo sejam metafóricas, o que seria resultado da cognição humana, confirmando, assim, os estudos cognitivistas.

A análise dos contextos de usos sugere um caminho de mudança a ser confirmado em pesquisas diacrônicas que envolvem as preposições complexas. Os resultados demonstram o papel do ponto de referência, como micropassos da mudança linguística, que vai da correlação com **ponto de referência** >> **indivíduo** >> **processo/ações/estados/posições**. A análise dos exemplos mostra que a escolha do ponto de referência pode influenciar a interpretação e a extensibilidade da construção. Quando a preposição está associada a um referente mais concreto e específico, como um objeto físico, a construção tende a ter um sentido mais espacial. Por outro lado, quando o referente é mais abstrato, como um indivíduo ou um processo, a construção adquire um sentido mais adverbial e pode ser mais propensa a gerar encapsuladores. Além disso, as microconstruções que iniciam orações tendem a ser menos encaixadas na estrutura da sentença e mais dependentes do contexto para manter seu sentido. Isso sugere uma distinção entre funções sintáticas e semânticas das preposições complexas, com as menos encaixadas desempenhando principalmente funções semânticas. Contudo, isso

necessita ser mais aprofundado em pesquisas futuras.

Na sequência das análises empreendidas, vimos que as microconstruções aqui investigadas podem atuar no apontamento de encapsuladores, resumindo uma ideia anterior no texto. Ela retoma e resume a porção textual anterior, permitindo que novas informações sejam introduzidas enquanto se mantém a progressão do texto. Dessa forma, ao encapsular uma ideia anterior, a construção ajuda a manter a coesão e a coerência do texto, ao mesmo tempo em que permite a introdução de novas informações ou argumentos. Isso é essencial para a progressão do texto e para a compreensão do leitor.

Além disso, os resultados da análise da microconstrução **em face de** mostra que essa pode atuar como um marcador de conclusão, indicando que a análise ou a interpretação que se segue é baseada nas informações apresentadas anteriormente. Além disso, **em face de** atua como encapsulador de informações anteriores, referindo-se ao que foi mencionado previamente no texto. Também demonstram como essa microconstrução é utilizada para introduzir conclusões ou avaliações com base em argumentos anteriores. Em relação à **em frente a(de)**, como demonstrado no decorrer dessas análises, não foram observadas ocorrências em que ela atuasse realizando encapsulamento; viu-se que se mantém fiel ao uso mais prototípico, de localizador no espaço.

Por fim, os resultados ressaltam que a relação entre forma e significado de uma construção pode variar dependendo do contexto, ou seja, a atuação da composicionalidade. Expressões complexas como as microconstrução aqui analisadas podem exibir diferentes graus de analisabilidade, sendo mais ou menos transparentes na relação entre os elementos componentes e o significado global.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L.; SOUZA, J. L.; KEWITZ, V. Preposições complexas: moldes e modos. *In: TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (org.). Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 187-179.
- ALVES, M. R. S. A nova hermenêutica constitucional e as possibilidades do acontecimento (aplicação) da Constituição. *Âmbito Jurídico*, [s. l.], 1 jan. 2014. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-nova-hermeneutica-constitucional-e-as-possibilidades-do-acontecimento-aplicacao-da-constituicao/>. Acesso em: 20 out. 2023.
- A MORTE da democracia. *O tempo*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/opiniao/dulce-bravo/a-morte-da-democracia-1.2202528>. Acesso em: 20 out. 2023.
- ANDERSEN, H. Actualization and the (uni)directionality. *In: ANDERSEN, H. (ed.). Actualization: Linguistic Change in Progress.* Amsterdam: Benjamins, 2000.
- ANDRADE, C. D. de. Acorda, Maria. *In: ANDRADE, C. D. de. As impurezas do branco.* 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1973. p. 55.
- APÓS TRÊS anos, Carol Castro se separa de Felipe Prazeres. *IstoÉ Gente*, [s. l.], 22 mar. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/apos-tres-anos-carol-castro-se-separa-de-felipe-prazeres/>. Acesso em: 20 out. 2023.
- AUTRAN, F. Ficou bem mais fácil remover um pen drive de computadores com Windows 10. *Tecmundo*, [s. l.], 8 abr. 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/140183-facil-remover-pen-drive-computadores-windows-10.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BARDDAL, J. P. **Productivity.** Evidence from case and argument structure in Icelandic. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- BATORÉO, H. J. A importância da estruturação na expressão do espaço: pistas para uma investigação futura. *In: RIOS DE OLIVEIRA, M. Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional.* São Paulo: Pontes, 2023, p. 17-58.
- BATORÉO, H. J. **Expressão do espaço no Português Europeu.** Contributo psicolinguístico para o estudo da Linguagem e Cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.
- BATORÉO, H. J.; SILVA, A. S. da. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. *In: BRITO, A. M. (org.). Gramática: história, teorias, aplicações.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. p. 229-251.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRODY, J. E. Os adultos fumam, mas quem sofre são as crianças. **O Globo**, [s. l.], 6 out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saber-viver/os-adultos-fumam-mas-quem-sofre-sao-as-criancas-23127474>. Acesso em: 20 out. 2023.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAIERÃO, J. R. **Encapsulamento anafórico**: um fenômeno linguístico textual constituído na relação sintático-semântica. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

CAMACHO, R. G. *et al.* O substantivo. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: Classes de Palavras e processos de construção. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v. 2, p. 21-80.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; SANTOS, L. W. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 657-681, 2012.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. *In*: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

COSTA, F. R. G. da. **Os advérbios preposicionais antes de, diante de, em frente a (de) e em face de**: gradiência e fixação de padrões construcionais. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

COSTA, F. R. G. da; WIEDEMER, M. L. O advérbio preposicional antes de em construções hipotáticas de realce não finitas. **Odisseia**, Natal, v. 4, n. esp., p. 89-110, 2019.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17-46.

DAVIES, M. **O Corpus do Português**. [S. l.], [s. n.], 2019. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

DE ARREPIAR! [...]. [São Paulo], 27 mar. 2020. Twitter: @HugoGloss. Disponível em: <https://twitter.com/HugoGloss/status/1243592716048531461>. Acesso em: 3 nov. 2023.

DECISÕES garantem respeito à identidade de gênero de pessoas trans. **Superior Tribunal de Justiça**, [s. l.], 13 jan. 2019. Disponível em: https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias-antigas/2019/2019-01-13_06-57_Decisooes-garantem-respeito-a-identidade-de-genero-de-pessoas-trans.aspx. Acesso em: 3 nov. 2023.

DE SMET, H. The course of actualization. **Language**, [s. l.], v. 88, n. 3, p. 601-633, 2012.

DIESSEL, H. **The Constructicon: Taxonomies and Networks**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

EM SILÊNCIO, Nova Zelândia lembra das vítimas de ataque contra mesquitas. **Uol**, [s. l.], 21 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/03/21/em-silencio-nova-zelandia-lembra-das-vitimas-de-ataque-contra-mesquitas.htm>. Acesso em: 3 nov. 2023.

EM ÚLTIMO amistoso antes da Copa do Mundo feminina, Inglaterra e Portugal empatam sem gols. **Terra**, [s. l.], 1 jul. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/internacional/inglaterra/em-ultimo-amistoso-antes-da-copa-do-mundo-feminina-inglaterra-e-portugal-empatam-sem-gols,32d2c511c92c22705e8d725bf4f82cf6jo7vu3sq.html#>. Acesso em: 3 nov. 2023.

FACHIN, P. As razões da desigualdade de renda do trabalho são políticas, e não educacionais. **Rede Brasil Atual**, [s. l.], 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/as-razoas-da-desigualdade-de-renda-do-trabalho-sao-politicas-e-nao-educacionais/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

FEBRE, cansaço e tosse seca: esses são os principais sintomas apresentados por pessoas com covid-19. **Hospital Alemão Oswald Cruz**, São Paulo, 9 nov. 2022. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/hospital-na-midia/covid-quando-a-tosse-e-preocupante-com-catarro-e-pior-ou-seca/#:~:text=Febre%20%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca,por%20pessoas%20com%20covid%2D19>. Acesso em: 3 nov. 2023.

FILLMORE, C. J. Syntactic Intrusions and the Notion of Grammatical Construction. *In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTIC SOCIETY*, 11., 1985, Berkeley. **Proceedings [...]**. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1985. p. 73–86.

FILLMORE, C. J. The Mechanisms of “Construction Grammar”. *In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTIC SOCIETY*, 14., 1988, Berkeley. **Proceedings [...]**. Berkeley: University of California, 1988. p. 35–55.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, [s. l.], v. 63, n. 3 p. 501-538, 1988.

FLUMINENSE reafirma postura irreductível, e Flamengo abre mão de negociação por Pedro. **Região News**, [s. l.], 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.regiaonews.com.br/esporte/>

fluminense-reafirma-postura-irredutivel-e-flamengo-abre-mao-de-negociacao-por-pedro.
Acesso em: 3 nov. 2023.

FRIED, M. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. *In: BERGS, A.; DIEWALD, G. (Ed.). **Constructions and language change**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008.*

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, [s. l.], v. 19, n. 36, 2014.

GADELHA, M. No ar em Verão 90, Fabiana Karla é voz ativa em pautas como a representatividade. **Diário do Nordeste**, [s. l.], 18 fev. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/no-ar-em-verao-90-fabiana-karla-e-voz-ativa-em-pautas-como-a-representatividade-1.2063936>. Acesso em: 3 nov. 2023.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**. A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: The nature of generalization in language. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

GRAEFF, T. F. Encadeamento argumentativo e encapsulamento anafórico. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 191-200, 2007.

HILPERT, M. **Germanic future constructions**: a usage-based approach to language change. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2008.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? *In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (eds.). **What makes grammaticalization**: A look from its components and its fringes. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.*

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ILARI, R. Palavras de classe fechada. *In: ILARI, R. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil***. São Paulo: Contexto, 2015. v. IV.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. *In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do português falado***. Campinas: Unicamp, 2002. v. 8.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KYTÖ, M. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. *In*: TRAUGOTT, E. C. **English Corpus Linguistics: Crossing Paths**. Leiden: Brill, 2012.

LANGACKER, R. W. Investigations in cognitive grammar. **Cognitive linguistics research**, 42. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 2009.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. II.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEITE, A. Crias da base enchem os cofres dos clubes brasileiros. **Terra**, [s. l.], 25 mar. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/crias-da-base-enchem-os-cofres-dos-clubes-brasileiros,0cd5f0aab75c28da139d84857bde893bedr0loep.html>. Acesso em: 3 nov. 2023.

LEITE, J. G.; WIEDEMER, M. L. Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora de objetos de discurso: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual. *In*: ABREU, M. T. T. V.; CORREIA, C. M. C. (org.). **Contribuições da Semiótica ao ensino de português no mundo**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

LOPES, M. G. Encapsulamento anafórico: definição e tipologia. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 70-87, 2019.

LOURENÇO, A. Após orientar mães de primeira viagem, produtora cultural se torna consultora do sono infantil. **Saúde Plena**, [s. l.], 2 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2019/07/02/noticias-saude,248257/apos-orientar-maes-de-primeira-viagem-produtora-cultural-se-torna-con.shtml>. Acesso em: 3 nov. 2023.

LUNARDI, G. Anáfora encapsuladora em reportagens jornalísticas: consequências da pandemia no cenário de volta às aulas presenciais. **Muiraquitã: Revista De Letras E Humanidades**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Lingüística de Texto: o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARRONZINHO que bateu carro de moradora diz que vai recorrer de demissão por justa causa. **G1**, Vale do Paraíba e Região, 19 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2018/11/19/marronzinho-que-bateu-carro-de-moradora-diz-que-vai-recorrer-de-demissao-por-justa-causa.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

MIRANDA, D. C. C. de. Prazo prescricional: Tributo de lei viciada deve ser restituído. **Consultor Jurídico**, [s. l.], 10 set. 2012. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2012-set-10/dalton-miranda-tributo-lei-viciada-restituido-contribuinte/>. Acesso em: 20 out. 2023

MORO, a obscura face da maldade aos poucos é revelada, por Sergio Medeiros. **Jornal GGN**, [s. l.], 15 jun. 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/moro-a-obscura-face-da-maldade-aos-poucos-e-revelada-por-sergio-medeiros/>. Acesso em: 20 out. 2023.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2012.

PAES, D. A. E. R. Estruturas discursivas: o encapsulamento anafórico em redações de pré-vestibulandos. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2013.

PAIS de Itaquaquecetuba protestam pela falta de transporte escolar. **G1**, São Paulo, 19 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/pais-de-itaquaquecetuba-protestam-pela-falta-de-transporte-escolar.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

PARA AUDITORES, proposta de reforma da Previdência tem excessos. **Diário do Nordeste**, [s. l.], 22 mar. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/para-auditores-proposta-de-reforma-da-previdencia-tem-excessos-1.2078682>. Acesso em: 20 out. 2023.

POLÍCIA abre inquérito para investigar suspeitos de estelionato no shopping de Piracicaba. **G1**, Piracicaba e Região, 3 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/policia-abre-inquerito-para-investigar-suspeitos-de-estelionato-no-shopping-de-piracicaba.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2023.

QUAIS seriam os efeitos de um possível embargo do Brasil à Venezuela. **Gazeta do Povo**, [s. l.], 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/quais-seriam-os-efeitos-de-um-possivel-embargo-do-brasil-a-venezuela/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

RAMOS, L. V. Os reflexos dos contratos eletrônicos nos contratos de seguro e suas implicações no código de defesa do consumidor. **Âmbito Jurídico**, [s. l.], 1 abr. 2013. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-111/os-reflexos-dos-contratos-eletronicos-nos-contratos-de-seguro-e-suas-implicacoes-no-codigo-de-defesa-do-consumidor/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

RELATOR pede áudios do VAR e julgamento de Botafogo x Palmeiras é adiado. **Terra**, [s. l.], 7 jun. 2019. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/futebol/brasileiro-serie-a/relator-pede-audios-do-var-e-julgamento-de-botafogo-x-palmeiras-e-adiado,2434319ff609379e15c008a4b663000b0qhv3f14.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 20 out. 2023.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES NETO, A.; LEHFELD, L. de S. Sociedade de risco e sustentabilidade: de Ulrich Beck à contemporânea crise ambiental, de consumo e a importância da inovação tecnológica. **Âmbito Jurídico**, [s. l.], 16 dez. 2022. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-sociedade-da-inseguranca-e-o-legislador-ate%20nto-e-decidido/>. Acesso em: 20 out. 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SERVIDORES do Estado fazem ‘bloco de carnaval dos sem salário’ para cobrar o 13°. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 9 fev. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia->

e-financas/servidor-publico/servidores-do-estado-fazem-bloco-de-carnaval-dos-sem-salario-para-cobrar-13-22382182.html. Acesso em: 3 nov. 2023.

SILVA, T. M. S. **Aspecto da anáfora encapsuladora em redações de estudantes universitários**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SPANGHERO, M. A mi me encantan las metáforas! **Galáxia**, [s. l.], n. 5, p. 279-285, 2003.

SOUZA, E. R. F.; GONÇALVES, C. A. Linguística textual e morfologia. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações**, homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017, p. 144-188.

SOUZA, H. P. Metáforas e domínios narrativos numa perspectiva da Linguística de Corpus. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 30, n. 2, 2014, p. 185–213. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/27969>. Acesso em: 25 set. 2023.

TALMY, L. **Toward cognitive semantics**. Volume 1: concept structuring systems. Volume II: Typology and process in concept structuring. Cambridge: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact? In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (eds.). **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

WIEDEMER, M. L. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. **Veredas**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 102-122, 2014.

WIEDEMER, M. L.; COSTA, F. R. G. O advérbio preposicional “antes de” em construções hipotáticas de realce não finitas. **Revista Odisséia**, [s. l.], v. 4, n. esp., p. 89-110, 2019.

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. **Revista Soletras**, [Rio de Janeiro], v. 1, n. 37, p. 59-82, 2019.

WIEDEMER, M. L.; PINTO DE OLIVEIRA, M. P. O estatuto categorial das preposições acidentais/atípicas: a proposição dos relatores circunstanciais como classe gramatical. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 59, p. 105-138, 2020.

VEJA os perfis das vítimas identificadas após rompimento da barragem de Brumadinho. Estado de Minas Gerais, [s. l.], 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/>

noticia/gerais/2019/02/03/interna_gerais,1026201/veja-os-perfis-das-vitimas-do-rompimento-da-barragem-de-brumadinho.shtml#google_vignette. Acesso em: 3 nov. 2023.

VENDAS do iPhone: Só o Natal poderá salvar os números. **Pplware**, [s. l.], 23 out. 2016. Disponível em: <https://pplware.sapo.pt/apple/vendas-do-iphone-so-o-natal-podera-salvar-os-numeros/>. Acesso em: 20 out. 2023.